

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS – UNESP – BAURU
Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem

Aline de Marco da Silveira

**CARACTERIZAÇÃO DE RELACIONAMENTOS CONJUGAIS QUANTO A
COMUNICAÇÃO E AFETO E SUA RELAÇÃO COM A PARENTALIDADE,
PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO INFANTIL E DEPRESSÃO MATERNA**

BAURU

2018

Aline de Marco da Silveira

**CARACTERIZAÇÃO DE RELACIONAMENTOS CONJUGAIS QUANTO A
COMUNICAÇÃO E AFETO E SUA RELAÇÃO COM A PARENTALIDADE,
PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO INFANTIL E DEPRESSÃO MATERNA**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título
de Mestre à Universidade Estadual Paulista “Julio de
Mesquita Filho” –Programa de Psicologia do
Desenvolvimento e Aprendizagem, área de concentração:
Desenvolvimento e Aprendizagem. Orientadora: Professora
Adja. Alessandra Turini Bolsoni-Silva.

BAURU

2018

Silveira, Aline de Marco.

Caracterização de relacionamentos conjugais quanto a comunicação e afeto e sua relação com a parentalidade, problemas de comportamento infantil e depressão materna / Aline de Marco da Silveira, 2018

121 f. : il.

Orientadora: Alessandra Turini Bolsoni-Silva

Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Psicologia, Bauru, 2018

1. Relação Conjugal. 2. Problemas de comportamento. 3. Parentalidade. 4. Depressão Materna. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Psicologia. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ALINE DE MARCO DA SILVEIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 21 dias do mês de agosto do ano de 2018, às 09:00 horas, no(a) Anfiteatro do prédio da pós-graduação da Faculdade de Ciências, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profª Drª ALESSANDRA TURINI BOLSONI SILVA - Orientador(a) do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, Profª Drª LIDIA NATALIA DOBRIANSKYJ WEBER do(a) Departamento de Psicologia / Universidade Federal do Paraná, Profa. Dra. OLGA MARIA PIAZENTIN ROLIM RODRIGUES do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências - UNESP/Campus de Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ALINE DE MARCO DA SILVEIRA, intitulada "**CARACTERIZAÇÃO DE RELACIONAMENTOS CONJUGAIS QUANTO A COMUNICAÇÃO E AFETO E SUA RELAÇÃO COM A PARENTALIDADE, PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO INFANTIL E DEPRESSÃO MATERNA**". Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: _____. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Profª Drª ALESSANDRA TURINI BOLSONI SILVA

Profª Drª LIDIA NATALIA DOBRIANSKYJ WEBER

Profa. Dra. OLGA MARIA PIAZENTIN ROLIM RODRIGUES

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Meireluz e Francisco, agradeço o apoio e incentivo de todo tipo que recebi durante a vida, com vocês aprendi o valor e a importância do estudo e a ser persistente em meus objetivos.

A minha irmã, Priscila, de quem tenho grande orgulho e admiração, agradeço pelas palavras de carinho e pelo constante cuidado.

A Gabriel, meu namorado, agradeço imensamente pelos incessantes momentos em que me acalmou, apoiou, pelas noites em claro, pelo constante suporte pelas demonstrações de amor e pelos momentos descontraídos que me são tão preciosos. Além de uma pessoa incrível, você é um profissional maravilhoso, do qual me espelho e admiro.

À minha orientadora Alessandra Bolsoni-Silva, cujo trabalho me inspira desde que a conheci no terceiro da graduação, gostaria de agradecer a dedicação, os direcionamentos, o trabalho realizado e o ensino para eu me tornar a profissional que sou hoje.

Agradeço a minha amiga e parceira de trabalho Giovanna por ser uma escuta maravilhosa e por proporcionar ótimas tardes de discussões e planos de vida e trabalho. E agradeço aos queridos amigos que sempre estiveram presentes em momentos difíceis, em especial à Barbara, Felipe e Ricardo, que me fizeram aprender que a amizade e cumplicidade não tem distâncias. Por fim, agradeço à Monet, que me ensinou, dentre fidelidade, respeito e amor, que a morte não é capaz de separar sentimentos.

Às professoras Patricia Alvarenga, Lidia Weber e Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues, agradeço pela disposição e pelas contribuições que trouxeram ao trabalho.

À CAPES, agradeço o incentivo e apoio financeiro.

SILVEIRA A.M. **Caracterização de relacionamentos conjugais quanto a comunicação e afeto e sua relação com a parentalidade, problemas de comportamento infantil e depressão materna.** 2018. 121f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) - UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2018.

RESUMO

O relacionamento conjugal consiste em uma das principais interações para o círculo familiar e a satisfação conjugal pontua como primordial para o bom desenvolvimento marital. Problemas com a parentalidade, com o comportamento infantil e a depressão materna acabam por favorecer condições de insatisfação na conjugalidade. Assim sendo, a partir de uma amostra de 130 mulheres, casadas, mães de crianças com e sem problemas de comportamento, o presente trabalho é composto por dois estudos que têm por objetivo geral realizar uma comparação entre aspectos da relação conjugal, práticas parentais positivas e negativas, depressão materna, ocorrência de problemas de comportamento infantil e habilidades sociais infantis. Para tal foram desenvolvidos dois estudos: Estudo I-) objetivou realizar uma comparação entre comunicação e afeto na relação conjugal, com parentalidade e indicativo de depressão materna; Estudo II-) objetivou realizar uma comparação entre comunicação e afeto na relação conjugal, considerando a ocorrência de problemas de comportamento infantil e habilidades sociais infantis. Para a realização do primeiro estudo, foram utilizados os instrumentos de análise Questionário de Relacionamento Conjugal, Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais e Questionário Sobre a Saúde do Paciente-9 obtendo, de modo geral, que tanto o grupo de mulheres com práticas parentais positivas quanto o grupo de mulheres com baixa frequência de práticas parentais negativas tem alta frequência de comunicação no relacionamento conjugal. Casais com práticas positivas comunicam-se mais positivamente e se relacionam de modo mais afetuoso que casais com práticas negativas. Quanto à depressão materna, obteve-se que o grupo de mães sem indicativo de depressão demonstrou expressar e receber com maior frequência afeto e comunicação em seu relacionamento. O mesmo grupo comunica-se tanto de forma positiva quanto de forma negativa com o cônjuge e interage tanto de forma positivamente afetuosa quanto de forma negativamente afetuosa. No entanto, a maior quantidade de mães deste grupo afirma estar satisfeita com seu relacionamento conjugal. Para o Estudo II foram utilizados os instrumentos Questionário de Relacionamento Conjugal, Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais e Child Behavior Checklist e, de maneira geral, obteve-se que o grupo de mães de crianças sem problemas de comportamento descrevem relacionamentos com maior frequência de comunicação e afeto, apresentando relações com mais comunicação positiva, no entanto, também descreveram comunicação negativa e afeto negativo na relação. Contudo, a maior quantidade de mães de crianças sem problemas de comportamento ainda descreveram estar satisfeitas com seu relacionamento. No que concerne às comparações referentes às habilidades sociais infantis, obteve-se que o grupo de mães de crianças sem déficits para habilidades sociais apresentou maior frequência de comunicação em seu relacionamento, comunicando-se de forma mais negativa, no entanto, agindo de forma mais positivamente afetuosa na interação com o cônjuge. Como contribuição para o presente estudo, destaca-se as relações entre a satisfação conjugal e a parentalidade, bem como entre a satisfação conjugal e problema de comportamento infantil e habilidades sociais infantis, considerando sua relação com a depressão materna. **Palavras-Chave:** Problemas de comportamento. Relação conjugal. Parentalidade. Depressão Materna.

ABSTRACT

The marital relationship consists in one of the main interactions to the family circle and the marital satisfaction points out as primordial to the good marital development. Problems with parenthood, child behavior and maternal depression tend to favor conditions of dissatisfaction in conjugality. Thus, from a sample of 130 women, married, mothers of children with and without behavioral problems, the present research is composed of two studies that have as general objective to make a comparison between aspects of the conjugal relationship, positive and negative parental practices, maternal depression, occurrence of child behavior problems and children's social skills. For that, two studies were developed: Study I) aimed to comparing communication and affection in the conjugal relationship, with parenting and indicative of maternal depression; Study II) aimed to make a comparison between communication and affection in the conjugal relationship, considering the occurrence of children's behavior problems and children's social skills. In order to carry out the first study, the instruments of analysis used was the Questionário de Relacionamento Conjugal, Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais and Questionário Sobre a Saúde do Paciente-9, obtaining, in general, that both the group of women with positive parental practices and the group of women with low frequency of negative parental practices have a high frequency of communication in the marital relationship. Couples with positive practices communicate more positively and relate more affectionately than couples with negative practices. Regarding as to maternal depression, the group of mothers with no indication of depression was able to express and receive affection and communication more frequently in their relationship. The same group communicates both positively and negatively with the spouse and interacts affectively both positively and negatively. However, the higher number of mothers in this group affirms that they are satisfied with their marital relationships. For the Study II, it was used the instruments "Questionário de Relacionamento Conjugal", "Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais" and "Child Behavior Checklist" and, in general, it was obtained that the group of mothers of children without behavioral problems describe relationships with greater frequency of communication and affection, presenting relationships with more positive communication, however, also described negative communication and negative affection in the relationship. However, the greater number of mothers of children without behavioral problems still described being satisfied with their relationship. Concerning the comparisons related to children's social skills, it was obtained that the group of mothers of children without social skills deficits presented a higher frequency of communication in their relationship, communicating more negatively, however, acting more positively affectionate in the interaction with the spouse. As contributions to the present study, the relationship between marital satisfaction and parenthood, as well as between marital satisfaction and child behavior problem and child's social skills, is highlighted, considering its relation to maternal depression.

Keywords: Behavioral Problems; Marital Relationship; Parenthood; Maternal Depression.

LISTA DE TABELAS

ESTUDO I

Tabela 1. Comparações entre grupos com práticas positivas parentais e déficits para práticas positivas parentais, excesso de práticas negativas parentais e baixa frequência de práticas negativas parentais a respeito de frequência e qualidade de comportamentos de comunicação e afeto no relacionamento e avaliação da satisfação conjugal.....**56**

Tabela 2. Comparações entre grupos de mulheres com indicativo de depressão materna e sem indicativo de depressão materna a respeito da qualidade e frequência de comportamentos de comunicação e afeto no relacionamento e avaliação da satisfação conjugal.....**59**

ESTUDO II

Tabela 1. Comparações entre grupos de mães de crianças com problemas de comportamento e sem problemas de comportamento a respeito da frequência e qualidade de comportamentos de comunicação e afeto no relacionamento e avaliação da satisfação conjugal.....**83**

Tabela 2. Comparações entre grupos de mães de crianças com déficit em habilidades sociais e sem déficits em habilidades sociais a respeito da frequência e qualidade de comportamentos de comunicação e afeto no relacionamento e avaliação da satisfação na relação conjugal.....**85**

APÊNDICE

Tabela 1. Descrição da categorização dos itens do QRC a partir de Comunicação positiva e negativa, afeto positivo e negativo e avaliação da relação conjugal.....**104**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. ESTUDO I.....	38
1.1. Introdução.....	41
1.2. Método.....	51
1.3. Resultados.....	57
1.4. Discussão.....	63
1.5. Considerações Finais.....	67
1.6. Referências.....	68
2. ESTUDO II.....	72
2.1. Introdução.....	75
2.2. Método.....	82
2.3. Resultados.....	86
2.4. Discussão.....	90
2.5. Considerações Finais.....	94
2.6. Referências.....	94
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
4. REFERÊNCIAS.....	102
5. APÊNCIDE.....	112
6. ANEXOS.....	117

INTRODUÇÃO

Cultural e individualmente, o casamento consiste em um importante desfecho à relação amorosa, relacionado à consolidação de uma relação construída com base em uma história de reforçamento e de aprendizagem mútua na qual se estabeleceu um valioso vínculo, sendo socialmente construído como uma importante etapa do ciclo de vida (ASPESI, CHAGAS & DESSEN, 2005). Acompanhada ao matrimônio, a satisfação conjugal tem se mostrado um fator importante à permanência dos indivíduos nos relacionamentos, estando essa variável associada a existência de filhos na relação, as práticas parentais (PACE, SHAFER, JENSEN & LARSON, 2015; AHMADI & SAADAT, 2014; FANTINATO, 2013; HOSOKAWA & KATSURA, 2017), a presença de problemas de comportamento infantil (MARK & PIKE, 2017; BRAITHWAITE et al., 2015; GOLDBERG & CARLSON, 2014), as habilidades sociais conjugais (SARDINHA, FALCONE & FERREIRA, 2009; VILLA & DEL PRETTE, 2013; FONSECA & CARVALHO, 2016) as habilidades sociais infantis (BOLSONI-SILVA & MARTURANO, 2010) e as condições de saúde de um dos cônjuges como, por exemplo, a depressão materna (NEVES & DUARTE, 2015; NAJMAN et al., 2014; HSIAO, 2017). No presente estudo busca-se compreender como essas variáveis se relacionam mutuamente e com a satisfação conjugal.

Dela Coleta (1989) conceitua a satisfação conjugal como uma diferença entre a percepção que o cônjuge tem da realidade do casamento e os desejos estabelecidos para o futuro da relação. Entretanto, a conceituação da satisfação conjugal é bastante abstrata na literatura, sobretudo por se tratar de um fenômeno que perpassa múltiplas variáveis, dentre as quais se destacam a proximidade, coesão e status socioeconômico dos cônjuges, a habilidade em resolução de problemas, a comunicação (NORGREN et al.; 2004), o bem estar do casal e dos filhos, as características sociodemográficas, a saúde física e os estados depressivos de humor (MOSMANN, WAGNER & FÉRES-CARNEIRO, 2006).

Mosmamm, Wagner e Féres-Carneiro (2006) afirmam que a satisfação conjugal está relacionada aos comportamentos positivos emitidos pelos cônjuges enquanto que comportamentos negativos gerariam avaliações negativas. No contexto do relacionamento conjugal, portanto, as respostas aos comportamentos do outro, sejam positivas ou negativas, afetam o casamento e dado o passar do tempo, o acúmulo de

experiências influencia na avaliação e satisfação relatada pelo cônjuge (GOTTMAN,1993). Relacionando os conceitos propostos à análise do comportamento pode-se dizer que comportamentos positivos de comunicação e afeto reforçam os comportamentos dos cônjuges de continuarem próximos de forma que, como subproduto, ocorrem sentimentos positivos de satisfação conjugal e, ao contrário, quando os comportamentos negativos ocorrem com maior frequência que os positivos, os cônjuges podem ter seus comportamentos de aproximação punidos e sentimentos negativos de insatisfação tendem a emergir. Nessa linha, sentimentos podem ser compreendidos como eventos privados (alterações fisiológicas) discriminados e nomeados por um indivíduo por intermédio de uma comunidade verbal, entendendo como eventos privados os estímulos ou respostas não acessíveis à observação pública de maneira direta, mas passíveis de serem acessados pelo próprio indivíduo, de forma que uma resposta privada envolve reduzida participação do aparelho motor localiza-se no próprio corpo do indivíduo (FERREIRA et al., 2010). Para Skinner (1945) é por intermédio da interação com a sociedade e com a comunidade verbal que se aprende a discriminar algumas condições corporais, isso posto, é por meio da comunidade verbal que o indivíduo aprende a discriminar um conjunto de alterações fisiológicas e a nomeá-las como “satisfeito”, “insatisfeito”, “frustrado” ou “contente” após a aquisição de um repertório comportamental que possibilite a auto-descrição promovida por uma comunidade que observa os indivíduos e ensina a descrição de sentimentos de acordo com correlatos acessados publicamente (FERREIRA et al., 2010). Desta forma apenas após a aquisição de um repertório comportamental adquirido após a interação com a comunidade verbal que se aprende a discriminar um conjunto de condições fisiológicas tais quais como “frustração”, “raiva”, “tristeza”, “mágoa” e “insatisfação” ou “felicidade”, “carinho”, “afeto”, “desejo” e “satisfação” que mais tarde serão instrumentos utilizados para a avaliação da relação conjugal a partir da maior frequência de comportamentos positivos ou negativos entre os cônjuges.

O aumento da satisfação conjugal estaria, ainda, associado a habilidades de resolução de problemas, coesão, bom status econômico, a proximidade do casal e habilidades para comunicação positiva (NORGREN et al., 2004). Deste modo, a satisfação conjugal poderia ser compreendida como aumento da frequência de comunicação positiva e afetividade no relacionamento, garantindo o aumento de reforçadores positivos, de forma que os pensamentos e expectativas positivas anteriores

do que seria a relação se aproximassem da situação atual do casal, entendendo pensamentos em termos de comportamentos verbais encobertos, de maneira que o comportamento se torna encoberto quando sua força declina abaixo do nível necessário para uma emissão aberta (SKINNER, 1957/1992) sendo a punição e o controle social a comportamentos verbais emitidos de forma aberta uma das explicações para a redução do comportamento a nível encoberto (SKINNER 1957/1992). Nesse sentido, pode-se esperar que um casal seja mais satisfeito quando há mais reforço que punição em sua interação, principalmente no que concerne à comunicação e afetividade.

Além dos comportamentos da interação conjugal, outras variáveis também influenciam na satisfação conjugal, dentre elas está a depressão. A definição nosológica de depressão maior é descrita a partir do “Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. 2014), que elenca como critérios diagnósticos a presença de cinco ou mais dos seguintes sintomas, durante o mesmo período: “humor deprimido, diminuição do interesse em atividades, perda ou ganho significativo de peso, insônia ou hipersonia, agitação ou retardo psicomotor, fadiga ou perda de energia, sentimentos de inutilidade/culpa excessiva, concentração prejudicada e pensamentos recorrentes de morte e/ou ideação suicida. Importante salientar que tais sintomas devem causar sofrimento significativo ou prejuízo social, profissional ou em outras áreas da vida do indivíduo” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. 2014 p.161).

Em uma perspectiva analítico-comportamental, Cavalcante (1997) argumenta que a depressão deve ser compreendida como um conjunto complexo de comportamentos. Segundo a autora o behaviorismo radical busca nas interações organismo-ambiente as explicações para o comportamento de forma que a depressão consiste, portanto, no fruto de um padrão de interação com o ambiente e produto de seleção, devendo ser compreendida a partir de uma análise de contingências. Os principais padrões de interações ambientais descritos por Cavalcante (1997), após revisão de literatura, envolvem a) baixa densidade de reforçamento, a qual envolve a redução de algumas atividades somada à alta incidência de choro, irritação, reclamação e a escassez de reforçamento social gerada por repertório social inadequado; b) a extinção, que foi verificada em pesquisas conduzidas com animais, demonstrando a ocorrência de respostas depressivas quando a extinção é aplicada após uma história de reforçamento; c) e a punição, que quando apresentada de forma prolongada e inevitável relaciona-se à

depressão, agravando-se quando as tentativas de defender-se resultam, também, em punição. Ainda com relação à punição, a estimulação aversiva inevitável e prolongada provoca redução comportamental e é capaz de interferir no efeito de contingências de reforçamento subsequentes, o que ficou conhecido como desamparo aprendido.

Cavalcante (1997) adicionalmente afirma a necessidade de considerar na interação organismo-ambiente o reforçamento de comportamentos que evidenciam a manifestação de sofrimento, como reclamação, choro e irritabilidade, descrevendo-os como comportamentos de fuga e esquiva mantidos por reforçamento negativo utilizados com a função de reduzir a estimulação aversiva. Em curto prazo, tais comportamentos podem ser positivamente reforçados pelo aumento de atenção e simpatia do outro, no entanto, a médio e longo prazo, acaba se tornando aversivo ao expectador e acaba sendo evitado, resultando na remoção da fonte de reforçamento.

Cavalcante (1997) finaliza afirmando, que ao descrever o comportamento depressivo, é necessário observar os padrões de interação que o indivíduo estabelece com o ambiente social à sua volta, como dito anteriormente, baixo reforçamento, extinção de comportamentos previamente estabelecidos e punições prolongadas e inevitáveis que aparentam ser elementos fundamentais para o estabelecimento do padrão do comportamento depressivo.

Sabe-se que a depressão de um dos cônjuges é uma variável capaz de influenciar negativamente na satisfação conjugal, nessa linha, Neves e Duarte (2015) desenvolveram um estudo que objetivou observar a forma com que se relacionavam os sintomas depressivos, as estratégias de resolução de conflitos conjugais e a satisfação conjugal de 130 pessoas casadas utilizando o *Center for Epidemiological Studies Depression Scale (CES-D)* (GONÇALVES & FAGULHA, 2004) para avaliar os sintomas depressivos dos participantes, o *Conflict-Resolution Behavior Questionnaire*, (REESE-WEBER & BARTLEHARING, 1998) para medir as estratégias de resolução de conflitos e um Questionário Sócio-demográfico de modo a conduzir as análises. As autoras encontraram que os indivíduos com mais sintomas depressivos apresentaram menor satisfação conjugal e utilizam mais estratégias destrutivas de resolução de problemas, como o ataque/evitamento. Tais resultados se apresentam na mesma direção que os de Najman et al., (2014), os quais realizaram uma associação entre a qualidade conjugal e a depressão de 2971 (duas mil, novecentas e setenta e uma) mães, recrutadas no início da gravidez e

acompanhadas durante 21 (vinte e um) anos. Para isso, por quatro vezes, foram aplicados o Spanier Dyadic Adjustment Scale (DAS) (SPANIER, 1976) a fim de testar o ajustamento do casal e uma subescala de depressão do Inventário de Sintomas de Estados de Delírio (DSSI/SAD) (BEDFORD, FOULDS & SHEFFIELD, 1976) de modo à medir a depressão materna. Como resultados obtiveram-se que a depressão materna prediz pobre qualidade conjugal e, de maneira contrária, a baixa qualidade conjugal prediz depressão. Os autores apontaram que a depressão materna pode conduzir a uma diminuição da qualidade conjugal, bem como uma baixa qualidade conjugal pode levar a um aumento dos níveis de depressão.

A boa saúde mental, entretanto, indica interações mais positivas no relacionamento, tal qual apontam Santos, Vandenberghe e Tavares (2015) ao verificarem a relação entre as interações conjugais e a saúde mental a partir de uma amostra de 169 (cento e sessenta e nove) casais com idades entre 18 (dezoito) e 55 (cinquenta e cinco) anos, que responderam ao Questionário de Saúde Geral (QSG) (GOLDBERG & HILLIER, 1979) e ao Checklist de Relações Interpessoais-II (CLOIT-II) (COUTO, VAN HATTUM, VANDENBERGHE & BENFICA, 2005). Como resultados obtiveram-se que o grupo sintomático para problemas de saúde obteve altas médias em hostilidade, desconfiança e frieza ao interagir com os parceiros, não obstante, o grupo de pessoas que não apresentou problemas de saúde mental tenderam a ser mais amigáveis e calorosos com seus cônjuges em comparação com pessoas que apresentaram demandas relacionadas a saúde mental.

Do ponto de vista da análise do comportamento, e pensando nos resultados apontados pelos estudos empíricos, pode-se entender que em situações de conflito com o cônjuge, indivíduos com sintomas depressivos frequentemente tendem a punir positivamente (atacar) o parceiro ou reforçá-los negativamente (evitamento), fazendo uso de estratégias de resolução de conflitos pouco eficazes tanto para a resolução do problema quanto para a manutenção de uma relação fundamentada em reforçamento positivo, de forma que, em longo prazo, decorra a permanência dos problemas e a diminuição da satisfação com o relacionamento. No mesmo sentido, um relacionamento com poucos reforçadores, tais quais baixos níveis de afeto e de comunicação, somado a muitas punições, com extinção de comportamentos que antes eram relevantes para o estabelecimento de interações positivas entre o casal, pode ser um fator que influencia para o desenvolvimento de sintomas depressivos em um dos cônjuges. Por outro lado,

com maior frequência os indivíduos assintomáticos para problemas de saúde mental tendem a se comportar de forma mais reforçadora e a reforçar positivamente os comportamentos adequados dos cônjuges, sendo mais afetivos, amigáveis e calorosos, estabelecendo uma interação conjugal positiva e satisfatória.

A depressão de um dos cônjuges pode diminuir a frequência e intensidade de reforçadores, interferindo na satisfação conjugal. No entanto, além do adoecimento, problemas de interação com os filhos como dificuldades com a parentalidade ou problemas de comportamento infantil são variáveis que influenciam na satisfação com o relacionamento.

É possível classificar os problemas de comportamento como internalizantes ou externalizantes, sendo os externalizantes compreendidos como impulsividade, agressão, agitação, características desafiantes e anti-sociais e constituindo a maior parte das queixas sobre o comportamento infantil, já os comportamentos internalizantes, são observados como timidez excessiva, medo excessivo, dificuldades corporais/fisiológicas (PATTERSON, REID, & DISHON, 1992), asma, nervosismo, recusa de ir à escola, dispersão do olhar, ansiedade, preocupação exagerada, movimentos lentos, tristeza e excesso de apego (ACHENBACK & EDELBROCK, 1979). O “Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al., 2014) subdivide os problemas de comportamento infantis externalizantes em transtorno de oposição desafiante, transtorno de conduta e transtorno de comportamento disruptivo sem outra especificação. O transtorno de oposição desafiante refere-se a “um padrão de humor raivoso/irritável, de comportamento questionador/desafiante ou vingativo com duração de pelo menos seis meses.” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al., 2014 p.462). O transtorno de conduta é descrito no DSM-5 como “um padrão de comportamento repetitivo e persistente no qual são violados direitos básicos de outras pessoas ou normas ou regras sociais relevantes e apropriadas para a idade presentes por, pelo menos, seis meses” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al., 2014 p.470) Por fim, o transtorno de comportamento disruptivo sem especificação é descrito pelo manual como

a apresentação de sintomas característicos do transtorno (problemas na regulação comportamental manifestando-se em comportamentos que violam os direitos dos outros ou colocam o indivíduo em conflito significativo com normas sociais ou figuras de autoridade) que causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo,

mas não satisfazem todos os critérios da classe diagnóstica dos transtornos disruptivos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al., 2014 p. 480).

Problemas de comportamento do tipo internalizantes relacionam comportamentos associados à ansiedade, depressão e somatizações, entendendo que a depressão em crianças e adolescentes se caracteriza pelos mesmos sintomas da depressão em adultos (ACHENBACH & RESCOLA, 2001) enquanto que a literatura classifica as fobias específicas, fobia social, ansiedade de separação, problemas obsessivo-compulsivos, ataques de pânico e ansiedade generalizada como os principais tipos de transtornos de ansiedade na infância e adolescência (TANDON, CARDELI & LUBY, 2009). A descrição nosológica dos problemas de comportamento do tipo internalizantes, descreve a fobia específica pelo “Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5” como medo ou ansiedade exacerbada e desproporcional acerca de um objeto ou situação, expresso em crianças por meio de choro, ataques de raiva, imobilidade ou comportamentos de agarrar-se, com duração mínima de seis meses (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. 2014 p. 197). A fobia social consiste em medo ou ansiedade exacerbada e desproporcional acerca de situações sociais em que o indivíduo é exposto a contextos de possível avaliação social envolvendo, no caso da fobia social infantil, tanto pares quanto adultos com uma duração mínima de seis meses, de forma que a exposição às situações sociais tipicamente provocam os sintomas, expressos por crianças como choro, imobilidade, ataques de raiva, ou fracasso de falar diante de expectadores (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. 2014 p. 203). A ansiedade de separação manifesta-se como medo ou ansiedade excessiva e desproporcional ao estágio de desenvolvimento a que se encontra o indivíduo, envolvendo sofrimento e preocupação demasiada quanto a separação daqueles com quem se tem apego, com duração de pelo menos quatro semanas em crianças e adolescentes (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. 2014 p. 190). O transtorno obsessivo-compulsivo tem como suas principais características a presença de obsessões e compulsões, entendendo obsessões como pensamentos repetitivos e persistentes e compulsões como comportamentos repetitivos executados pelo indivíduo a fim de responder a uma obsessão. Observa-se que as obsessões e compulsões devem tomar um longo tempo ou causar prejuízo clinicamente significativo (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. 2014 p. 237). O Transtorno do Pânico é descrito pelo manual como ataques de pânico recorrentes e inesperados, entendendo ataques de pânico como um episódio de medo intenso que alcança um pico em poucos minutos,

podendo ocorrer taquicardia, sudorese, tremores, sensação de falta de ar, asfixia, tontura e formigamento, desconforto torácico e abdominal, calafrios e medo de perder o controle ou morrer. É importante que pelo menos um dos ataques seja seguido de pelo menos um mês de apreensão persistente ou mudanças de comportamento referentes ao ataque de pânico (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al., 2014 p. 208). Por fim, a ansiedade generalizada é caracterizada como excessiva ansiedade e preocupação acerca de diversos eventos e atividades por pelo menos seis meses, de maneira que a intensidade, duração ou frequência da preocupação relatada não condiz com a real probabilidade ou impacto do evento antecipado (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. 2014 p.222).

Para além da descrição nosológica é possível compreender os problemas de comportamento internalizantes ou externalizantes do ponto de vista analítico-comportamental como um conjunto de respostas operantes e respondentes controlados por antecedentes e consequentes, de forma a exercer funções na interação organismo-ambiente (ALVARENGA, WEBER & BOLSONI-SILVA, 2016). Nesse sentido, além da topografia e ocorrência de respostas é fundamental compreender a função dos problemas de comportamento, como chamar a atenção dos pais, resolver problemas, esquivar-se de tarefas difíceis, evitar ser contrariado por adultos ou pares e conseguir um alimento ou atividade específicos, tal qual apontado por Alvarenga, Weber e Bolsoni-Silva (2016) em revisão. O problema de comportamento seria, então, um operante capaz de produzir consequências reforçadoras, ao passo que a criança não consegue obtê-las fazendo uso de comportamentos alternativos já existentes em seu repertório (GOLDIAMOND, 2002).

Nessa linha de raciocínio problemas de comportamento podem ser compreendidos como déficits ou excessos comportamentais que prejudicam a interação da criança com pares e adultos de sua convivência, além de dificultar a aquisição de novas contingências de reforçamento que poderiam facilitar a ocorrência e manutenção de repertórios relevantes para a aprendizagem de comportamentos cada vez mais complexos (BOLSONI-SILVA & DEL PRETTE, 2003). Diante das funções possíveis dos problemas de comportamento, ou seja, para obter atenção, resolver problemas, esquivar-se de tarefas difíceis, verifica-se a relevância da criança ter repertórios alternativos para obter esses reforçadores positivos e negativos, nesse sentido os comportamentos de habilidades sociais tornam-se importantes (ALVARENGA, WEBER & BOLSONI-SILVA, 2016).

Estudos empíricos já demonstraram que habilidades sociais e problemas de comportamento são inversamente proporcionais, tal qual Cia e Barham (2009) que observaram a relação entre as habilidades sociais, o auto conceito, os problemas de comportamento e o desempenho acadêmico de crianças pré escolares, desenvolvendo um estudo com 99 (noventa e nove) crianças, 97 (noventa e sete) pais/ mães e 20 (vinte) professores fazendo uso do *Social Skills Rating System* (SSRS) (GRESHAM & ELLIOTT, 1990), aplicado aos pais/mães, para mensurar a percepção parental quanto ao repertório de habilidades sociais e existência/ intensidade de problemas de comportamento internalizantes e externalizantes nas crianças, aos professores a fim de avaliar habilidades sociais e problemas de comportamento do ponto de vista dos educadores e às crianças para avaliar o autoconceito infantil, às ultimas também foi aplicado o *Self-description Questionnaire 1* (SDQ1) (MARSH & SMITH, 1982), para avaliar o autoconceito infantil e o *Teste de Desempenho Escolar* (TDE) (STEIN,1994), para obter um índice do desempenho acadêmico. Os autores destacam como resultados que quanto maiores os problemas comportamentais apresentados, menor o repertório em habilidades sociais das crianças, tal qual seu desempenho acadêmico e autoconceito, adicionalmente, há uma correlação positiva entre habilidades sociais, desempenho acadêmico e autoconceito. Resultados semelhantes foram obtidos por Casali-Robalinho, Del Prette & Del Prette (2015) que caracterizaram o repertório de habilidades sociais e problemas de comportamento infantil bem como avaliaram a força preditiva das habilidades sociais para problemas comportamentais de 220 (duzentas e vinte) crianças entre o 3º (terceiro) e 6º (sexto) ano do Ensino Fundamental. A fim de avaliar as habilidades sociais infantis, os problemas de comportamento e competência acadêmica das crianças, os pesquisadores fizeram uso do Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRSBR) (GRESHAM & ELLIOTT, 1990), o qual pais, professores e crianças foram respondentes. Os autores obtiveram que o déficit em habilidades sociais tem peso preditivo sobre problemas comportamentais, principalmente no que concerne à responsabilidade (auto-avaliação), autocontrole e civilidade (pais e professores).

Da mesma forma, Pereira Falcão, Bolsoni-Silva, Magri e Moretto (2016) obtiveram resultados similares ao descrever o ensino de habilidades sociais para crianças por meio de um procedimento de intervenção com redução de problemas comportamentais. Participaram da intervenção sete crianças que apresentavam problemas de comportamento em ambiente escolar e familiar, de modo que pais e professores

responderam respectivamente ao "Child Behavior Checklist" (CBCL) e "Teachers Report Form" (TRF) (ACHENBACH & RESCORLA, 2001) para pré-escolares e escolares a fim de investigar a frequência de respostas indicativas de problemas de comportamento. O Protocolo de observação, elaborado para a avaliação processual do desempenho dos participantes foi aplicado sessão a sessão, descrevendo habilidades sociais (DEL PRETTE, & DEL PRETTE, 2005; GONÇALVES & MURTA, 2008) e problemas de comportamento (BARHAM & CIA, 2009; LEME & BOLSONI-SILVA, 2010). A intervenção ocorreu de modo que trechos de uma animação eram selecionados por sessão e analisados funcionalmente com as crianças, buscando-se aproximar a animação aos conteúdos da sessão, bem como ao contexto das crianças. Ao final do estudo, as autoras observaram que apesar dos participantes não deixaram de apresentar problemas de comportamento externalizantes, internalizantes e totais a nível clínico, pais e professores relataram uma diminuição de sua frequência em ambiente familiar e escolar após a intervenção e ganho de repertório em habilidades sociais.

O ganho de repertório socialmente habilidoso pode diminuir a frequência de problemas comportamentais em crianças mesmo quando apresentados em mais de um ambiente, desta forma, déficits em habilidades sociais possuem peso preditivo para a presença de problemas de comportamento e, adicionalmente, possuir repertório socialmente habilidoso relaciona-se positivamente ao modo com que a criança se vê no mundo (autoconceito) e como produz academicamente.

Para a Análise do Comportamento, entende-se que o ganho de repertório em habilidades sociais diminuiria a frequência de operantes e respondentes prejudiciais às interações organismo-ambiente pelo estabelecimento de interações sociais mais positivas e reforçadoras (positiva e negativamente) entre pares e adultos, tal qual resolver problemas mais facilmente e de forma mais efetiva, aprender a pedir elogios-afeto-atenção a familiares e amigos de forma assertiva e a comunicar-se de maneira positiva com colegas e adultos. Desse modo a mudança da forma com que a criança se vê no mundo seria um subproduto de relações mais reforçadoras positivamente e negativamente através do estabelecimento de interações sociais mais habilidosas, enquanto que a melhora do desempenho acadêmico estaria relacionada a interações mais reforçadoras com pares e professores no ambiente escolar, bem como com repertório adicional de fazer e responder perguntas, dar e pedir feedback, entre outros. Sendo assim, o uso de habilidades sociais oferece novos repertórios comportamentais que permite que as

crianças aprendam operantes alternativos aos comportamentos problemas por aprenderem que, ao usarem dos socialmente habilidosos, há uma maior probabilidade de obtenção de reforçamento social/familiar, tal qual afeto, melhor comunicação, obtenção de desejos, mais atenção, melhor resolução de problemas e maior aproximação social.

Embora amplamente utilizada não há consenso sobre a definição de habilidades sociais. Para Segrin (1992) o termo se refere à interação mais apropriada e efetiva entre os indivíduos, enquanto Cabalo (1991) afirma que o comportamento socialmente habilidoso se refere à expressão de atitudes sentimentos, opiniões, desejos, respeitando a si próprio e aos outros, levando à resolução dos problemas situacionais e a diminuição da probabilidade de ocorrência dos problemas futuros. As habilidades sociais dizem respeito a comportamentos necessários a uma relação interpessoal bem-sucedida, incluindo comportamentos de iniciar, manter e finalizar conversas, pedir ajuda, fazer e responder perguntas, fazer e recusar pedidos, defender-se, expressar sentimentos de agrado e desagrado, pedir mudança no comportamento do outro, lidar com críticas e elogios, admitir erros, desculpar-se e escutar empaticamente (CABALLO, 2003). Riggio (2005) define o termo de forma mais voltada à expressividade e sensibilidade, afirmando que as habilidades sociais incluem habilidades de expressividade, sensibilidade, conhecimento e controle de situações sociais e das próprias emoções. Del Prette e Del Prette (1999/2012) descrevem componentes importantes para o estabelecimento de boas interações sociais que abarcam principalmente componentes verbais de conteúdo, como fazer/responder perguntas, solicitar mudança de comportamento, lidar com críticas, pedir/dar feedback, opinar/concordar e discordar, elogiar, agradecer, fazer pedidos, recusar pedidos, justificar-se, autorrevelar-se e utilizar-se de humor. No entanto, a descrição oferecida pelos autores vai além, passando por componentes verbais de forma, como latência e duração da fala, e pela expressão corporal como olhar, sorrir e gesticular:

O comportamento socialmente habilidoso pode ser facilmente entendido como comportamento verbal, o que sugere que as definições propostas pelos autores e as taxonomias realizadas por Caballo (2003) e Del Prette e Del Prette (1999/2012) descrevem operantes verbais que objetivam uma maior chance de obter reforçamento social. Nesse sentido, o reforçamento social depende da emissão de operantes verbais e não verbais aprendidos por intermédio de determinado grupo por meio de práticas culturais. Segundo Bolsoni-Silva e Carrara (2010) práticas culturais sugerem consequências que as mantêm, desta forma, um indivíduo que emite uma resposta

assertiva ao se comunicar, de maneira a obter o que deseja e respeitando a si e ao próximo, tem como consequência o reforçamento social e a emissão deste operante, seguida de reforçamento podem garantir a sobrevivência da mesma prática dentro de determinado grupo, dado que este comportamento pode produzir consequências semelhantes àqueles que o imitem (BOLSONI-SILVA & CARRARA, 2010).

Nesse sentido, habilidades sociais podem ser entendidas como repertórios operantes, prioritariamente operantes verbais, à medida que são respostas “consequenciadas” por uma comunidade verbal, ou seja, por intermédio de práticas culturais, podendo assumir funções tais como de mando (comportamento verbal em forma de ordem, pedido, pergunta, conselho ou aviso) e tato (comportamento verbal de descrição do ambiente interno e externo) (BOLSONI-SILVA & CARRARA 2010). Essa análise pode se estender para todas as habilidades sociais, no entanto, a título de exemplo, pode-se olhar para os comportamentos de fazer perguntas e dar feedback positivo que são “consequenciados” por membros de determinada cultura, sendo reforçados ou punidos por membros da sociedade e, desta forma, mantendo-se ou suprimindo-se no repertório comportamental. Fazer perguntas poderia ser considerado um mando quando uma mãe pergunta ao filho como foi o dia de aula ou qual seu personagem de desenho favorito. Quanto a dar feedback positivo, comportamento que envolve mais de uma habilidade social (identificar o comportamento positivo, expressar sentimento positivo e informar qual comportamento está sendo reforçado), há a presença de tato quando, por exemplo, a mãe descreve as consequências naturais para os comportamentos da criança.

Possuir um repertório socialmente habilidoso é fator que contribui para a melhora das relações, tanto conjugais quanto parentais. Nesse sentido casais que fazem uso de habilidades sociais, comunicando-se melhor, sendo mais afetivos e apresentando soluções adequadas para problemas, tendem a ter melhores práticas parentais (BOLSONI-SILVA & MARTURANO, 2010) tanto modelando como servindo de modelos para comportamentos habilidosos das crianças e auxiliando na diminuição de problemas de comportamento infantil (BOLSONI-SILVA & DEL PRETTE, 2003). Nessa linha, o modo com que os pais educam os filhos pode influenciar positiva ou negativamente no desenvolvimento da criança, indicando uma relação entre práticas educativas e problemas de comportamento, no sentido de que características da interação entre pais e filhos acabariam por incentivar comportamentos problema, de modo direto ou indireto, por meio de disciplina inconsistente, pouca interação positiva, baixo monitoramento e pouca

supervisão das atividades exercidas (BOLSONI-SILVA , LOUREIRO & MARTURANO, 2016).

Para Gomide (2006) práticas parentais são distinguidas como práticas positivas e práticas negativas, ao passo que práticas positivas remetem a Monitoria Positiva, entendida como um conjunto de práticas parentais que envolvem atenção e conhecimento dos pais acerca de onde seu filho se encontra e das atividades desenvolvidas por ele (DISHION & MCMAHON, 1998; STATTIN & KERR, 2000; GOMIDE, 2003), bem como demonstrações de afeto e carinho paternos, principalmente em momentos que a criança aparenta estar mais vulnerável (GOMIDE, 2003), e Comportamento Moral, descrito como uma prática educativa de transmissão valores, como honestidade, generosidade e senso de justiça aos filhos, auxiliando-os na discriminação do certo e errado por meio de modelos positivos, dentro de uma relação afetuosa (GOMIDE, 2007). Para a autora as práticas negativas são compreendidas como Negligência, em que os pais se ausentam de suas responsabilidades e das necessidades de afeto da criança; Punição Inconsistente, descrita como uma forma de punição ou reforçamento não contingente aos comportamentos da criança e orientados pelo humor do cuidador; Monitoria Negativa que caracteriza-se pelo excesso de instruções por parte dos pais, independentemente de seu cumprimento; Disciplina Relaxada cujo os pais deixam de cumprir regras estabelecidas e Abuso Físico/Psicológico descrito como o infringimento de dor à criança ou uso de chantagem de abandono e humilhação (GOMIDE, 2006).

Nesse sentido se entende as Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P) como comportamentos mais adaptativos para o estabelecimento de boas interações sociais entre pais e filhos. Bolsoni-Silva (2008) as classifica em três categorias distintas: comunicação, expressão de sentimentos de enfrentamento e estabelecimento de limites, entendendo a comunicação como comportamentos verbais de iniciar e manter conversa, bem como fazer e ouvir a perguntas feitas pelos filhos; a expressão de sentimentos de enfrentamento é descrita pela autora como comportamentos verbais de expressar sentimentos positivos, negativos e de opiniões, demonstrando carinho e brincando com a criança e o estabelecimento de limites, definido pela emissão de comportamentos de identificar motivos pelos quais se estabelecem limites, assim como comportamentos que os pais consideram apropriados e inapropriados a criança através do estabelecimento de conversa com o cônjuge a respeito da educação dos filhos, da identificação de possíveis erros em sua criação e identificação de momentos e comportamentos que justificam o

estabelecimento de limites. Alguns estudos empíricos relacionam as Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P) e/ou as práticas parentais negativas aos problemas de comportamento infantil, indicando que quanto mais habilidades sociais educativas, menores as chances de ocorrência de problemas de comportamento. Freitas e Alvarenga (2016) caminham nesta direção ao realizarem um estudo que objetivou avaliar a relação entre as habilidades sociais educativas parentais, práticas negativas e problemas externalizantes na infância. Com essa finalidade, 33 (trinta e três) pais de crianças com idades entre seis a nove anos responderam ao Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P; BOLSONI-SILVA, LOUREIRO & MARTURANO, 2011) o qual avaliou as habilidades sociais educativas parentais (HSE-P) e práticas educativas negativas (PR-NEG), ao Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência 6-18 anos (*Child Behavior Checklist* – CBCL; ACHENBACH & RESCORLA, 2001) o qual avaliou a incidência de problemas de comportamento infantil externalizantes, e a um questionário sociodemográfico. Como resultados, as autoras encontraram correlações positivas entre práticas educativas negativas e problemas externalizantes, problemas de conduta e o comportamento de quebrar regras (CBCL), indicando que quanto mais práticas negativas os pais utilizam na hora de educar, maior a chance de a criança apresentar problemas de comportamento externalizantes. Também buscando relacionar habilidades sociais educativas parentais e problemas de comportamento infantil, Bolsoni-Silva e Marturano (2008) desenvolveram um estudo que objetivou comparar habilidades sociais educativas parentais entre pais de crianças pré-escolares com problemas de comportamento e com comportamento socialmente habilidoso, o qual participou 48 (quarenta e oito) casais, segundo os quais 24 (vinte e quatro) eram pais de crianças com comportamento socialmente habilidoso e 24 (vinte e quatro) pais de crianças com problemas de comportamento segundo o relato de professores. Aplicou-se o Questionário de Resposta Socialmente Habilidosas (QRSH-P; SILVA, 2000) a fim de medir o nível de habilidades sociais das crianças a partir do ponto de vista do professor, a Escala Comportamental Infantil para Professores (ECI-B; RUTTER, 1967; SANTOS, 2002) para descrever as respostas indicativas de problemas de comportamento infantil a partir do ponto de vista dos professores e o Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P; BOLSONI-SILVA & LOUREIRO, 2010) a fim de investigar as habilidades sociais educativas parentais. No que concerne aos resultados, as autoras encontraram que a comparação entre o grupo de pais de crianças com problemas de comportamento e os socialmente habilidosos indicou

diferenças para as habilidades sociais educativas parentais de afetividade (demonstrar carinho, discriminar comportamentos adequados) e de consistência parental (cumprir promessas e concordar com o cônjuge na hora de educar), o que pode indicar que a atenção e afeto dos pais, bem como a consistência do casal são variáveis que podem influenciar para o bom desenvolvimento infantil. Resultados semelhantes foram encontrados por Bolsoni-Silva e Loureiro (2011) que buscaram comparar práticas educativas parentais e o comportamento de crianças com problemas (clínico) e sem problemas (não clínico) de comportamento de forma que 53 (cinquenta e três) mães participaram do estudo, divididas entre grupo clínico (n=27) e grupo não clínico (n=26), respondendo ao Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência para pré-escolares e escolares (4 [quatro] a 18 [dezoito] anos) (Child Behavior Checklist CBCL ; ACHENBACH & RESCORLA, 2001), que investiga a frequência de respostas indicativas de problemas de comportamento e ao Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais(RE-HSE-P; BOLSONI-SILVA & LOUREIRO, 2010) que identifica as habilidades sociais educativas parentais HSE-P, as práticas educativas negativas, as habilidades sociais infantis, as variáveis de contexto da interação pais e filhos e a frequência de habilidades sociais educativas parentais. As autoras encontraram como resultados que as mães do grupo não clínico relataram com maior frequência estabelecer limites para controlar o comportamento da criança (para que ela seja obediente, responsável e se ajuste às normas da sociedade). Da mesma forma, o mesmo grupo relatou com mais frequência o uso de expressão de sentimentos de enfrentamento e a concordância conjugal quanto as práticas parentais, tendo seus filhos maior frequência de comportamento socialmente habilidoso. Deste modo, as habilidades sociais educativas parentais podem estar relacionadas as habilidades sociais infantis e a baixa ocorrência de problemas de comportamento. Adicionalmente, a qualidade da interação conjugal parece ter sido um fator importante na análise, apontando para a forma com que o casal lida com o desacordo quanto a educação do filho, sendo que no grupo com problemas de comportamento há uma maior frequência do relato de brigas com o cônjuge em comparação com o grupo sem problemas de comportamento.

Nesse sentido, tal como as práticas parentais negativas podem influenciar para o surgimento de problemas de comportamento infantil, estudos empíricos apontam a existência de aspectos da conjugalidade, tal qual a satisfação e qualidade conjugal, como fatores que influenciam diretamente na parentalidade e, por sua vez, na maior ou menor

probabilidade de ocorrência de problemas comportamentais na criança, assim como aponta o estudo de MOSMANN et al. (2014) que realizaram uma associação entre conjugalidade, parentalidade, coparentalidade e sintomas internalizantes e externalizantes em crianças de quatro a 18 (dezoito) anos. Para isso, 100 casais responderam a Escala de Avaliação da Coesão e Adaptabilidade Conjugal (Faces III; OLSON, 2000) de modo a avaliar a coesão e adaptabilidade familiar, a Escala de Conflito Conjugal (BUEHLER & GERARD, 2002) com o intuito de medir a maneira com que o casal lida com os conflitos e o tipo de conflito que se estabelece na relação, a Escala de Práticas Parentais (TEIXEIRA, OLIVEIRA & WOTTRICH, 2006) de modo a avaliar a parentalidade do ponto de vista do apoio emocional, controle punitivo, incentivo à autonomia, intrusividade, supervisão do comportamento e cobrança de responsabilidade; o Child Behavior Checklist (CBCL; ACHENBACH & RESCORLA, 2001) a fim de obter resultados indicativos para problemas de comportamento infantil e a Escala de Relação Coparental (ERC; FEINBERG, BROWN & KAN, 2012) de forma a mensurar a coparentalidade a partir do acordo coparental, da proximidade coparental, da exposição ao conflito coparental, do suporte coparental, da competição coparental, da aprovação da parentalidade do outro e divisão do trabalho coparental. Como resultados, as autoras apontam que a alta exposição da criança a competição coparental, a intrusividade parental a supervisão do comportamento e aos conflitos parentais predizem problemas de comportamento externalizantes. Enquanto que a baixa exposição a momentos de aprovação parental é uma variável capaz de aumentar a incidência de problemas externalizantes e internalizantes, ao passo que a baixa exposição à adaptabilidade conjugal prediz baixa incidência de problemas internalizantes. Desta forma, casais pouco adaptados na relação, que tem muitos conflitos, que pouco aprovam os comportamentos da criança, que competem muito, são muito intrusivos ou supervisionam excessivamente os comportamentos dos filhos tem maior chance de ter filhos com problemas de comportamento internalizantes ou externalizantes. Na mesma direção seguem os resultados de Robinson e Neece (2015) que associaram a satisfação conjugal, o estresse parental e o comportamento infantil em uma amostra diversa de 44 (quarenta e quatro) pais de crianças com idades entre dois anos e meio e cinco anos com atraso no desenvolvimento e altos níveis de problema de comportamento. O Child Behavior Checklist (CBCL; ACHENBACH & RESCORLA, 2001) para crianças de um ano e meio a cinco anos, foi aplicado a fim de identificar respostas indicativas de problemas de comportamento infantil, o Parenting Stress Index-Short Form (ABIDIN, 1995) foi

utilizado para medir o nível de estresse parental e o Dyadic Adjustment Scale-Short Form (DAS-SF; SPANIER, 1976) teve como objetivo avaliar a satisfação e a qualidade do relacionamento conjugal. As autoras obtiveram como resultados que o estresse parental se relacionou a problemas de comportamento externalizantes, no que se refere a agressão da criança, e a problemas internalizantes, no que diz respeito a reatividade emocional e isolamento social. Adicionalmente, a satisfação conjugal dos pais associou-se à baixos níveis de estresse parental e de problemas de comportamento internalizantes, externalizantes e totais. Especificamente, casais satisfeitos em seu relacionamento tem menor chance de estarem estressados com a parentalidade e terem filhos com problemas externalizantes, apresentando agressão, transtorno desafiador opositivo e sintomas de TDAH, bem como com problemas internalizantes tal qual ansiedade/depressão e sintomas de reatividade emocional.

Ainda no que se refere à satisfação no relacionamento e práticas parentais, Dinis (2016) analisou a relação entre conjugalidade, investigando a satisfação e ajustamento conjugal, investimento parental e coparentalidade numa amostra de 26 (vinte e seis) mulheres e 29 (vinte e nove) homens com idades entre 24 (vinte e quatro) e 57 (cinquenta e sete) anos. Para a realização do estudo, aplicou o Questionário de Satisfação Conjugal (EASAVIC; NARCISO & COSTA, 1996) de modo a medir o nível de satisfação no relacionamento, a Escala de Ajustamento Conjugal (R-DAS; SPANIER, 1976) para avaliar ajustamento conjugal e a qualidade do relacionamento, o Questionário de Coparentalidade (QC; MARGOLIN et al., 2001) de modo a medir a consistência parental no que concerne à educação da criança, a Escala de Investimento Parental na Criança (EIPC; MARTINHO, CARNAVARRO & RAMOS, 2008) utilizada para avaliar o nível de prazer em estar com a criança, de conhecimento sobre suas necessidades e de tomada de decisões em prol dos seus melhores interesses e um questionário sociodemográfico e clínico. A autora levantou como hipótese o fato de que a satisfação conjugal, o ajustamento conjugal e a coparentalidade poderiam se relacionar positivamente com o investimento parental, obtendo em seus resultados que não há diferença estatística entre ajustamento conjugal e investimento parental. No entanto, obteve-se que há correlações positivas entre aspectos da satisfação conjugal, como funções familiares, tempo livre, autonomia, comunicação e conflitos, intimidade emocional, rede social e sexualidade e da coparentalidade, tal qual triangulação que se relacionam positivamente com o investimento parental, relativas a prazer, sensibilidade e conhecimento básico das

necessidades da criança e aceitação do papel parental. Deste modo, é possível dizer que a satisfação conjugal e a forma com que os pais são consistentes na educação dos filhos se relacionam ao nível de prazer e de conhecimento sobre as necessidades e sobre a tomada de decisão em prol das necessidades da criança.

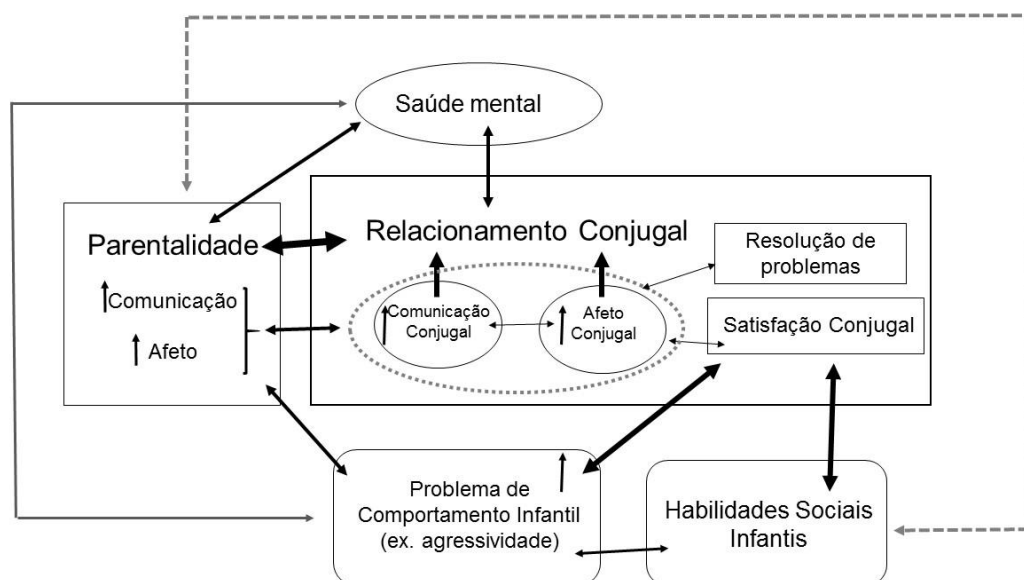
Da mesma forma que para as habilidades sociais, as habilidades sociais educativas parentais também podem ser compreendidas como operantes verbais, em sua maioria com a função de mandos e tatos, que possuem como finalidade tanto a obtenção de reforçamento na interação pai-criança, ao iniciar e manter conversa, fazer e ouvir a perguntas referente a temas de interesse das crianças, expressar sentimentos positivos, opiniões, dar carinho e brincar quanto de punir comportamentos indesejados, ao expressar sentimentos negativos, e identificar momentos e comportamentos emitidos pela criança que justifiquem o estabelecimento de limites. Da mesma forma ocorre para a definição de práticas positivas parentais de Gomide (2006), de forma que os comportamentos descritos pelas classes “monitoria positiva” e “comportamento moral” se tratam de operantes que, quando emitidos, são capazes de produzir reforçamento positivo. No entanto, ao utilizar-se de práticas parentais negativas, há a ocorrência de punição negativa diante de pedidos de ajuda às necessidades da criança (Negligência), punição não contingente aos comportamentos emitidos pela criança (Punição Inconsistente), punição ou reforçamento não contingente aos comportamento da criança diante das regras estabelecidas (Disciplina Relaxada) e punição positiva e negativa diante da emissão de comportamentos da criança que desagradam (Abuso Físico / Psicológico) de modo que a modelagem do comportamento da criança ocorre por meio de coerção pela retirada de punição no intuito de aumentar ou manter a frequência de bons comportamentos ou pelo uso de práticas altamente punitivas com a finalidade de diminuir a frequência de comportamentos indesejáveis. Entretanto, se por um lado a coerção é capaz de diminuir a frequência do comportamento indesejado, por outro sua durabilidade é questionável visto que o uso da punição, segundo Sidman (1995) não ensina repertórios alternativos, baseando a diminuição do comportamento problema no medo da punição em vez de uma descrição verbal de uma alternativa ao problema imposto a criança. Adicionalmente, as práticas utilizadas pelos pais modelam e são modelos para o comportamento das crianças, de modo que se os pais se comportam de forma agressiva e pouco habilidosa no momento de interagir, também há chance de os filhos aprenderem que esta é uma forma válida de interação e fazer uso da agressividade tanto como forma de contra controle quanto de

resolução de problemas em momentos de conflitos. Por outro lado, se os pais forem afetivos e se comunicarem de forma positiva e colocarem limites de maneira assertiva, utilizando de habilidades sociais educativas parentais na hora de educar, um modelo de comportamento socialmente habilidoso é oferecido, de modo a possibilitar o ensino de repertórios alternativos a eventuais comportamentos problemas e de repertórios mais relevantes à aprendizagem da criança em momentos de interação com os pais, pares, professores e familiares, possibilitando uma maior chance de obtenção de reforçamento positivo e negativo nas interações sociais.

De maneira simultânea, pais que estão insatisfeitos, com muitos conflitos no relacionamento e estressados com seus cônjuges podem tanto oferecer modelos de agressividade e de comportamentos pouco habilidosos às crianças nos momentos de interação com os cônjuges quanto fazer uso de práticas negativas na hora de educar, punindo negativa ou positivamente (ex. desaprovando, invadindo privacidade, supervisionando excessivamente) e ensinando às crianças que diante de situações estressantes, de insatisfação, conflito ou quando não se tem repertório alternativo, responder de maneira agressiva ou pouco habilidosa traz reforçadores negativos, tal qual a diminuição de respondentes e a eliminação de punitivos (ex. resolução do problema em curto prazo). Crianças em tais situações também podem desenvolver problemas internalizantes ao tentarem esquivar-se das situações de demonstração de estresse parental e das práticas negativas parentais.

Por outro lado, a satisfação conjugal associa-se principalmente as habilidades de comunicação positiva e de melhor resolução de problemas (NORGREN et al. 2004), de modo que tais habilidades podem ser descritas como operantes verbais capazes de produzir reforçadores positivos e negativos à relação (habilidades de comunicação positiva) e diminuir a probabilidade de ocorrência de uma nova situação aversiva (resolução de problemas). Desta forma, casais satisfeitos em seu relacionamento podem generalizar as habilidades praticadas na interação conjugal para outros contextos, tal qual a interação parental, sendo capazes de fazer uso de práticas parentais mais positivas e de habilidades sociais educativas parentais, modelando e dando modelo de comportamentos socialmente habilidosos às crianças a partir de duas formas interação (parental e conjugal).

Desta forma, o comportamento socialmente habilidoso influencia tanto para a melhora das interações conjugais quanto parentais, produzindo efeitos positivos no comportamento das crianças e melhorando a satisfação com o relacionamento ao passo que pode proteger as mães de se encontrarem em ambientes muito aversivos, ensinando a resolver problemas e comunicar-se de forma mais afetiva e assertiva, evitando o desenvolvimento de depressão. Pode-se entender a existência de uma relação entre as variáveis “relacionamento conjugal”, “parentalidade”, “problemas de comportamento infantil” e “depressão materna” perpassando conceitos relacionados às habilidades sociais, como comunicação positiva e afetividade que auxiliariam em situações de resolução de problemas nas interações sociais, de modo que um modelo explicativo que associa estas variáveis é apresentado e exemplificado a seguir:



Entende-se que a partir do modelo apresentado, que o relacionamento conjugal pode ser influenciado de forma proximal ou distal por diversas variáveis, compreendendo medidas distais como aquelas mais globalizantes e estruturais, com menor valor explicativo, e próximas como aquelas mais dinâmicas, capazes de explicar melhor as variações comportamentais observadas (MATOS, 1983). Parece que a satisfação do relacionamento conjugal passa por comunicação e afeto, uma vez que a intimidade emocional dos cônjuges é apontada pela literatura como um dos fatores que mediam como os parceiros avaliam a comunicação do outro e os quão satisfeitos estão com a relação (YOO, BARTLE-HARING, DAY & GANGAMMA, 2014). Junto a isto, a regulação das emoções negativas frente às más experiências e comportamentos desaprovados é tanto

apontada como uma característica de casamentos com relato de satisfação conjugal quanto um indicador para o aumento da satisfação conjugal em longo prazo quando mediada por uma comunicação positiva (BLOCH, HAASE & LEVENSON, 2014), deste modo, tanto a afetividade parece influenciar no modo que a comunicação é percebida, quanto a comunicação parece mediar a associação entre baixo nível de emoções negativas e satisfação conjugal. Nesse sentido, casais mais satisfeitos em seus relacionamentos comunicam-se mais positivamente, menos negativamente e de maneira mais afetiva para ambos, entendendo a satisfação como importante fator para prever comunicação no relacionamento (LAVNER, KARNEY & BRADBURY, 2016). Desta forma, é possível dizer que casais que apresentam bons níveis de comunicação e afetividade, possuem maior chance de estarem satisfeitos com o casamento.

Adicionalmente, a qualidade no relacionamento também se relaciona com a parentalidade (FANTINATO, 2013), no sentido de que um relacionamento conjugal que possui uma comunicação assertiva também possui melhores habilidades de resolução de problemas com a parentalidade e maior satisfação conjugal (PACE, SHAFER, JENSEN & LARSON, 2015). Por outro lado, casamentos com baixa qualidade e baixos níveis de satisfação conjugal apresentam maiores chances de apresentar práticas parentais negativas na hora de educar as crianças (AHMADI & SAADAT, 2014; HOSOKAWA & KATSURA, 2017), de forma que o uso de uma comunicação parental agressiva na interação pai/mãe – filho associa-se a ansiedade, depressão, raiva e sintomas somatizantes nas crianças e, por outro lado, usar da comunicação afetuosa ao interagir associa-se ao bem-estar infantil (POLCARI, RABI, BOLGER & TEICHER, 2014). A comunicação afetiva por parte dos pais é um fator de proteção ao desenvolvimento saudável da criança (POLCARI, RABI, BOLGER & TEICHER, 2014), nesse sentido, comunicar-se positivamente com os filhos e usar da comunicação positiva e afetividade relaciona-se a uma maior proteção ao desenvolvimento da criança e a uma melhor interação familiar.

A literatura aponta uma relação entre habilidades sociais infantis e um bom relacionamento conjugal, em que casais que resolvem conflitos de forma mais amistosa e construtiva tendem a ter filhos com maiores escores de auto-controle e assertividade (HOSOKAWA & KATSURA, 2017), de forma que as habilidades sociais infantis associam-se ao uso de práticas parentais mais positivas (FANTINATO & CIA, 2015; ASSIS, 2017) e estas a uma melhora da satisfação conjugal (HOSOKAWA & KATSURA, 2017).

A satisfação conjugal, de modo similar, associa-se à variável problema de comportamento infantil, de maneira que o aumento do nível de problemas comportamentais na criança produz diminuição da satisfação no relacionamento conjugal (GOLDBERG & CARLSON, 2014; MARK & PIKE, 2017) e vice versa (BRAITHWAITE et al., 2015). Os problemas comportamentais infantis, sejam internalizantes ou externalizantes, associam-se ao baixo nível de habilidades sociais existente no repertório comportamental da criança (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2017) e ao uso de práticas parentais negativas, de forma que pais com bom repertório em habilidades sociais educativas parentais tendem a ter baixa frequência de práticas negativas, fator que parece estar associado a baixa emissão de problemas de comportamento infantis (FANTINATO & CIA, 2015).

Tendo em vista um ambiente formado por possível uso de práticas negativas parentais devido a altos níveis de problemas de comportamento, baixos níveis de habilidades sociais infantis e baixo repertório comportamental para lidar com o problema, é possível entender a formação de um contexto familiar consideravelmente aversivo, de forma que um cenário semelhante, com grande frequência e intensidade de eventos negativos, se relaciona a quadros de depressão materna (MCCULLOUGH & SHAFFER, 2013; DIX & YAN, 2015) e a consequente queda na satisfação conjugal. (NAJMAN et al., 2014; NEVES & DUARTE, 2015). Desta forma, a literatura aponta uma relação entre depressão de um dos cônjuges e queda da qualidade do relacionamento conjugal (NAJMAN et al, 2014), no sentido de que o indivíduo depressivo utiliza de estratégias mais destrutivas e conflituosas na hora de se comunicar, influenciando na qualidade da relação (NEVES & DUARTE, 2015). De forma que, uma relação muito conflituosa, que expõe o indivíduo a contextos aversivos, com baixos níveis de afetividade e altos níveis de comunicação negativa, pode acabar conduzindo a um quadro depressivo.

Deste modo, observando como se dão as interações entre os indivíduos de acordo com os variados contextos, entende-se a necessidade de descrever como as variáveis “relacionamento conjugal”, “parentalidade”, “problemas de comportamento” e “depressão materna” se relacionam para uma melhor compreensão das relações indivíduo-ambiente de forma mais molecular e molar, expressa pelo modelo explicativo apresentado. Portanto, realizou-se uma análise de como tais variáveis poderiam se relacionar em uma interação indivíduo-ambiente, com base nos princípios da análise do comportamento, por meio de análise funcional.

Posto isto, entende-se que mesmo os relacionamentos com bons níveis de satisfação passam por momentos de conflitos, podendo levar a situações aversivas e dificuldades no relacionamento conjugal. Opiniões divergentes, histórias de vida diferentes, histórias de reforçamento distintas e regras sobre o que esperar de uma relação conjugal são possíveis antecedentes a respostas geradoras de conflitos. Um exemplo seria uma esposa que deseja trabalhar fora, porque vem de uma história de aprendizagem que ensinou que as mulheres precisavam trabalhar para não depender unicamente do marido, enquanto seu esposo aprendeu ao longo de sua história que mulheres não devem trabalhar, estabelecendo-se, então, um momento de conflito no relacionamento. Neste cenário, a reivindicação da esposa por trabalhar fora constitui para o esposo em um estímulo aversivo e a negação à reivindicação exercida pelo marido também exerce papel de estimulação aversiva para a esposa de modo que, em um contexto de conflito e estimulação aversiva, no qual o casal se sente punido um pelo outro, pode haver uma diminuição da satisfação conjugal.

No contexto hipotetizado a comunicação pode auxiliar para a melhora da satisfação conjugal no sentido de que um cônjuge pode aprender a ouvir o outro, aceitando que as pessoas podem ter opiniões diferentes, mudando seu controle por regras, aprendendo a negociar, envolvendo-se em interações assertivas para reduzir os aversivos envolvidos. Entendendo, neste momento, o “conversar” como um reforçador negativo por estar vinculado a uma situação de resolução de problemas. Por outro lado, a comunicação também pode ser um reforçador positivo, no sentido de que se pode conversar sobre assuntos que não estejam relacionados apenas resolução de conflitos ou situações aversivas, mas a contar sobre o próprio dia, a roupa que comprou, o lugar que vão sair, não estando, portanto, apenas relacionado a resolução de conflitos.

Interações afetivas na relação, como beijar, abraçar, presentear, elogiar e valorizar características do outro, quando bem recebidas pelo parceiro, são reforçadores positivos, capazes de produzir um clima amistoso no relacionamento de forma que é possível relacionar o afeto com a comunicação nas relações amorosas, uma vez que estando o casal com bons níveis de afetividade e, portanto, num bom clima conjugal, aumenta-se a chance de se conversar sobre assuntos difíceis e a estabelecer melhores estratégias de resolução de problemas, reforçando-se negativamente.

No entanto, se no relacionamento conjugal, por muito tempo, há uma baixa frequência e intensidade de afeto, comunicação e alta frequência de conflitos, configurando um ambiente com poucos reforçadores e muitas punições, há um alto nível de insatisfação conjugal e chance de entrada em um quadro depressivo, segundo o modelo apresentado por Cavalcante (1997). Deste modo, levando em conta um baixo repertório em comunicação e afeto por parte dos pais, entende-se que pode-se adoecer também no contexto da parentalidade, uma vez que ocorrendo um baixo nível de habilidades sociais infantis e alto nível de problemas de comportamento na criança, pode ocorrer uma maior frequência de práticas parentais negativas (entendendo-as como uma classe de respostas reforçadas negativamente, uma vez que seguido a emissão de agressão, a criança aparenta parar de emitir o comportamento problema, retirando assim, a aversividade do ambiente), no entanto, seu uso não ensina repertórios alternativos ao comportamento problema à criança, que passa a voltar a emití-los dado um período de tempo. Deste modo, o uso de práticas parentais negativas para lidar com o comportamento problema dos filhos se mantém, contudo, cria-se um clima muito ruim entre pais-filhos de modo que há baixa frequência de reforçadores na relação, devido a baixos níveis de afetividade, de comunicação positiva e ao alto nível de problemas comportamentais infantis, tais fatores combinados podem aumentar a chance para o surgimento de conflitos conjugais e insatisfação no casamento. Avaliando o contexto altamente aversivo de uso de muitas práticas parentais negativas, baixo repertório para lidar com os problemas de comportamento das crianças, muitos conflitos conjugais e insatisfação conjugal, temos consequências hora muito punitivas, hora reforçadas negativamente, de modo que há grande ausência de reforçadores positivos no contexto de vida do indivíduo, tornando compreensível, então, sua inserção no indicativo para depressão.

Deste modo, os repertórios socialmente habilidosos que envolvem comunicação e afeto perpassam os contextos da conjugalidade e parentalidade, passando para a forma com que a criança se vê e se comporta no mundo (apresentando ou não problemas de comportamento infantil) e, de forma molecular ou mais molar, a interação entre todas as variáveis parece influenciar na manifestação de depressão em um dos cônjuges.

Neste ponto, após a descrição do esquema apresentado, torna-se necessária a apresentação de algumas definições essenciais para a melhor compreensão do leitor. Sabe-se que é tarefa do analista do comportamento identificar as contingências que operam no ambiente e, inclusive, as que possivelmente operaram no passado. Nesse

sentido, em sua obra “Ciência e Comportamento Humano”, Skinner (1974) descreve o termo “análise funcional” como uma relação de causa e efeito entre variáveis dependentes e independentes: “As variáveis externas das quais o comportamento é função dão margem ao que pode ser chamado de análise causal ou funcional” ao que mais adiante, descreve o que se denomina por tríplice contingência, considerando como elementos chave a ocasião em que a resposta ocorre, a resposta em si e as consequências obtidas (SKINNER, 1974). Moore (1984) afirma que a análise funcional identifica relações entre as variáveis antecedentes, resposta e consequentes na tríplice contingência responsáveis pela aquisição e manutenção de repertórios comportamentais.

As consequências descritas pela tríplice contingência podem ser reforçadoras (positivas e negativas) ou punitivas (positivas ou negativas), de forma que Catânia (1998/1999) afirma que o termo “reforço” se emprega tanto para indicar uma operação (a resposta produziu um reforçador) quanto um processo (o responder aumentou porque produziu um reforçador).

Compreendendo o reforço como processo, temos que este consiste em um tipo de consequência que aumenta a probabilidade de determinado comportamento voltar a ocorrer (MOREIRA & MEDEIROS, 2007/2008), logo, podemos imaginar uma situação em que o marido fale alto para calar a esposa (resposta), conseguindo o silêncio da parceira (consequência reforçadora) aumentando, assim, a probabilidade de que, em uma situação semelhante no futuro, o esposo tenda a se comportar de forma semelhante. Também se pode imaginar uma situação em que a esposa fale sobre seus sentimentos ao cônjuge (resposta), conseguindo afeto do esposo (consequência reforçadora), aumentando a chance dela se comportar assim futuramente. Para determinar se um estímulo é reforçador ou uma consequência é reforçadora, torna-se necessário observar sua relação com o comportamento, observando se a consequência afeta determinado comportamento, levando ao aumento da probabilidade de sua ocorrência (MOREIRA & MEDEIROS, 2007/2008). Denomina-se reforço positivo a consequência que aumenta a chance do comportamento ocorrer por conta da modificação produzida no ambiente estar relacionada à adição de um estímulo (MOREIRA & MEDEIROS, 2007/2008). No exemplo descrito, a esposa falar sobre seus sentimentos ao cônjuge (resposta) gerou afeto do parceiro (adição de estímulo no ambiente), sendo, portanto, reforçada positivamente. Por outro lado, também é possível que o comportamento seja reforçado negativamente, em que se aumenta a chance de ocorrência do comportamento pela modificação no

ambiente se relacionar a retirada de um estímulo (MOREIRA & MEDEIROS, 2007/2008). Tal qual ocorre no caso do esposo que fala alto para calar a esposa (resposta) conseguindo o silêncio da parceira (retirada do estímulo) e aumentando suas chances de se comportar assim novamente, sendo, portanto, reforçado negativamente.

A punição, por sua vez, destina-se a eliminar comportamentos inadequados, ameaçadores ou indesejáveis do repertório de um indivíduo, baseado na ideia de que respostas punidas apresentam menor probabilidade de reincidência. Comportamentos passíveis de punição, no entanto, tendem a ressurgir assim que forem removidas as contingências punitivas (SKINNER, 1983). O termo punição é funcionalmente definido como a consequência que reduz a frequência do comportamento que a produz (MOREIRA & MEDEIROS, 2007/2008), como exemplo podemos pensar em uma criança que age com agressividade (resposta) e apanha da mãe (consequência) passando, então, a diminuir suas respostas agressivas ou uma criança que procrastina a tarefa de casa (resposta) e deixa de ganhar sobremesa no jantar (consequência), passando a fazer as tarefas com maior frequência. Tal qual o reforço, também a punição é compreendida como positiva e negativa, entendendo a punição positiva como a diminuição da probabilidade da ocorrência de uma resposta futura dada a apresentação de um estímulo aversivo ao ambiente e a punição negativa como a diminuição da probabilidade da ocorrência de uma resposta futura dada a retirada de um estímulo reforçador do ambiente (MOREIRA & MEDEIROS, 2007/2008). No caso dos exemplos ilustrados, temos na criança que age com agressividade um caso de punição positiva, em que se adiciona um estímulo aversivo (apanhar da mãe), e na criança que procrastina um caso de punição positiva, com a remoção de um estímulo reforçador (sobremesa do jantar). Em sua obra “Ciência e Comportamento Humano”, Skinner questiona o uso de punição como técnica de ensino, na medida em que, em longo prazo, seu uso traz desvantagens tanto para a agência punidora quanto para o organismo punido, gerando emoções negativas (tal qual perda de afetividade) e pré-disposição para fuga ou contra controlar. Para o autor a punição pode até fazer com que o organismo pare de se comportar, no entanto, identifica-se a eliciação de subprodutos, tais quais sentimentos de medo diante a situações semelhantes e ansiedade de modo que o indivíduo pode variar suas respostas a fim de fugir da punição (passando a mentir aos pais ou ao cônjuge, por exemplo).

Skinner (1966) diferencia o comportamento que estaria sob controle das contingências, nomeando-o de “comportamento modelado por contingências”, do

comportamento sob controle de instruções, “comportamento governado por regras” identificando neste a existência de duas respostas sob controle de duas situações. A exemplo imagina-se um homem que acredita que mulheres não devem trabalhar por conta disso briga com a mulher que deseja arranjar um emprego, emitindo, portanto, dois tipos diferentes de resposta: uma resposta instruída, de obediência à regra, e uma resposta orientada a executar o comportamento especificado pela regra que enuncia “mulheres não devem trabalhar”. Matos (2001) discrimina estas duas respostas afirmando que a resposta instruída teria o caráter de obediência à regra (pensar que mulheres não devem trabalhar) e seria mantida por contingências sociais e a resposta de executar o comportamento especificado pela regra seria, em geral, um desempenho motor modelado por contingências naturais (brigar com a esposa).

Nesse sentido a regra pode ser compreendida como um estímulo condicional capaz de alterar a função dos estímulos discriminativos aos quais se relaciona (MATOS, 2001), de forma que o discriminativo “pessoa solteira”, por exemplo, altera sua função diante do condicional que seria “um relacionamento monogâmico” (a regra). Uma vez que, de modo geral, as contingências que operam sobre o seguir regras são de natureza social ou cultural, para se alterar um comportamento controlado por regras é necessário mudar a regra, ou seja, mudar a função dos estímulos discriminativos, ou instalar novos operantes discriminativos.

Neste caso, eventos privados, tais como a emissão de pensamentos e sentimentos, e comportamentos governados por regras ocorrem dado a interação do indivíduo com o ambiente e estão passíveis de serem analisados funcionalmente, passando pelos efeitos de reforçamento e punição. Sendo possível, portanto, analisar sob uma perspectiva analítico-comportamental os sentimentos e pensamentos dos cônjuges a respeito da relação conjugal e interação com as crianças, bem como suas crenças e regras sobre os comportamentos do parceiro, filhos e possibilidade de mudança futura.

Desta forma, entende-se que o relacionamento conjugal, a parentalidade, os problemas de comportamento da criança e a saúde mental materna (depressão materna) são contextos que propiciam diferentes tipos de interação do organismo com o ambiente, capazes de influenciar novas interações com novos contextos. Portanto, torna-se necessário analisá-los de forma individual e global para uma melhor compreensão do fenômeno e para subsidiar melhores estratégias de intervenção.

Sendo assim, observou-se que a literatura que abarca as pesquisas em torno das variáveis “relacionamento conjugal”, “parentalidade”, “problemas de comportamento” e “depressão materna” se propõem a estudar apenas uma variável ou realizar uma comparação / correlação entre duas ou três variáveis distintas, mais recorrentemente no que referentes a 1) relacionamento conjugal e problemas de comportamento; 2) satisfação conjugal; 3) satisfação conjugal e habilidades sociais; 4) praticas parentais e depressão materna; 5) praticas parentais e problemas de comportamento; 6) praticas parentais e habilidades sociais; 7) práticas parentais, habilidades sociais e problemas de comportamento; 8) habilidades sociais e problemas de comportamento infantil; 9) satisfação conjugal e depressão do cônjuge; 10) práticas educativas e depressão do cônjuge; deste modo, entende-se que estudos que se propõe demonstrar como as quatro variáveis “conjugalidade”, “parentalidade”, “depressão”, “problema de comportamento e “habilidades sociais” podem se relacionar ainda são incipientes, sendo esta uma lacuna na literatura. Neste ponto, questiona-se no referido trabalho de dissertação se a) As práticas parentais positivas e negativas exercidas, bem como indicativos de depressão materna influenciam na relação conjugal, a partir de parâmetros como comunicação, afetividade e satisfação conjugal; b) a presença de problemas de comportamento infantil, bem como repertório em habilidades sociais infantis influenciam na relação conjugal, a partir de parâmetros como comunicação, afetividade e satisfação conjugal. Deste modo, a fim de responder tais perguntas, elaborou-se um objetivo geral para o trabalho, qual seja: Realizar uma comparação entre aspectos da relação conjugal e práticas parentais positivas e negativas, depressão materna e ocorrência de problemas de comportamento infantil.

ESTUDO I

Caracterização de relacionamentos conjugais quanto a comunicação e afeto e sua relação com parentalidade e depressão materna.

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo descrever as relações entre conjugalidade e parentalidade (positivas e negativas) e conjugalidade e depressão materna. Participaram do estudo 130 mães casadas, com idades entre 20 e 49 anos, que responderam aos questionários: Questionário de Relacionamento Conjugual (QRC), à Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P) e ao Questionário Sobre a Saúde do Paciente-9 (*Patient Health Questionnaire PHQ-9*). Com relação aos resultados, de maneira geral, após conduzidas comparações de grupos para práticas parentais (positivas e negativas) e sintomas de depressão, obteve-se que, de modo geral, tanto o grupo de mulheres com práticas parentais positivas quanto o grupo de mulheres com baixa frequência de práticas parentais negativas têm alta frequência de comunicação no relacionamento conjugual. ($p < 0,05$). Casais com práticas positivas comunicam-se mais positivamente e se relacionam de modo mais afetuoso que casais com práticas negativas ($p < 0,05$). Quanto à depressão materna, obteve-se que o grupo de mães sem indicativo de depressão demonstrou expressar e receber com maior frequência afeto e comunicação em seu relacionamento. ($p < 0,05$). O mesmo grupo comunica-se tanto de forma positiva quanto de forma negativa com o cônjuge e interage tanto de forma positivamente afetuosa quanto de forma negativamente afetuosa ($p < 0,05$). No entanto, a maior quantidade de mães deste grupo afirma estar satisfeita com seu relacionamento conjugual ($p < 0,05$). Conclui-se, por meio destes achados que a) mães com práticas positivas parentais descrevem um relacionamento conjugual com mais comportamentos de afeto e comunicação positivos que as mães com déficits para práticas positivas parentais; b) mães com baixa frequência em práticas negativas se comunicam com seus cônjuges com maior frequência que mães com excesso de práticas negativas; c) mães sem indicativo de depressão materna, comparadas ao grupo de mães com indicativo de depressão, expressaram com maior frequência afeto e comunicação de forma positiva e negativa ao cônjuge; d) um maior número de mães sem indicativo de depressão afirmam estar satisfeitas em seu relacionamento comparadas às mães com indicativo de depressão; e) mães com indicativo de depressão parecem se comunicar e serem afetuosas com menor frequência de forma a influenciar em sua satisfação no relacionamento. Conclui-se que

o estudo avança no sentido de estudar as relações entre a qualidade conjugal e a parentalidade bem como a qualidade conjugal e a depressão materna.

Palavras-Chave: Práticas Parentais; Conjugalidade; Depressão Materna.

Characterization of conjugal relationships regarding communication and affection and its relation with parenting and maternal depression

ABSTRACT: The present study aims to describe the relations between conjugality and parenthood(positive and negative) and conjugality and maternal depression. A total of 130 married mothers with the age between 20 and 48 years participated in the study, and answered the questionnaires: Questionário de Relacionamento Conjugal (QRC), the Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P) and the Questionário Sobre a Saúde do Paciente-9 (*Patient Health Questionnaire PHQ-9*). With regard of the results, after conducting group comparisons for parental practices (positive and negative) and symptoms of depression, it was obtained that, in general, both the group of women with positive parental practices and the group of women with low frequency of negative parental practices had a high frequency of communication in the marital relationship. ($p<0,05$). Couples with positive practices communicate more positively and report more affection than couples with negative practices ($p<0,05$). For maternal depression, the group of mothers with no indication of depression was able to express and receive affection and communication more frequently in their relationship. ($p <0.05$). The same group communicates both positively and negatively with the spouse and interacts affectively both positively and negatively ($p<0,05$). However, the higher number of mothers in this group affirms that they are satisfied with their marital relationships ($p <0.05$). Through these findings, it's concluded that: a) mothers with positive parental practices describe a conjugal relationship with more behaviors of affection and positive communication than mothers with deficits for positive parental practices; b) mothers with low frequency in negative practices communicate with their spouses more frequently than mothers with excessive negative practices; c) mothers without indicative of maternal depression, compared to the group of mothers with indicative of depression, expressed with greater frequency affection and communication in a positive and negative way to the spouse; d) a higher number of mothers with no indication of depression stated that they were satisfied in their relationship compared to mothers with an indication of depression; e) mothers with an indication of depression seem to communicate and to be affectionate less frequently, in order to influence their satisfaction in the relationship. It is concluded that the research advances as it study the relationship between marital quality and parenthood as well as marital quality and maternal depression. **Keywords: Parental Practices; Conjugality; Maternal Depression.**

INTRODUÇÃO

A literatura traz uma série de variáveis que importam ao se estudar a conjugalidade, parentalidade e depressão materna, dentre elas, enquanto variáveis distais, estados de saúde física e emocional, a parentalidade, a dupla jornada de trabalho, a assertividade e empatia, eventos de vida estressantes e, enquanto variáveis próprias da relação conjugal, a comunicação, o afeto e satisfação conjugal. Entretanto, por se tratar de um conceito multideterminado, os estudos da área tendem a se focar na satisfação com o relacionamento como parâmetro norteador para o desenvolvimento de estudos.

Embora a conceituação para satisfação conjugal não seja consensual na literatura, entende tratar-se de um fenômeno que perpassa múltiplas variáveis (NORGREN, SOUZA, KASLOW, HAMMERSCHMIDT & SHARLIN, 2004; MOSMANN, WAGNER & FÉRES-CARNEIRO, 2006), sobretudo as características demográficas, o bem estar do casal e filhos, a saúde física e estados depressivos (MOSMANN, WAGNER & FÉRES-CARNEIRO, 2006) de forma que o aumento da satisfação conjugal estaria associado ao aumento da proximidade do casal, bem como de estratégias de resolução de problemas, de coesão, do bom status econômico e habilidades para comunicar-se positivamente (NORGREN, SOUZA, KASLOW, HAMMERSCHMIDT & SHARLIN, 2004).

Para Dela Coleta (1989) a satisfação conjugal se estabelece a partir da aproximação entre a percepção que o cônjuge tem da realidade do casamento e os desejos estabelecidos para o futuro da relação, ao passo que Gottman (1993) entende o fenômeno como um acúmulo de consequências sentida pelo cônjuge a partir de comportamentos positivos ou negativos do parceiro ao longo do tempo de relacionamento. Desta forma, entende-se a satisfação conjugal como o aumento da frequência de comunicação positiva e afeto positivo na interação entre o casal ao longo do tempo, garantindo o aumento de reforçadores positivos, de forma que os pensamentos e expectativas positivas concernentes ao que seria a relação se aproximam da realidade do casal.

Nesse sentido, Heckler e Mosmann (2016) desenvolveram um estudo qualitativo com o objetivo de analisar os níveis de qualidade conjugal nos anos iniciais de casamento em casais de dupla carreira, envolvendo 5 (cinco) casais casados entre 24 (vinte e quatro) e 34 (trinta e quatro) anos, com dupla carreira profissional. Para a condução do estudo utilizaram de um questionário sócio demográfico, entrevista semi-estruturada com o casal

e entrevista individual com cada cônjuge a fim de realizar um estudo de casos múltiplos. Os autores realizaram uma análise através das dimensões “adaptabilidade”, “coesão”, “conflito” e “comunicação” para cada um dos casos analisados e identificaram relatos que coincidiram com altos níveis de qualidade conjugal. O que indica que casais nos anos iniciais de casamento e em dupla carreira relatam altos níveis de qualidade conjugal. Heckler e Mosmann (2016) ainda apontam que a comunicação se mostra como uma dimensão da qualidade conjugal que mais apresenta problemas, mesmo que os casais tenham afirmado conversar bastante, de forma que o conteúdo de suas falas indica que esta comunicação não se dá de forma efetiva, possuindo falas superficiais, ao passo que os autores apontam a importância de atingir níveis profundos de comunicação na relação para obtenção de estratégias mais positivas na resolução de conflitos.

Na mesma linha Barreto, Barreto e Ramos (2015) realizaram uma pesquisa qualitativa com o objetivo de avaliar quais eram as habilidades sociais desenvolvidas por casais bem como quais fatores associados a satisfação conjugal. Participam do trabalho quatro casais com idades entre 32 e 48 anos, legalmente casados que responderam ao instrumento Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC) e a um questionário elaborado pelos pesquisadores de acordo com as variáveis “principais habilidades sociais desenvolvidas”, “fatores que influenciam na satisfação conjugal” e “fatores relacionados com a durabilidade dos casamentos”. No tocante às habilidades sociais, verificou-se que tanto empatia, com habilidades de expressar compreensão, sentimentos, desejos e opiniões positivas ao cônjuge, quanto assertividade, com a expressão de preferências, sentimentos e opiniões de forma a não ferir o outro, foram habilidades primordiais a serem desenvolvidas pelo casal do estudo. Os autores ainda encontraram que a relação foi considerada como “boa” pelos os casais no momento avaliar a própria relação e a teimosia e controle financeiro aparecem comportamentos que o cônjuge possui e que mais desagradam. Os autores concluem que déficits nas habilidades sociais influenciam na relação conjugal.

A fim de buscar compreender a relação entre a interação familiar e a satisfação conjugal, Korja, et al. (2016) em um estudo longitudinal, desenvolveu um estudo que objetivou acessar como os pais relatam sua satisfação conjugal em relação a aliança e coordenação familiar na interação mãe-pai-criança. Desta forma, utilizaram o Revised Dyadic Adjustment Scale (RDAS; BUSB, CHRISTENSEN, CRANE & LARSSON, 1995) a fim de medir a satisfação conjugal durante a gravidez das mães e o Family

Alliance Assessment Scale (FAVEZ, et al. 2011) com o intuito de medir a interação mãe-pai-criança. Os autores encontraram que a satisfação conjugal de mães se vinculou a qualidade da interação familiar, entretanto para pais não houve relação entre a satisfação e coordenação ou satisfação e aliança familiar.

No que tange ao estresse e a satisfação conjugal, Li e Wickrama (2014) investigaram a relação entre eventos de vida estressantes, satisfação conjugal e habilidades de gerenciamento conjugal de 372 casais taiwaneses, casados há uma média de 14,67 anos e com média de 1,77 filhos por casal, utilizando o “Stressful Life Event” (LORENZ, ELDER, BAO, & WICKRAMA, 2000), Kansas Marital Satisfaction Scale (SCHUMM et al., 1986) e um instrumento desenvolvido por Li (2005), com o intuito de medir as habilidades de gerenciamento conjugal utilizadas por casais taiwaneses ao lidar com conflitos conjugais. Os autores encontraram que eventos de vida estressantes reduzem a satisfação conjugal ao passo que a tolerância e empatia dos esposos se associam com a melhora da satisfação das esposas. Nesse sentido, o estresse estaria associado à baixa satisfação conjugal enquanto que a tolerância e empatia associam-se ao aumento da satisfação.

Assim como o estresse, sabe-se que a depressão de um dos cônjuges é uma variável capaz de influenciar negativamente na satisfação conjugal (MOSMANN, WAGNER & FÉRES-CARNEIRO, 2006; NEVES & DUARTE, 2015; NAJMAN et al., 2014) por influenciar no modo de interação entre os cônjuges. O “Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al., 2014), elenca como critérios diagnósticos para a Depressão Maior a ocorrência de humor deprimido, diminuição do interesse em atividades, perda ou ganho significativo de peso, insônia ou hipersonia, agitação ou retardo psicomotor, fadiga ou perda de energia, sentimentos de inutilidade/culpa excessiva, concentração prejudicada e pensamentos recorrentes de morte e/ou ideação suicida de modo a ocorrência dos sintomas devem causar sofrimento significativo ou prejuízo social, profissional ou em outras áreas da vida do indivíduo (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al., 2014 p.161). Embora o DSM-5 descreva uma ampla classe diagnóstica para o transtorno depressivo, pontua-se que neste estudo se avalia a existência de sintomas de depressão por conta do instrumento de avaliação utilizado.

Compreende-se a depressão como um conjunto complexo de comportamentos (Cavalcante, 1997) de modo a ser observado a partir da seleção de aspectos filo genéticos, ontogenéticos e culturais sendo, portanto, fruto de um padrão de interação com o ambiente e de seleção, podendo ser estudado a partir de uma análise de contingências. A autora em revisão descreve como principais padrões de interação com o ambiente a baixa densidade de reforçamento – a qual se relaciona à redução de atividades e alta incidência de choro, irritação e reclamação, de modo a gerar a escassez de reforçamento social por conta de um repertório social inadequado – a extinção - associada a respostas depressivas quando a extinção é aplicada após uma história de reforçamento – e a punição - que quando apresentada de forma frequente, prolongada e inevitável resultam em depressão (DOUGHER & HACKBERT 1994).

Em um estudo que objetivou observar a forma com que se relacionavam os sintomas depressivos, as estratégias de resolução de conflitos conjugais e a satisfação conjugal, Neves e Duarte (2015) aplicaram em 130 (cento e trinta) pessoas casadas o Center for Epidemiological Studies Depression Scale (CES-D) (GONÇALVES & FAGULHA, 2004) para avaliar os sintomas depressivos dos participantes, o Conflict-Resolution Behavior Questionnaire, (adaptação portuguesa NEVES & DUARTE, 2013) para medir as estratégias de resolução de conflitos e um Questionário Sociodemográfico para dados gerais da amostra, encontrando como resultados que indivíduos em relações duradoras utilizam mais estratégia de compromisso na resolução de conflitos que os que estão em relações com menos de 30 (trinta) anos. As autoras apontaram que cônjuges com mais sintomas depressivos apresentaram menor satisfação conjugal e utilizaram se de mais estratégias destrutivas de resolução de problemas, tal qual o ataque/evitamento, evidenciando para a influência que a existência de sintomas depressivos pode ter sobre relacionamento conjugal, estando os achados consonantes para a prática clínica com casais.

No que concerne a relação entre a depressão e a conjugalidade, Symoens, Colman e Bracke (2014) estudaram a associação entre o conflito conjugal com a boa a má saúde mental. Para tal, participaram do estudo 466 (quatrocentos e sessenta e seis) ex-casais, recasados ou não, com idades entre 25 (vinte e cinco) e 60 (sessenta) anos que haviam se divorciado há, no máximo, 10 (dez) anos antes da realização da pesquisa, os quais responderam ao Center for Epidemiologic Studies Depression Scale (CES-D; RADLOFF, 1977) que mediu depressão, ao Rosenberg Self-Esteem Scale (ROSENBERG, 1965) que

avaliou auto estima, a Escala de 7 itens de Pearlin (PEARLIN et al., 1981) que observou domínio no relacionamento, e responderam a pergunta “Quão satisfeito ou insatisfeito você está com sua vida atualmente?” que teve como intuito medir satisfação de vida. Os autores obtiveram que, de maneira geral, os divorciados recasados são menos depressivos, relatam altos níveis de auto estima e maior satisfação com a vida que os não casados, chegando à conclusão que estar em um relacionamento é benéfico para garantir o bem-estar, no entanto, os mesmos autores ainda relatam que uma vez que este relacionamento se caracteriza por conflito, uma boa parte desta vantagem é perdida. Nesse sentido, Symoens, Colman e Bracke (2014) afirmam que conflitos nas novas relações com os parceiros, tal qual os conflitos com os ex-parceiros, se relacionaram a uma baixa saúde mental tanto para mulheres quanto para homens. Os autores levantam a necessidade de se fazer mais estudos que abarquem a temática de conflitos conjugais e relacionamentos pós-divórcio. Santos, Vandenberghe e Tavares (2015) encontraram resultados semelhantes no que concerne à saúde do casal ao verificaram de que forma as interações conjugais se relacionam com a saúde mental em um estudo realizado com 169 (cento e sessenta e nove) casais de idades entre 18 (dezoito) e 55 (cinquenta e cinco) anos, que responderam ao Questionário de Saúde Geral (QSG) e ao Checklist de Relações Interpessoais-II (CLOIT-II). Os autores obtiveram como resultados que o grupo assintomático para problemas de saúde obteve maiores médias nas escalas do quadrante Amigável-Submisso, com maiores diferenças para as escalas Amigável e Caloroso, entendendo que o grupo de pessoas que não apresenta problemas de saúde mental tendem a ser mais amigáveis e calorosas com seus parceiros em comparação com pessoas que apresentam demandas relacionadas a saúde mental, ao passo que o grupo sintomático para problemas de saúde obteve altas médias nas escalas de Hostilidade, com poucas diferenças encontradas para Competitividade e significativas diferenças encontradas para Desconfiança e Frieza. Deste modo, ter saúde mental caracteriza indivíduos que se comportam interpessoalmente de maneira a estabelecer relações de confiança, a demonstrar interesse e prontidão para ajudar, a falar calmamente sobre aspectos de suas vidas, a serem despreocupados com relação a regras de conduta e menos pessimistas que pessoas cuja saúde mental está comprometida, nesse sentido, os resultados demonstram a importância de estudos que abarquem as relações interpessoais para compreender a saúde mental. Resultados que relacionam a ausência de depressão à melhor qualidade conjugal também foram encontrados por Najman et al. (2014) ao realizarem um estudo longitudinal o qual desejaram acessar a associação entre a qualidade conjugal e a

depressão de 2971 (duas mil, novecentas e setenta e uma) mães, recrutadas no início da gravidez e acompanhadas durante 21 (vinte e um) anos. Para isso, por quatro vezes, foram aplicados o Spanier Dyadic Adjustment Scale (DAS) para testar o ajustamento do casal, e uma subescala de sete itens de depressão do Inventário de Sintomas de Estados de Delírio: estado de ansiedade e depressão (DSSI/SAD) a fim de medir a depressão materna. As autoras obtiveram que a depressão materna prediz uma pobre qualidade conjugal e, de forma semelhante, uma baixa qualidade conjugal prediz a depressão, de forma que a associação estabelecida entre depressão e a qualidade conjugal variaram dependendo do curso da vida do cônjuge. Deste modo, depressão materna pode conduzir a uma diminuição da qualidade conjugal, bem como uma baixa qualidade conjugal pode levar a um aumento dos níveis de depressão.

Sabe-se que a baixa frequência de reforçamento, a extinção de comportamentos previamente estabelecidos e punições prolongadas e inevitáveis são variáveis capazes de estabelecer um padrão de comportamento depressivo (Cavalcante, 1997). Desta forma, é possível entender que práticas parentais capazes de influenciar negativamente na interação mãe-criança estão passíveis de estabelecer uma relação em que há baixa frequência de reforçamento, extinção e punição entre criança e agente educador. Nessa linha, pensando em práticas parentais e problemas de saúde reportados pelos pais, Coser, Martinez e Pamplin (2013) realizaram um estudo que objetivou verificar a existência da relação entre a avaliação de bem-estar pessoal, práticas parentais e interação com filhos pré-escolares de 60 (sessenta) casais de uma cidade do interior de São Paulo, que responderam ao “Questionário sobre vida familiar e profissional” (EU-Project, 2003). No que concerne à relação entre práticas parentais e problemas de saúde, as autoras encontraram que quanto mais problemas de saúde reportados pelos pais, menos apropriadas às práticas de criação dos filhos. Coser, Martinez e Pamplin (2013) ainda relatam uma correlação significativa entre as interações pais-criança e as práticas parentais, enunciando que quanto mais positivas as interações com a criança, melhores e mais positivas as práticas parentais.

Para Gomide (2006) difere-se práticas parentais entre práticas positivas e práticas negativas, no sentido de que práticas positivas compreendem a Monitoria Positiva – conjunto de práticas parentais que relacionam atenção e conhecimento dos pais acerca de onde seu filho se encontra, bem como das atividades desenvolvidas por ele (DISHION & MCMAHON, 1998; STATTIN & KERR, 2000; GOMIDE, 2003) somado a

demonstrações de afeto paternos, principalmente relacionados a momentos os quais a criança aparenta maior vulnerabilidade (GOMIDE, 2003) - e o Comportamento Moral - prática educativa direcionada a transmissão valores, tais quais honestidade, generosidade e senso de justiça, auxiliando as crianças na discriminação de certo e errado por intermédio de modelos positivos dentro de uma relação afetiva (GOMIDE, 2007). As práticas negativas são discriminadas por Gomide (2006) como a) Negligência: comportamento parental de omissão das próprias responsabilidades e necessidades de afeto da criança; b) Punição Inconsistente: entendida como o comportamento do educador de punir ou reforçar os comportamentos da criança de maneira não contingente as regras estabelecidas, orientando-se pelo próprio humor; c) Monitoria Negativa: caracterizada por excesso de regras ou instruções por parte dos pais, independentemente de seu cumprimento; d) Disciplina Relaxada: entendida como o estabelecimento seguido do não cumprimento das regras por parte dos pais; e) Abuso Físico/Psicológico: descrito como o infringimento de dor à criança ou uso de chantagem, abandono e humilhação (GOMIDE, 2006).

Seguindo a mesma linha de emissão de comportamentos parentais a fim de promover o cumprimento de regras por meio da assertividade e demonstração de afeto Bolsoni-Silva (2008) descreve as Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P) como comportamentos mais adaptativos para o estabelecimento de boas interações sociais entre pais e filhos, classificando-as por meio das categorias comunicação, expressão de sentimentos de enfrentamento e estabelecimento de limites, ao passo que comunicação é descrita como comportamentos verbais de iniciar conversa, manter conversa, fazer e ouvir perguntas feitas pelas crianças; expressão de sentimentos de enfrentamento compreende-se como comportamentos verbais de expressão sentimentos positivos, negativos e de opiniões de forma a demonstrar carinho e brincar com a criança e, por fim, o estabelecimento de limites define-se pela emissão de comportamentos com a função de identificação de motivos pelos quais se estabelecem limites e observação de comportamentos considerados como apropriados e inapropriados à criança, estabelecendo regras por meio de conversa e concordância entre os cônjuges a respeito da educação dos filhos e reconhecimento de momentos e comportamentos que justificam o estabelecimento de limites.

No que tange à convergência das definições quanto as práticas parentais de Gomide (2006) e a classificação de Habilidades Sociais Educativas Parentais de Bolsoni-

Silva (2008), Bolsoni-Silva e Sabbag (2015) desenvolveram um estudo que visou analisar a relação entre práticas educativas parentais e habilidades sociais educativas parentais através do Inventário de Estilo Parental (IEP; GOMIDE, 2006) e do Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P; BOLSONI SILVA, LOUREIRO & MARTURANO, 2011) chegando à conclusão que, embora sejam conceitos diferentes e mensurem comportamentos distintos, tanto IEP quanto RE-HSE-P mensuram tanto práticas positivas quanto negativas e, segundo as autoras, os escores de ambos os instrumentos são correlacionáveis, uma vez que quanto mais habilidades sociais educativas maiores as práticas parentais positivas e quanto mais práticas parentais positivas menor a ocorrência de práticas parentais negativas pelo RE-HSE-P. Tal fato também ocorre com as práticas negativas do IEP, uma vez que quanto mais práticas negativas do IEP, menos práticas positivas pelo RE-HSE-P, e quanto mais práticas negativas no IEP, mais práticas negativas pelo RE-HSE-P. Conclui-se que as práticas positivas do IEP bem como as práticas positivas RE-HSE-P trazem convergência e são correlacionáveis positivamente, bem como ocorre com as práticas negativas para ambos os instrumentos.

A fim de realizar uma associação entre a qualidade conjugal e problemas concernentes às práticas parentais, Pace et al., (2015) examinaram as respostas de 560 (quinhentos e sessenta) padrastos e madrastas ao RELATE (the RELATionship Evaluation Survey), questionário criado para avaliar os relacionamentos de indivíduos que estão namorando ou casados quanto a dificuldades com a parentalidade, analisando sua percepção à críticas feitas por um dos cônjuges quando o outro relacionar-se com a criança, considerando aspectos como dificuldade ao falar sobre a criança com o parceiro, sentir-se sobrecarregado em lidar com a criança e sentir que a relação seria melhor se o parceiro não tivesse filhos, bem como realizar uma avaliação sobre a sensação de que o parceiro coloca as necessidades da criança a cima das demandas do casal. Questões referentes a satisfação na relação e estabilidade do relacionamento também foram aplicadas. Os resultados encontrados associaram a comunicação clara entre o casal com a satisfação conjugal, com a diminuição de problemas parentais e com a estabilidade na relação, de modo que problemas com a parentalidade foram negativamente associados com a satisfação conjugal tanto para homens quanto para mulheres.

Ainda com relação à parentalidade e satisfação conjugal, Hsiao (2017) realizou um estudo longitudinal com o objetivo de acessar as mudanças na satisfação entre adultos

de meia idade com filhos transitando entre a adolescência e a idade adulta, bem como investigar os efeitos da saúde física, estados depressivos de humor e coesão familiar sobre a satisfação conjugal. Participaram do estudo 614 (seiscentas e quatorze) pessoas de meia idade, casadas e com crianças variando entre 9º (nono) - 12º (décimo segundo) ano e segundo ano da faculdade que responderam a perguntas a respeito de satisfação conjugal, saúde física, estado depressivo, transições quanto a parentalidade e coesão familiar, bem como um questionário sociodemográfico. Os resultados apontaram efeitos estatisticamente significantes com relação ao aumento do nível de satisfação conjugal quando a criança entrou no 9º (nono) e 12º (décimo segundo) ano e diminuição quando a criança entrou no segundo ano da faculdade, o que pode indicar que quando a criança está entre o 9º (nono) e 12º (décimo segundo) ano, o nível de satisfação conjugal é maior do que quando a criança está no segundo ano da faculdade. O estudo ainda indicou que mudanças na saúde física, estado depressivo de humor e estressores na vida do casal se associam com mudanças na satisfação conjugal, indicando que uma diminuição da saúde física e elevação de estados depressivos de humor podem levar a baixos níveis de satisfação conjugal.

Deste modo, de acordo com a literatura revisada, é possível identificar que, uma vez que ocorra baixa frequência de conflitos, estar em um relacionamento conjugal parece ser saudável para o casal, uma vez que casais recasados e com baixos níveis de conflito conjugal são menos depressivos, possuem altos níveis de auto estima e satisfação com a vida (SYMOENS, COLMAN & BRACKE, 2014) e casais com bons níveis de comunicação possuem melhores estratégias em resolução de conflitos (HECKLER & MOSMANN, 2016) de forma que a comunicação clara parece ser um importante fator associado tanto à satisfação conjugal quanto a resolução de problemas com a parentalidade (PACE et al, 2015). Portanto, um relacionamento conjugal com baixos níveis de conflito parece ser um dos fatores importantes para prevenir o desenvolvimento de depressão, baixa autoestima e baixa satisfação com a vida, de forma que comunicar-se positivamente parece ser relevante para garantir a qualidade conjugal. Nessa linha, a baixa frequência de assertividade e empatia na comunicação conjugal pode levar o casal a ter dificuldades em resolução de problemas (BARRETO, BARRETO & RAMOS, 2015), ao passo que a emissão de comportamentos como tolerância e empatia parecem favorecer a satisfação conjugal (LI & WICKRAMA, 2014), entendendo, portanto,

empatia, assertividade e tolerância com o parceiro como relevantes para a satisfação conjugal e alívio do estresse, interferindo na qualidade da interação entre os cônjuges.

A respeito da interação entre o casal, sabe-se que cônjuges que possuem problemas de saúde mental, podem apresentar problemas ao interagir com o parceiro, agindo com maior desconfiança, competitividade fúria e hostilidade abrindo caminho para criar conflitos na relação ao passo que cônjuges que não possuem problemas de saúde mental tendem a se comportar de maneira mais amigável e calorosa com o parceiro, diminuindo a chance de conflito (SANTOS, VANDENBERGHE & TAVARES, 2015). Nesse sentido, a presença de sintomas depressivos, relacionados a menor satisfação conjugal, pode levar o indivíduo a utilizar estratégias mais destrutivas no momento de resolver conflitos com o parceiro (NEVES & DUARTE, 2015) à medida que a diminuição da saúde física e aumento de estados depressivos de humor associam-se a baixos níveis de satisfação no relacionamento (HSIAO, 2017), compreendendo a depressão materna como fator preditivo para pobre qualidade conjugal, tal qual a baixa qualidade conjugal pode predizer depressão materna (NAJMAN et al., 2014).

Entende-se que os problemas de saúde podem interferir na qualidade das interações conjugais e parentais, por meio da forma de interagir e das práticas educativas parentais utilizadas, de modo que quanto mais problemas de saúde menos apropriadas as práticas parentais e quanto mais positivas as interações com a criança mais positivas as práticas parentais (COSER, MARTINEZ & PAMPLIN, 2013). Nesta linha, a saúde materna parece associar-se com o tipo de prática parental empregada, de modo que a depressão parece ser um fator que se relaciona a satisfação conjugal e a maneira de resolver conflitos, adotada associando-se a baixa qualidade conjugal.

Os estudos encontrados a respeito da satisfação com a relação apresentaram trabalhos com casais nos anos iniciais do casamento, com bebês, com crianças do 9º (nono) ao 12º (décimo segundo) ano escolar, com adolescentes, jovens adultos e apenas um estudo com pré-escolares sendo, portanto, a investigação da relação entre qualidade conjugal, parentalidade e depressão materna pouco explorada. Segundo a literatura são múltiplas as variáveis que influenciam na satisfação com o relacionamento, dentre elas a comunicação, a afetividade, as habilidades sociais educativas parentais e os estados depressivos de humor, sendo a associação destas variáveis o foco do estudo. Deste modo, questiona-se neste estudo quais as relações se podem fazer entre as variáveis “relação

conjugal” no que se refere a afeto, comunicação e satisfação conjugal com “parentalidade” no que concerne as práticas parentais, bem como com “depressão materna”, de forma que o objetivo deste estudo consiste em descrever as relações entre conjugalidade e parentalidade bem como entre conjugalidade e depressão materna.

Objetivos Específicos

- a) Comparar a frequência e qualidade de comportamento de comunicação e afeto conjugal com práticas positivas parentais e déficits para práticas positivas parentais
- b) Comparar a satisfação conjugal com práticas positivas parentais e déficits para práticas positivas parentais
- c) Comparar a frequência e qualidade de comportamento de comunicação e afeto conjugal com excesso de práticas negativas e baixa frequência de práticas negativas.
- d) Comparar a satisfação conjugal com excesso de práticas negativas e baixa frequência de práticas negativas.
- e) Comparar a frequência e qualidade de comportamento de comunicação e afeto conjugal com depressão materna.
- f) Comparar a satisfação conjugal com depressão materna.

MÉTODO

Projeto guarda-chuva

Este trabalho de dissertação associa-se a um projeto guarda-chuvas desenvolvido pela Professora Doutora Alessandra Turini Bolsoni-Silva, intitulado “Avaliando e promovendo interações sociais positivas e prevenindo problemas de comportamento” o qual tinha como objetivo “avaliar os efeitos de intervenções sobre habilidades sociais feitas com pais e crianças sobre escores de saúde e desenvolvimento” e de onde foram retirados os participantes e coleta de dados da atual pesquisa.

Aspectos éticos

O referido trabalho faz parte de um projeto guarda-chuva, submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade Ciências da Universidade Estadual

Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP mediante o processo CAAE: 34642314.4.0000.5398 em 23/09/2014.

Participantes

O estudo foi realizado com uma amostra de 130 (cento e trinta) mães casadas com idades variando entre 20 (vinte) anos e 49 (quarenta e nove) anos ($DP = 6,17$) e média da idade equivalente a 32,24 anos. A escolaridade variou entre 1º grau completo e o 3º grau completo, seu nível sócio econômico variou de 1 (um) a 7 (sete) salários mínimos e o número de crianças que vivem na casa variou de 1 (um) a 5 (cinco) ($DP = 1,01$), com idades variando entre 1 (um) e 14 (quatorze) anos ($DP = 2,57$). Das mães que se propuseram a participar do estudo, 56 (cinquenta e seis) trabalhavam fora e 73 (setenta e três) não trabalhavam.

As mães foram recrutadas tendo como base a indicação do professor para o comportamento de seus filhos, tendo como orientação a presença ou ausência de problemas de comportamento. Destas crianças, 67 (sessenta e sete) eram pré-escolares e 63 (sessenta e três) escolares, 70 (setenta) eram meninos, 60 (sessenta) eram meninas com e sem indicação de problemas de comportamento.

Importante salientar o oferecimento de atendimento psicoterápico gratuito aos participantes na ocasião da coleta de dados.

Percurso de coleta

As mães das crianças foram contatadas via escolas municipais de ensino infantil e fundamental de um município de médio porte do centro oeste paulista. Os professores das 12 (doze) Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs) desse município e de 17 (dezessete) Escolas Municipais Infantis (EMEIIs) da mesma localidade geográfica das EMEFs foram convidados a indicar crianças com e sem problemas de comportamento, sendo que 26% deles aceitaram participar (38 [trinta e oito] professores de EMEIIs e 37 [trinta e sete] professores de EMEFs), perfazendo um total 75 (setenta e cinco) professores, os quais indicaram uma criança sem e outra com problema de comportamento. Das 150 (cento e cinquenta) crianças indicadas os pais/cuidadores foram convidados a participar do estudo, via contato telefônico ou pessoalmente nos horários de entrada e saída das crianças, dessas 150 (cento e cinquenta) aceitaram. Destas 130 (cento

e trinta) delas eram mães, casadas ou convivendo em união consensual e foram selecionadas para o presente estudo, sendo outras 20 (vinte) mulheres solteiras, viúvas, pais ou outros cuidadores.

Instrumentos

Questionário de Relacionamento Conjugal (QRC) - instrumento apresenta 121 (cento e vinte e um) itens com sete conjuntos de informações: definição do parceiro(a), expressão de carinho entre os parceiros(as), comunicação estabelecida entre o casal, identificação, estabilidade de características positivas e negativas do(a) parceiro(a) e avaliação do relacionamento conjugal. É aplicado em forma de entrevista de maneira que cada tópico é introduzido com uma questão que permite três alternativas de resposta: “frequentemente”, “algumas vezes”, “nunca” ou “quase nunca”. Mediante a resposta, o entrevistador solicita informações adicionais, assinalando as respostas correspondentes em uma *check-list*, no caso da pergunta acerca da definição do parceiro(a) e quanto às características da comunicação. As demais questões são feitas de forma aberta e as respostas anotadas em um protocolo que inclui algumas categorias possíveis de respostas. Quando a resposta não tem correspondente nas categorias previstas no instrumento é anotada no protocolo na opção *outros*. O instrumento fornece um escore total e escores parciais para cada uma das áreas. A análise fatorial exploratória para as perguntas do tipo *likert* em uma amostra de 48 (quarenta e oito) casais, indicou dois fatores (explicando 61,7% da variância): o primeiro incluiu a definição/percepção do cônjuge, características positivas, sentimentos expressos e sentimentos recebidos; o segundo, características negativas atribuídas ao cônjuge. A fidedignidade teste/re-teste, obtida com dados de 12 (doze) casais e um mês de intervalo entre as aplicações, foi de 0,84 para as mulheres e 0,94 para os homens (rho de Spearman, $p < 0,05$) (BOLSONI-SILVA & MARTURANO, 2007). Devido ao fato do instrumento ainda estar em fase de validação, para melhor analisar os 121 (cento e vinte e um) itens, foram desenvolvidas categorias de avaliação, nomeadas como: a) “Afeto (positivo ou negativo)” o qual se refere ao relato de frequência de comportamentos (quantidade de vezes em que esse comportamento é emitido) ou qualidade de comportamentos (de que forma esses comportamentos são emitidos) que expressam como o cônjuge se sente na relação conjugal e com relação ao outro que beneficiam a relação (afeto positivo) ou prejudicam a relação (afeto negativo); b) “Comunicação (positiva ou negativa) refere-se ao relato de frequência de

comportamentos (quantidade de vezes em que esse comportamento é emitido) ou qualidade de comportamentos (de que forma esses comportamentos são emitidos) de comunicação que beneficiam a relação (comunicação positiva) ou prejudicam a relação (comunicação negativa); c) “Avaliação da relação conjugal: tem como objetivo avaliar o relacionamento conjugal em satisfatório, regular ou insatisfatório e às explicações possíveis para tal avaliação realizada pelo cônjuge. Ressalta-se que as frequências de comportamentos constituem as perguntas do questionário que investigam de modo geral a quantidade de vezes em que ocorre afeto e comunicação positiva e negativa na relação e a qualidade do comportamento se refere a soma de todos os itens concernentes a comunicação e afeto positivo e negativo do instrumento de forma que a categorização realizada a fim de executar a análise este trabalho de dissertação a partir do QRC encontra-se anexada em Apêndice.

Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P) - busca descrever, a partir de relatos dos pais, respostas, antecedentes e consequentes das interações estabelecidas entre pais e filhos a partir de 13 (treze) perguntas gerais. As respostas são codificadas e anotadas em um protocolo (BOLSONI-SILVA, LOUREIRO & MARTURANO, 2016), nas subcategorias habilidades sociais educativas parentais HSE-P, práticas educativas parentais positivas, práticas educativas negativas, habilidades sociais dos filhos, variáveis de contexto e frequência de habilidades sociais educativas parentais, as quais são organizadas conforme 3 (três) grandes categorias: *Comunicação*, *Expressão de Sentimentos e Enfrentamento* e *Estabelecimento de Limites*. O instrumento possui satisfatória validade de constructo, discriminativa e fidedignidade teste-reteste, com um alpha de 0,846.

Importante ressaltar que também aspectos da relação conjugal voltados para a educação dos filhos são previstos pelo instrumento, tais quais consistência parental e agressividade conjugal, de forma que o instrumento também realiza a diferenciação de crianças com e sem problemas de comportamento, oferecendo indicações clínicas e não clínicas tanto para a diversidade (entendida como a variação de respostas emitidas pelo sujeito em determinado contexto que possuem uma mesma função) como para a frequência (quantidade de vezes que o sujeito emite uma resposta) comportamental de práticas positivas, negativas, habilidades sociais infantis e queixas parentais de problemas de comportamento (BOLSONI-SILVA et al., 2016). Quanto às indicações de clínicas e

não clínicas obtidas pelo instrumento temos que o termo “clínico” para práticas positivas parentais refere-se ao participante que possui déficits comportamentais para práticas positivas parentais – entendendo déficits comportamentais como uma classe de comportamentos que deixam de ocorrer de modo, frequência, intensidade ou sob condições socialmente previstas (KANFER & SASLOW, 1976) – enquanto o termo “não clínico” refere-se a àquele que apresenta maior frequência de práticas positivas parentais em sua interação com a criança; para práticas negativas parentais, o termo “clínico” refere-se ao excesso de práticas negativas – compreendendo o termo “excesso” como uma classe de comportamentos problemáticos que ocorrem em alta frequência, intensidade ou duração (KANFER & SASLOW, 1976) – e “não clínico” indica uma baixa frequência de práticas negativas; com relação as habilidades sociais infantis, indica-se como “clínica” a criança que apresenta déficits comportamentais para habilidades sociais e como “não clínica” a criança com maior frequência de emissão de comportamentos socialmente habilidoso; por fim, no que concerne aos problemas de comportamento infantil, são indicadas como “clínicas” as crianças com maior frequência de problemas de comportamento segundo a correção do instrumento e como “não clínicas” as crianças com menor frequência de problemas de comportamento segundo a correção do instrumento. Deste modo, esse instrumento permite avaliar práticas positivas (habilidades sociais educativas parentais), práticas negativas, habilidades sociais infantis, queixas de problemas de comportamento, diversidade de interações sociais pai-criança e aspectos do relacionamento conjugal, prevendo classificações tanto para práticas positivas quanto para diversidade, frequência e práticas negativas.

Questionário Sobre a Saúde do Paciente-9 (Patient Health Questionnaire PHQ-9) - Trata-se em um módulo baseado nos critérios para Desordem de Depressão Maior do DSM-IV. Foi proposto e validado por Spitzer et al. (1999) e por Kroenke, Spitzer e Williams (2001) possibilitando o rastreamento de sinais como de sintomas da Depressão Maior atual e classificação de níveis de gravidade leve (escore de 6 a 9), moderada (10 a 14), moderada-severa (15 a 19) e severa (maior de 20), sendo que quanto maior o escore mais indicadores de problemas. Neste trabalho de dissertação, foram utilizados os termos “clínico” para depressão, referindo-se aos participantes que possuem indicativo de depressão, e “não clínico” para depressão, apontando os participantes sem indicativos para depressão.

Aponta-se que os instrumentos Questionário de Relacionamento Conjugal (QRC) e Questionário Sobre a Saúde do Paciente-9 (PHQ-9) se encontram em anexos.

Procedimentos de coleta de dados

12 (doze) escolas de Ensino Fundamental e 17 (dezessete) escolas de Educação Infantil foram contatadas posteriormente a aprovação do projeto pela Secretaria de Educação Infantil, com a finalidade de apresentação do estudo para os diretores ou coordenadores pedagógicos e possível aceite ao projeto, seguido da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido às professoras que deram o aceite em participar. 38 (trinta e oito) professores de pré-escolares e 37 (trinta e sete) professores de escolares aceitaram o convite e, deste modo, pediu-se que estes indicassem duas crianças de suas respectivas salas: uma que considerassem ter problemas de comportamento e outra que considerassem não ter problemas de comportamento. Importante ressaltar que na pré-escola uma professora indicou apenas uma criança.

Sendo assim, obteve-se 150 (cento e cinquenta) famílias de crianças indicadas, convidadas a participar da pesquisa. Destas, 130 (cento e trinta) atendiam aos critérios para participação. Os familiares que aceitaram participar e atendiam aos critérios da pesquisa foram instruídos a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e as entrevistas foram conduzidas face a face por entrevistador experiente, os locais de entrevista foram escolhidos pela família devido à facilidade de acesso e privacidade e estas ocorreram em dois momentos de aplicação.

Procedimento de tratamento e análise de dados

O tratamento de dados foi realizado de modo identificar variáveis que incidissem na forma com que o casal interage entre si (QRC), bem como tal interação influencia em sua saúde mental, pelo PHQ-9, e práticas parentais (RE-HSE-P). Para as comparações, analisou-se: a) as frequências de afeto e comunicação das habilidades sociais conjugais e das habilidades sociais educativas (QRC, itens de conteúdo de habilidades sociais educativas RE-HSE-P); b) a soma (qualidade do comportamento) dos itens de afeto e comunicação (positivo e negativo) das habilidades sociais conjugais e das habilidades sociais educativas (QRC e itens de conteúdo do RE-HSE-P); c) os itens de avaliação da relação conjugal e das habilidades sociais educativas (QRC e itens de conteúdo de RE-HSE-P); c) as frequências de afeto e comunicação das habilidades sociais conjugais e de

depressão materna (QRC e PHQ-9); d) a soma (qualidade do comportamento) dos itens de afeto e comunicação (positivo e negativo) e de depressão materna; e) os itens de avaliação da relação conjugal e de depressão materna (QRC e PHQ-9).

As comparações foram realizadas utilizando-se variáveis numéricas (teste t de *Student*) e categóricas (Teste Qui-quadrado) para ter ou não indicações para clínico ou não clínico para práticas positivas, negativas ou depressão materna. Admitiu-se significância de 5%, sendo os resultados expressos em forma de tabelas, na sessão a seguir.

RESULTADOS

Esta sessão apresenta os resultados quanto às comparações entre afeto e comunicação no relacionamento (frequência e qualidade) com práticas parentais e avaliação da relação conjugal para práticas parentais (Tabela 1), bem como afeto e comunicação no relacionamento (frequência e qualidade) com depressão materna e avaliação da relação conjugal para depressão materna (Tabela 2) de forma que os resultados referentes a conjugalidade e parentalidade estão expressos na tabela a seguir:

Qualidade de comportamentos										
Comunicação Positiva	19,46 (6,01)	X	22,48 (4,07)	3,31	0,00	20,31 (5,76)	X	21,90 (4,58)	1,71	0,08
Comunicação Negativa	19,83 (6,47)	X	22,42 (6,24)	2,31	0,14	21,51 (6,93)	X	20,81 (5,90)	-0,61	0,54
Afeto Positivo	72,38 (18,19)	X	79,55(12,36)	2,60	0,01	74,20 (17,23)	X	78,40 (13,68)	1,52	0,13
Afeto Negativo	5,69 (1,86)	X	6,16 (1,74)	1,48	0,14	5,75 (1,98)	X	6,15 (1,56)	1,26	0,21

Classificação do Conteúdo de HSEP X Classificação do Conteúdo de Práticas Negativas Parentais

Déficits para									
Práticas positivas parentais			Baixa frequência de práticas negativas			Excesso de práticas negativas			p

Avaliação da Relação

Satisfatória	53	38	47	44					
Regular	13	17	10	20					
Insatisfatória	1	5	2	4					

Os resultados referentes à frequência de comportamentos apontaram que para a categoria “Afeto no Relacionamento” o grupo de mães com práticas positivas parentais apresentou as maiores médias tanto para o item “você expressa carinho ao companheiro” quanto para “o companheiro expressa carinho”, no entanto tais dados não são estatisticamente relevantes ($p > 0,05$) nas análises. No que concerne à categoria “Comunicação no Relacionamento”, os resultados indicaram que o grupo de mães com práticas positivas parentais apresentaram as maiores médias, sendo o item de descrição do comportamento “a comunicação é adequada” estatisticamente relevante ($p < 0,05$) e o item “o parceiro faz coisas que o cônjuge gosta” sem relevância estatística ($p > 0,05$). Aponta-se que o grupo de mães com déficits para práticas positivas parentais apresentou maiores médias para o item “Com pouca frequência há características do parceiro as quais não gosta (item invertido)”, sendo este estatisticamente irrelevante ($p > 0,05$).

Com relação a qualidade do comportamento, obteve-se que o grupo de mães com práticas positivas parentais possui as maiores médias tanto para “Comunicação Positiva” e “Afeto Positivo” ($p < 0,05$) quanto para “Comunicação Negativa” e “Afeto Negativo” ($p > 0,05$).

No que concernem as comparações “excesso de práticas positivas” e “baixa frequência de práticas positivas”, os resultados para a frequência de comportamentos apontaram que, na categoria “Afeto no Relacionamento”, o grupo de mães com baixa frequência de práticas negativas obteve as maiores médias para os itens “você expressa carinho ao companheiro” e “o companheiro expressa carinho” ($p > 0,05$). Referente a categoria “Comunicação no Relacionamento”, os resultados indicaram que o grupo de mães com baixa frequência de práticas negativas apresentaram as maiores médias, sendo os itens “a comunicação é adequada”, “o parceiro faz coisas que o cônjuge gosta” e “com pouca frequência há características do parceiro as quais não gosta (item invertido)” estatisticamente relevantes ($p < 0,05$). Quanto à qualidade do comportamento, obteve-se que o grupo de mães com baixa frequência de práticas negativas exibiu as maiores médias para “Comunicação Positiva”, “Afeto Positivo” e “Afeto Negativo” ($p > 0,05$) enquanto o grupo de mães com excesso de práticas negativas apresentou as maiores médias para “Comunicação Negativa” ($p > 0,05$).

No que tange a Avaliação da Relação com relação a satisfação conjugal, observou-se que 53 (cinquenta e três) pessoas do grupo de mães com práticas positivas parentais

avaliaram sua relação com o cônjuge como satisfatória, 13 (treze) como regular e 1 (um) como insatisfatória ao passo que 38 (trinta e oito) pessoas do grupo de mães com déficits para práticas positivas parentais avaliaram como satisfatória, 17 (dezessete) como regular e 5 (cinto) como insatisfatória ($p>0,05$). Já para os grupos de mães com baixa frequência de práticas negativas e excesso de práticas negativas, acerca da Avaliação da Relação quanto a satisfação conjugal os resultados apontaram que 47 (quarenta e sete) pessoas do grupo de mães com baixa frequência de práticas negativas avaliaram sua relação com o cônjuge como satisfatória, 10 (dez) como regular e 2 (dois) como insatisfatória na medida que 44 (quarenta e quatro) pessoas do grupo de mães com excesso de práticas negativas avaliaram sua relação como satisfatória, 20 (vinte) como regular e 4 (quatro) como insatisfatória ($p>0,05$).

A Tabela 2 se propõe a analisar de que forma sofrer por depressão poderia gerar diferenças na relação conjugal no que concerne à expressão de afeto, comunicação e avaliação da relação, de modo que os resultados estão expressos a seguir:

Tabela 2. Comparações entre grupos de mulheres com indicativo de depressão materna e sem indicativo de depressão materna a respeito da qualidade e frequência de comportamentos de comunicação e afeto no relacionamento e avaliação da satisfação conjugal.

Categoria	Descrição do Comportamento / Relacionamento	Comparações Média (Desvio padrão)				
Frequência do comportamento						
		Com indicativo de depressão materna n=25	X	Sem indicativo de depressão materna n=105	t	p
Afeto no Relacionamento	Você expressa carinho ao (a) companheiro (a)	1,20 (0,64)	X	1,69 (0,54)	3,95	0,00
	O (a) companheiro (a) expressa carinho.	1,60 (0,57)	X	1,76 (0,49)	1,39	0,16
Comunicação no Relacionamento	A comunicação entre o casal é adequada.	1,32 (0,748)	X	1,71 (0,55)	2,46	0,02

O parceiro faz coisas que o cônjuge gosta.	1,44 (0,58)	X	1,74 (0,46)	2,39	0,02
Há características do parceiro as quais não gosta.*	0,70 (0,55)	X	1,00 (0,65)	2,09	0,03
Qualidade do comportamento					
Comunicação Positiva	18,52 (6,21)	X	21,64 (4,89)	2,72	0,03
Comunicação Negativa	17,68 (6,45)	X	22,02 (6,20)	3,12	0,00
Afeto Positivo	68,20 (16,27)	X	78,02 (15,13)	2,87	0,00
Afeto Negativo	4,72 (2,24)	X	6,22 (1,56)	3,18	0,00
Classificação do Indicativo de Depressão Materna					
Com indicativo					
Sem indicativo de depressão		de depressão			
materna		materna		X ²	p

Avaliação da Relação

Satisfatória	81	10	13,681	0,001
Regular	19	11		
Insatisfatória	3	3		

*itens negativos que foram invertidos; quanto maior a média, melhor o desempenho.

Quanto às comparações entre os grupos de mães “com indicativo de depressão materna” e “sem indicativo de depressão materna”, os resultados referentes à frequência de comportamento para a categoria “Afeto no Relacionamento” indicaram que o grupo de mães sem indicativo de depressão materna apresentou as maiores médias para os itens “você expressa carinho ao companheiro” ($p < 0,05$) e “o companheiro expressa carinho” ($p > 0,05$). Referente a categoria “Comunicação no Relacionamento”, os resultados apontaram que o grupo de mães sem indicativo para depressão materna apresentaram as maiores médias, de forma que os itens “a comunicação é adequada”, “o parceiro faz coisas que o cônjuge gosta” e “com pouca frequência há características do parceiro as quais não

gosta (item invertido)” são estatisticamente relevantes ($p<0,05$). No que concerne a qualidade do comportamento, os resultados apontaram que o grupo de mães sem indicativo para depressão materna apresentaram as maiores médias tanto para “Comunicação Positiva” e “Comunicação Negativa” quanto para “Afeto Positivo” e “Afeto Negativo”, todos os itens estatisticamente relevantes ($p<0,05$) nas análises.

No que concerne à Avaliação da Relação quanto a satisfação conjugal, os resultados apontaram que 81 (oitenta e uma) pessoas do grupo de mulheres sem indicativo de depressão materna avaliaram sua relação com o parceiro como satisfatória, 19 (dezenove) como regular e 3 (três) como insatisfatória, na medida que 10 (dez) pessoas do grupo de mulheres com indicativo para depressão avaliaram sua relação como satisfatória 11 (onze) como regular e 3 (três) como insatisfatória ($p<0,05$).

DISCUSSÃO

Este estudo realizou uma comparação entre comunicação, afeto e satisfação conjugal, considerando práticas positivas parentais e déficits para práticas positivas parentais, excesso de práticas negativas parentais e baixa frequência de práticas negativas parentais e ter ou não indicativo para depressão materna. Para tanto foram identificados grupos de mães com práticas positivas parentais e comparados com grupos de mães com excesso de práticas negativas parentais e grupos de mães com excesso de práticas negativas parentais comparados com grupos de mães com baixa frequência de práticas negativas parentais, tal qual grupo de mães com indicativo para depressão materna e comparado com grupo de mães sem indicativo para depressão materna.

De modo a realizar uma discussão dos resultados obtidos pretende-se, inicialmente, relacionar os dados referentes à satisfação conjugal do grupo de mães com práticas positivas parentais e do grupo de mães com baixa frequência de práticas negativas, associando à discussão dos resultados obtidos para o grupo de mães sem indicativo para depressão materna, estabelecendo como parâmetro de análise os resultados obtidos em frequência e qualidade de afeto e comunicação no relacionamento, posteriormente, pretende-se realizar discussões intragrupais com base nos mesmos parâmetros.

Deste modo, de acordo com os dados obtidos, entende-se que mães sem indicativo de depressão materna parecem ser mais satisfeitas em seu relacionamento enquanto que

não há, nem para o grupo de mães com práticas positivas nem para o grupo com baixa frequência de práticas negativas, resultados conclusivos para satisfação conjugal.

No que concerne às práticas parentais, é possível afirmar que mães com práticas positivas parentais descrevem um relacionamento conjugal com mais comportamentos de afeto e comunicação positivos que as mães com déficits para práticas positivas parentais, embora não há como identificar com qual frequência tais comportamentos ocorrem, exceto pelo fato de que, frequentemente a comunicação do casal é considerada adequada pela parceira, sendo este um dos três fatores mensurados. Tais aspectos, entretanto, não são suficientes para afirmar a ocorrência de satisfação no relacionamento. Possuir repertório em afeto e comunicação são descritos na literatura como importantes para a interação do casal no sentido de que a comunicação positiva seria uma forte aliada para a resolução de conflitos (HECKLER & MOSMANN, 2016), estando associada à satisfação no relacionamento (LI & WICKRAMA, 2014). Entretanto, a baixa frequência de comunicação positiva e afeto, tais quais assertividade e empatia, pode levar a dificuldades em resolução de problemas, entendendo, portanto, que a frequência de emissão do comportamento é um dado importante a ser considerado no momento de estudar a satisfação do casal.

Para práticas negativas, é possível dizer que mães com baixa frequência em práticas negativas comunicam-se com seus cônjuges com maior frequência que mães com excesso de práticas negativas, embora não há como saber se tal comportamento se dá de forma positiva ou negativa na relação, nem se há frequência de afeto positivo ou negativo. Da mesma forma, não é possível identificar para esse grupo a ocorrência de satisfação no relacionamento. A literatura aponta que comunicar-se de maneira clara com os cônjuges associa-se tanto a resolução de problemas com a parentalidade quanto a melhora da satisfação no relacionamento (PACE, SHAFER, JENSEN & LARSON, 2015) por conta de uma consequente melhora nas estratégias em resolução de conflitos do casal (HECKLER & MOSMANN, 2016). Entretanto, a baixa frequência em práticas negativas não implica em possuir habilidades sociais educativas parentais tais quais comunicação, expressão de sentimentos de enfrentamento e estabelecimento de limites, os quais envolvem comunicação positiva e afeto positivo como iniciar conversa, manter conversa, fazer e ouvir perguntas feitas pelas crianças, expressar sentimentos positivos, demonstrar carinho e brincar (BOLSONI-SILVA, 2008), tampouco há dados para afirmar que existe satisfação na relação e que a frequência de comunicação do casal é positiva. Desta forma,

para os parâmetros de análise adotados, não é possível afirmar a ocorrência de comunicação positiva e negativa ou afeto positivo e negativo, não sendo possível concluir qual fator é relevante para satisfação conjugal no grupo em questão.

Deste modo, é possível afirmar que mesmo que o grupo de mães que apresentam baixa frequência de práticas negativas se comuniquem frequentemente, não há como afirmar se a qualidade do comportamento é positiva ou negativa ou se há frequência de afeto positivo ou negativo. Os resultados diferem um pouco dos encontrados para mães com práticas positivas, de modo a comunicação ser positiva e ser considerada frequente apenas para um item (ao ser considerada adequada), e haver afeto positivo embora não se saiba com qual frequência. Entretanto, para os parâmetros de análise adotados, ter práticas positivas ou ter baixa frequência de práticas negativas não necessariamente envolve repertório comportamental em frequência e qualidade de afeto e comunicação suficientes para se estar satisfeito com a relação conjugal. Com relação ao apontado, a literatura expõe que o aumento da comunicação positiva se associa ao aumento da proximidade, coesão, das estratégias de resolução de conflitos e da satisfação do casal com o relacionamento (NORGREN et al., 2004) de modo que tanto frequência quanto qualidade da comunicação parecem ser relevantes para o aumento da satisfação.

Os achados com relação à satisfação conjugal para indicativo de depressão diferem dos encontrados para práticas parentais positivas e negativas, no sentido de que o grupo de mães sem indicativo de depressão materna comparado ao grupo de mães com indicativo de depressão expressaram com maior frequência afeto e comunicação, tanto de forma positiva quanto de forma negativa, ao cônjuge e, embora não se saiba com qual frequência o cônjuge seja responsivo a esta demonstração de afeto, um maior número de mães do grupo sem indicativo de depressão afirma estar satisfeito em seu relacionamento comparado ao grupo de mães com indicativo de depressão. Por esse lado, a literatura aponta que indivíduos que não possuem problemas de saúde mental tendem a se comportar de maneira mais amigável e calorosa com o parceiro, diminuindo a chance de conflitos (SANTOS, VANDENBERGHE & TAVARES, 2015) e, de maneira concomitante, casais com baixos níveis de conflito são menos depressivos, possuem altos níveis de autoestima e satisfação com a vida (SYMOENS, COLMAN & BRACKE, 2014). Por outro lado, mães com indicativo de depressão parecem se comunicar e ser afetuosas com menor frequência de forma a influenciar em sua satisfação no relacionamento. Entende-se que ter problemas de saúde mental pode afetar na interação

com o parceiro, no sentido de que indivíduos que possuem problemas podem interagir com maior desconfiança, competitividade, frieza e hostilidade abrindo, desta forma, a possibilidade de gerar conflitos na relação conjugal (SANTOS, VANDENBERGHE & TAVARES, 2015). Nesse sentido, o aumento de estados depressivos de humor associa-se a baixos níveis de satisfação no relacionamento (HSIAO, 2017). A literatura aponta que a relação entre o indicativo de depressão e a queda da satisfação conjugal se dá por conta de que presença de sintomas depressivos, relacionada baixa qualidade, pode levar o indivíduo a utilizar estratégias mais destrutivas no momento de resolver conflitos com o parceiro (NEVES & DUARTE, 2015) de forma que a depressão materna é apontada como fator preditivo para pobre qualidade conjugal, tal qual a baixa qualidade conjugal prediz depressão materna (NAJMAN et al, 2014).

Pode-se compreender a satisfação conjugal a partir da aproximação entre os desejos estabelecidos pelos cônjuges sobre o que seria a relação e a realidade vivida pelo casal (DELA COLETA, 1989), igualmente pode-se compreendê-la como um acúmulo de consequências experiências pelos cônjuges por meio da emissão de comportamentos positivos e negativos do parceiro ao longo do tempo (GOTTMAN, 1993) Portanto, considerando os resultados de afeto e comunicação para os grupos analisados, entende-se que a frequência de comunicação positiva entre o casal é uma variável que pode corroborar para o aumento da satisfação conjugal, uma vez que o grupo de mães sem indicativo para depressão foi o único que descreveu satisfação com seu relacionamento obtendo significância estatística. Este dado ocorre mesmo que a qualidade do afeto expresso entre elas os cônjuges varie em meio a positivo e negativo e a comunicação também seja expressa de forma negativa de modo que se entende que a frequência de comunicação positiva seria uma variável quantitativa e que depende do tempo de relação, contribuindo para o acúmulo de experiências positivas entre o casal. Deste modo, a partir dos parâmetros adotados para este estudo e dos resultados obtidos, compreende-se a satisfação conjugal como o aumento da frequência de comunicação positiva e afeto positivo na interação entre o casal ao longo do tempo de relação, garantindo o aumento de reforçadores positivos, de forma que os pensamentos e expectativas positivas concernentes ao que seria a relação se aproximam da realidade do casal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo avança no sentido de estudar as relações entre a satisfação conjugal, parentalidade e indicativo para depressão materna, encontrando que a) mães com práticas positivas parentais descrevem um relacionamento conjugal com mais comportamentos de afeto e comunicação positivos que as mães com déficits para práticas positivas parentais, embora não há como identificar com qual frequência tais comportamentos ocorrem; b) mães com baixa frequência em práticas negativas comunicam-se com seus cônjuges com maior frequência que mães com excesso de práticas negativas, entretanto não há como saber se tal comportamento se dá de forma positiva ou negativa na relação, nem se há frequência de afeto positivo ou negativo; c) mães sem indicativo de depressão materna, comparadas ao grupo de mães com indicativo de depressão, expressaram com maior frequência afeto e comunicação de forma positiva e negativa ao cônjuge; d) um maior número de mães sem indicativo de depressão afirmam estar satisfeitas em seu relacionamento comparadas às mães com indicativo de depressão; e) mães com indicativo de depressão parecem se comunicar e serem afetuosas com menor frequência de forma a influenciar em sua satisfação no relacionamento.

Como limitações é possível citar o fato do instrumento Questionário de Relacionamento Conjugal (QRC) estar ainda em fase de validação e de haver apenas um instrumento para avaliar a conjugalidade no estudo. Cita-se ainda como limitação o fato de haver crianças em diferentes momentos escolares e do sexo destas crianças não ter sido diferenciadas, bem como a ausência do relato do pai nas entrevistas. Não houver, tampouco, medidas de observação direta. Como estudos futuros destaca-se a importância da continuidade de estudos na área que limitem a idade e escolaridade, bem como diferenciem o sexo da criança, considerem o relato do pai nas entrevistas e que façam observação direta dos comportamentos de interação entre cônjuges e entre pai e filho.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al.: *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Artmed Editora, 2014
- BARRETO, J. B.M.; BARRETO, D.B. M.; RAMOS, K. D.: *As principais habilidades sociais para a satisfação conjugal*. [S.I]Pesquisa em Psicologia-anais eletrônicos, 2015.
- BOLSONI-SILVA, A. T.; SABBAG. G. M. *Relações entre práticas educativas e as habilidades sociais educativas de mães de adolescentes*. In DEL PRETTE Zilda A.P; SOARES Adriana B; PEREIRA-GUIZO Camila S; WAGNER Marcia F.; LEME Vanessa B.R. (Org.). *Habilidades Sociais Diálogos e Intercâmbio Sobre Pesquisa e Prática*. [S.I]Editora Sinopsys. cap.4. 2015.
- BOLSONI-SILVA, A.T.: *Roteiro de Entrevista de habilidades sociais educativas parentais (RE-HSE-P): categorias e testagem preliminares*. In: L.D. Weber (org). *Família e desenvolvimento: visões interdisciplinares*. Curitiba, Juruá. p. 145-158. 2008.
- CAVALCANTE, S.Neno.: *Notas sobre o fenômeno depressão a partir de uma perspectiva analítico-comportamental*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 17, n. 2, p. 2-12, 1997
- COSER, D. S.; MARTINEZ, C. M. S.; PAMPLIN, R. C. O. *Personal well-being and family interactions of working couples with preschool children: a correlational study*. *Ribeirão Preto. Paidéia*. v. 23, n. 56, p. 339-348, 2013.
- DELA C. M. F.: *A medida da satisfação conjugal: adaptação de uma escala*. [SI]. *Psico*. v.18, p.90-112. 1989.

DISHION, T. J.; MCMAHON, R. J.: *Parental monitoring and the prevention of child and adolescent problem behavior. A conceptual and empirical formulation*. Clinical child and family psychology review, 1(1), 61-75. 1998.

GOMIDE, P. I. C.: *Estilos parentais e comportamento anti-social*. In: A. Del Prette e Z. Del Prette (orgs). Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: Questões conceituais, avaliação e intervenção. Campinas: Alínea. 2003.

GOMIDE, P. I. C.: *Inventário de Estilos Parentais, Modelo Teórico: Manual de Aplicação, Apuração e Interpretação*. Petrópolis, Vozes. 2006.

GOMIDE, P. I. C.: *Parenting Style Inventory PSI-. Inventário de estilos parentais (IEP)– Gomide (2006) percurso de padronização e normatização*. Psicologia Argumento.v 25, n. 48, p. 15-26, 2007.

GOTTMAN, J. M.: *A theory of marital dissolution and stability*. Journal of Family Psychology, 7, 57-75. 1993.

HECKLER, V. I; MOSMANN, C. P. *A qualidade conjugal nos anos iniciais do casamento em casais de dupla carreira*. Rio de Janeiro.Psicologia Clínica v. 28, n. 1, p. 161-182, 2016.

HSIAO, Ying-Ling. *Longitudinal changes in marital satisfaction during middle age in Taiwan*. [S.I] Asian Journal of Social Psychology, v.20, n.1, p.22-32, 2017.

KANFER, F. H.; SASLOW, G.: *Um roteiro para o diagnóstico comportamental*. Em E. J. Mash & L. G. Terdal (Ed.) Behavior Therapy Assessment. New York: Springer Publishing Company. [SI] 1976.

KORJA, R. et al. *Mother's marital satisfaction associated with the quality of mother-father-child triadic interaction*. [S.I]Scandinavian journal of psychology, v.57, n.4, p.305-312, 2016.

LI, Pei-Fen; WICKRAMA, K. A. S. *Stressful life events, marital satisfaction, and marital management skills of Taiwanese couples*. [S.I]Family Relations, v. 63, n. 2, p. 193-205, 2014.

MOSMANN, C.; WAGNER, A.; FÉRES-CARNEIRO, T.: *Qualidade conjugal: mapeando conceitos*. Paidéia, v. 16, n. 35, 2006.

NAJMAN, J. M., KHATUN, M., MAMUN, A., CLAVARINO, A., WILLIAMS, G. M., SCOTT, J., ... & ALATI, R.: *Does depression experienced by mothers leads to a decline in marital quality: a 21-year longitudinal study*. [S.I]Social psychiatry and psychiatric epidemiology, v. 49, n. 1, p. 121-132, 2014.

NEVES, A.; DUARTE, C. *Sintomas depressivos, resolução de conflitos e satisfação conjugal em indivíduos num relacionamento*. [S.I]Psicologia, Saúde & Doenças, v. 16, n. 3, p. 331-344, 2015.

NORGREN, M. B. P., SOUZA, R. M., KASLOW, F., HAMMERSCHMIDT, H., SHARLIN, S. A.: *Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível*. Natal. Estudos de Psicologia. v.9, p.575-584. 2004.

PACE, G. T.: SHAFER, K.: JENSEN, T. M.; LARSON, J. H.: *Stepparenting issues and relationship quality: The role of clear communication*. [S.I]Journal of Social Work, v.15, n.1, p.24-44, 2015.

SANTOS, G. C.; VANDENBERGHE, L.; TAVARES, W. M. *Interpersonal interactions in the marital pair and mental health: a comparative and correlational study*. Ribeirão Preto, Paidéia. v. 25, n. 62, p. 373-381, 2015.

STATTIN, H.; KERR, M.: *Parental Monitoring: A reinterpretation*. Child Development, 71, 1072-1085. 2000.

SYMOENS, S.; COLMAN, E.; BRACKE, P.: *Divorce, conflict, and mental health: How the quality of intimate relationships is linked to post-divorce well-being*. [S.I.]Journal of Applied Social Psychology, v.44, n.3, p.220-233, 2014.

ESTUDO II

Caracterização de relacionamentos conjugais quanto a comunicação e afeto e sua relação com problemas de comportamento infantil e habilidades sociais.

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo realizar uma comparação entre comunicação, afeto, e satisfação conjugal, considerando a ocorrência de problemas de comportamento infantil e habilidades sociais infantis. Para tanto, participaram do estudo 130 (cento e trinta) mães casadas, com idades entre 20 (vinte) e 49 (quarenta e nove) anos, que responderam ao Questionário de Relacionamento Conjugal (QRC) para descrever seu relacionamento com seus parceiros, à Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P) que oferece indicadores clínicos e não clínicos quanto ao uso de práticas parentais positivas e negativas e ao CBCL “Child Behavior Checklist” (Inventário e Comportamentos da Infância e Adolescência) que investiga, a partir do relato de pais, a frequência de 113 (cento e treze) respostas indicativas de problemas de comportamento. Obtiveram-se como resultados que o grupo de mães de crianças sem problemas de comportamento descreveu relacionamentos com maior frequência de comunicação e afeto ($p<0,05$), descrevendo mais comportamentos de comunicação positiva e negativa e afeto positivo e negativo em suas relações conjugais que o grupo de mães de crianças com problemas de comportamento ($p<0,05$). Contudo, mesmo que se comuniquem de forma negativa e comportam-se de maneira a demonstrar afeto negativo, a maior quantidade de mães de crianças sem problemas de comportamento ainda descreveu estar satisfeitas com seu relacionamento ($p<0,05$). No que concerne às comparações referentes às habilidades sociais infantis, obteve-se que o grupo de mães de crianças sem déficits para habilidades sociais apresentou maior frequência de comunicação em seu relacionamento ($p<0,05$), descrevendo mais comportamentos de comunicação negativa, no entanto, agindo de forma mais positivamente afetuosa na interação com o cônjuge ($p<0,05$), encontrando, principalmente, que a) mães de crianças sem déficits para habilidades sociais frequentemente comunicam-se de forma negativa com seus cônjuges, no entanto, são afetuosas com os parceiros; b) mães de crianças sem problemas de comportamento frequentemente comunicam-se de maneira positiva e negativa com o cônjuge, entretanto, descrevem uma relação permeada por afeto negativo; c) um maior número de mães de crianças sem problemas de comportamento afirmam estar satisfeitas com a relação conjugal que mães de crianças com problemas de comportamento de modo que d) a frequência de comunicação positiva entre os cônjuges,

parece ser um fator importante para a ocorrência de satisfação na relação. O Estudo avança no sentido de estudar as relações entre comunicação e afeto para a satisfação conjugal juntamente com as variáveis do problema de comportamento infantil e habilidades sociais infantis.

Palavras Chave: Satisfação Conjugal; Problema de Comportamento; Habilidades Sociais

Characterization of conjugal relationships regarding communication and affection and its relation with child behavior problems and social skills.

ABSTRACT: The present study aims to compare communication, affection, and marital satisfaction, considering the occurrence child behavioral problems and children's social skills. In order to do so, 130 married mothers, aged between 20 and 49 years, responded to the Questionário de Relacionamento Conjugal (QRC) to describe their relationship with their partners, the Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P) which provides clinical and non-clinical indicators on the use of positive and negative parenting practices and the Child Behavior Checklist (CBCL), which investigates, from the parents' reports, the frequency of 113 responses indicative of behavior problems. It was obtained as results that the group of mothers of children without behavioral problems described relationships with greater frequency of communication and affection ($p < 0.05$), describing more behaviors of positive and negative communication and positive and negative affection in their conjugal relations than the group of mothers of children with behavior problems ($p < 0.05$). However, even if they communicate negatively and behave in a way that demonstrates negative affect, a greater number of mothers of children without behavioral problems still described being satisfied with their relationships ($p < 0.05$). Concerning the comparisons related to children's social skills, it was obtained that the group of mothers of children without social skills deficits presented a higher frequency of communication in their relationship ($p < 0.05$), describing more negative communication behaviors, however, acting more positively affectionate in the interaction with the spouse ($p < 0.05$), finding, mainly, that a) mothers of children without social skills deficits often communicate in a negative way with their spouses, although, are affectionate with their partners; b) Mothers of children without behavioral problems often communicate positively and negatively with their spouse; however, they describe a relationship permeated by negative affect; c) a greater number of mothers of children without behavioral problems claim to be satisfied with the marital relationship than mothers of children with behavioral problems so that d) the frequency of positive communication between the spouses seems to be an important factor for the occurrence of satisfaction in the relationship. The research advances in the sense of studying the relationships between communication and affection for marital satisfaction along with the variables child behavior problem and children's social skills.

Keywords: Conjugal Satisfaction; Behavior Problems; Social Skills.

INTRODUÇÃO

O casamento consiste num desfecho culturalmente esperado para uma relação construída com base em uma história de refoçamento e aprendizagem mútua, o qual se consolida uma etapa do ciclo de vida (ASPESI, CHAGAS, & DESSEN, 2005). Nesse sentido, espera-se a ocorrência de interações familiares reforçadoras e promotoras de bom desenvolvimento, dentre as quais é possível citar o envolvimento de diversas variáveis como as habilidades sociais infantis, o baixo nível de problemas de comportamento infantil e a satisfação conjugal do casal ao passo que, no presente estudo, busca-se compreender como essas variáveis se relacionam com a satisfação conjugal. No entanto, conceituar o termo “satisfação conjugal” ainda é um desafio por se tratar de um fenômeno permeado por diversas variáveis (NORGREN, SOUZA, KASLOW, HAMMERSCHMIDT & SHARLIN, 2004; MOSMANN, WAGNER & FÉRES-CARNEIRO, 2006), tais quais características sociodemográficas, bem estar do casal e dos filhos, saúde física do casal, respostas fisiológicas dos cônjuges, quadros psicopatológicos, estados depressivos, características de personalidade (MOSMANN, WAGNER & FÉRES-CARNEIRO, 2006), aumento da proximidade entre o casal, estratégias de elaboração de problemas, coesão, bom status econômico e boa habilidade para comunicação (NORGREN et al.2004).

Para Dela Coleta (1989) a satisfação conjugal consiste em uma diferença entre a percepção que cônjuge tem da realidade do casamento e os desejos estabelecidos para o futuro da relação. Entende-se que os comportamentos positivos emitidos durante a interação conjugal se relacionam a satisfação com o relacionamento enquanto que comportamentos negativos gerariam avaliações mais negativas (MOSMANN, WAGNER & FÉRES-CARNEIRO, 2006). Deste modo, no contexto do relacionamento conjugal, as respostas aos comportamentos do outro, sejam positivas ou negativas, afetam o casamento e dado o passar do tempo e histórico desenvolvido pela interação entre o casal, o acúmulo de experiências influencia na avaliação e satisfação relatada pelos cônjuges (GOTTMAN, 1993).

Nesse sentido, por ser um período que usualmente requer o desenvolvimento de uma grande quantidade de novos repertórios, a transição para a parentalidade pode

acarretar na diminuição da satisfação conjugal (MENEZES & LOPES, 2007). Por outro lado, um relacionamento bem ajustado e construído de forma a ter bons níveis de comunicação e estratégias de resolução de conflitos entre os cônjuges influencia para melhores cuidados às crianças e aumento da qualidade das interações entre pais e filhos (NORGREN et al., 2004), contribuindo na manutenção de um ambiente familiar mais saudável. Nesse sentido, possuir um repertório comportamental socialmente habilidoso auxilia pais e filhos a manter bons níveis de comunicação e garante uma maior chance resolver problemas de forma adequada.

Nessa linha se compreende que o comportamento socialmente habilidoso se refere à expressão de atitudes, sentimentos, opiniões e desejos, respeitando a si e aos outros, ocasionando, de modo geral, a resolução dos problemas e a diminuição da probabilidade de problemas futuros (CABALLO, 1991). Trata-se de comportamentos necessários a uma relação interpessoal bem-sucedida, incluindo comportamentos de iniciar, manter e finalizar conversas, pedir ajuda, fazer e responder perguntas, fazer e recusar pedidos, defender, expressar sentimentos de agrado e desagrado, pedir mudança no comportamento do outro, lidar com críticas e elogios, admitir erros, desculpar-se e escutar empaticamente (CABALLO, 2003). O estabelecimento de boas interações sociais foi descrito por Del Prette e Del Prette (1999/ 2012) de forma que abarcassem componentes verbais de conteúdo, tais quais fazer/responder perguntas, solicitar mudança de comportamento, lidar com críticas, pedir/dar feedback, opinar/concordar e discordar, elogiar, agradecer, fazer pedidos, recusar pedidos, justificar-se, autorrevelar-se e utilizar-se de humor. Componentes verbais como latência e duração da fala e componentes de expressão corporal como olhar, sorrir e gesticular também são considerados pelos autores como importantes no momento de estabelecer uma interação social habilidosa.

O repertório socialmente habilidoso contribui para a melhoria das relações, tanto conjugais quanto parentais, seja pelo uso de modelo, seja pelo uso de habilidades sociais educativas parentais. Após busca por literatura nacional e internacional nas bases Scielo, CAPES e BVS para os últimos cinco anos, encontrou-se apenas um artigo que caminhou na direção de relacionar a conjugalidade com habilidades sociais infantis (HOSOKAWA & KATSURA, 2017), e poucos que o fizeram e também consideraram a variável problema de comportamento (BOLSONI-SILVA & MARTURANO, 2010; LEME, MARTURANO & FONTAINE, 2014; SHIGETO, MANGELSDORF & BROWN, 2014; FANTINATO & CIA, 2015; FANTINATO, 2016; MARK & PIKE, 2017) de forma que

nos últimos cinco anos foram poucos os artigos que relacionaram a conjugalidade às habilidades sociais infantis.

Nesse sentido, Hosokawa e Katsura (2017) descrevem os conflitos destrutivos e construtivos como fatores que podem influenciar no desenvolvimento de habilidades sociais infantis por meio de práticas educativas parentais. Em um estudo que objetivou observar o modo com que os conflitos conjugais destrutivos e construtivos podem levar ao desenvolvimento de habilidades sociais em crianças pré-escolares, pela mediação de práticas parentais positivas e negativas, Hosokawa e Katsura (2017) encontraram que práticas parentais negativas mediam a relação entre conflitos conjugais destrutivos e baixos níveis de cooperação, autocontrole e assertividade em crianças. Da mesma forma, há uma relação entre conflitos conjugais construtivos, práticas parentais positivas e altos escores de autocontrole e assertividade em crianças. Deste modo, é possível dizer que pais que interagem entre si de maneira construtiva e habilidosa socialmente no momento de resolver conflitos também se utilizam de práticas parentais positivas no momento de educar e interagir com os filhos, o que resulta em crianças com maior repertório em assertividade e autocontrole.

A formação do ambiente familiar também pode sinalizar aspectos da conjugalidade, influenciando para o fornecimento de modelos de comportamentos habilidosos ou inabilidosos de interação com as crianças. A partir disso, Leme, Marturano e Fontaine (2014) realizaram um estudo que objetivou avaliar as semelhanças e diferenças entre as habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica de crianças de famílias nucleares e recasadas utilizando o relato de 94 (noventa e quatro) mães de crianças que transitavam para o ensino fundamental e 22 (vinte e dois) professoras. Para as autoras, de acordo com o relato materno, crianças de famílias nucleares apresentam mais habilidades sociais e menos problemas de comportamento que crianças de famílias recasadas e, segundo as professoras, crianças de famílias recasadas apresentam mais comportamentos externalizantes que crianças de famílias nucleares. Desta forma, uma criança habilidosa socialmente estaria apta a se envolver em atividades sociais valendo-se de comportamentos socialmente habilidosos e garantindo para si e para o ambiente consequências mais reforçadoras. Nesse sentido, déficits em habilidades sociais podem trazer prejuízos nas interações sociais infantis, sendo esse um dos fatores associados aos problemas de comportamento infantil.

Entende-se por problemas de comportamento tanto as queixas relacionadas à externalização, como impulsividade, agressão, agitação, características desafiantes e anti-sociais—nomeados como problemas externalizantes - quanto queixas de internalização tal qual timidez ou medo excessivo, dificuldades corporais/fisiológicas (PATTERSON, REID & DISHION, 1992), asma, nervosismo, recusa de ir à escola, dispersão do olhar, ansiedade, preocupação exagerada, movimentos lentos, tristeza e excesso de apego (ACHENBACK & EDELBROCK, 1979), entendidos como problemas de comportamento internalizantes. A partir de uma visão nosológica, os problemas de comportamento externalizantes são descritos como transtorno de oposição desafiante, transtorno de conduta e transtorno de comportamento disruptivo sem outra especificação (DSM-V - AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. 2014) e os internalizantes elencam comportamentos tais quais ansiedade, depressão e somatizações, compreendendo a depressão infantil (ACHENBACH & RESCOLA, 2001) e os problemas de ansiedade, tais quais fobias específicas, fobia social, ansiedade de separação, problemas obsessivo-compulsivos, ataques de pânico e ansiedade generalizada (TANDON, CARDELI & LUBY, 2009).

A literatura aponta variáveis importantes para o desenvolvimento de problemas de comportamento infantil, tais como sexo e escolaridade da criança, habilidades sociais infantis, práticas parentais e o relacionamento conjugal dos responsáveis, incluindo fatores como coesão familiar e o casamento do responsável com primeiro ou segundo cônjuge. De forma semelhante, dificuldades no relacionamento conjugal podem estar relacionadas às práticas educativas parentais e, concomitantemente, a problemas de comportamento infantil e baixa escolaridade, tal qual ilustra Fantinato et al. (2016) que desenvolveu um estudo o qual um dos objetivos consistia em realizar uma comparação das habilidades sociais educativas parentais, das características do relacionamento conjugal e do potencial de abuso para maus tratos infantis com 45 pais de crianças com desenvolvimento típico, 29 (vinte e nove) pais de crianças com problemas de comportamento e 31 (trinta e um) pais de crianças com indicativo de baixo desempenho acadêmico. A autora encontrou que pais de crianças com desenvolvimento típico apresentam melhor repertório em habilidades sociais educativas parentais, mais características positivas em seu relacionamento conjugal e menor potencial para maus tratos. Já pais de crianças com problemas de comportamento e baixo desempenho

acadêmico possuem maiores dificuldades no relacionamento conjugal e na interação com os filhos.

A interação dos pais com a criança é apontada como um ponto importante para o bom desenvolvimento infantil bem como a frequente ocorrência de interações negativas entre os responsáveis são citadas pela literatura como fatores relacionados à presença de problemas de comportamento infantil (FANTINATO & CIA, 2015). No entanto, ao passo que se dá o aumento de repertório de habilidades sociais educativas parentais, aumenta-se o repertório comportamental infantil e melhora-se a avaliação quanto a relação conjugal (FANTINATO & CIA, 2015). Desse modo, é possível dizer que existe uma relação entre o nível de habilidades sociais educativas parentais, o repertório comportamental infantil e a satisfação conjugal do casal.

A relação entre a conjugalidade dos pais e problemas de comportamento dos filhos ainda vem sendo pouco estudada, os estudos na área são realizados em uma relação direta (BOLSONI-SILVA & MARTURANO, 2010; FREITAS, SIQUARA & CARDOSO 2013; GOLDBERG & CARLSON, 2014; BRAITHWAITE, et al., 2015;) ou de maneira proximal, pelo modo com que a conjugalidade influencia nas práticas parentais (COLN, JORDAN & MERCER, 2013; FANTINATO, 2013; SHIGETO, MANGELSDORF & BROWN, 2014; MARK E PIKE, 2017). Uma relação amorosa de apoio mútuo entre os cônjuges associa-se a baixos níveis de problemas comportamentais, tanto internalizantes quanto externalizantes (GOLDBERG & CARLSON, 2014), por outro lado, relações amorosas conflituosas associam-se ao aumento de sintomas internalizantes e delinquência na criança, por conta de uma menor conexão nas interações pais e filhos (BRAITHWAITE, et al., 2015). De forma semelhante, conflitos conjugais destrutivos podem influenciar no aumento dos problemas de comportamento infantil (FREITAS, SIQUARA & CARDOSO 2013) e ser preditores de práticas parentais negativas (COLN, JORDAN & MERCER, 2013), de modo a haver uma relação inversa entre a existência de uma boa coesão familiar e problemas de comportamento na criança (FREITAS, SIQUARA & CARDOSO, 2013).

Nessa mesma linha, Shigeto, Mangelsdorf e Brown (2014) encontraram em um estudo longitudinal que, segundo a percepção dos pais, há uma associação entre ajustamento conjugal, engajamento paterno e o autocontrole dos comportamentos infantis. Tais achados sugerem que tanto o bom relacionamento do casal quanto o

engajamento parental e o autocontrole da criança nas interações associam-se entre si, fatores também analisados por Fantinato, (2013) que constatou que práticas educativas parentais positivas e qualidade da relação conjugal colaboram para um bom repertório comportamental infantil.

Mark e Pike, (2017) ao estudar a associação entre a qualidade conjugal e o comportamento infantil utilizando o relato de 78 (setenta e oito) mães, encontraram que dificuldades no comportamento infantil, bem como em comportamentos pró-sociais da criança, estão relacionados com a qualidade conjugal de seus pais de forma que as mães de seu estudo que relataram maior qualidade conjugal possuíam filhos com menores dificuldades comportamentais e mais comportamentos pró-sociais. Deste modo, os estudos parecem indicar que os problemas no relacionamento conjugal, direta ou indiretamente, podem ter alguma influência para o surgimento de problemas de comportamento infantil.

Já Bolsoni-Silva e Marturano (2010) encontram resultados divergentes ao desenvolver um trabalho que objetivou realizar a comparação de relatos de mães e pais de pré-escolares com e sem problemas de comportamento quanto ao relacionamento conjugal. Para isso, 48 (quarenta e oito) casais, foram distribuídos entre os grupos “pais de crianças com problemas de comportamento” e “pais de crianças sem problemas de comportamento”. As autoras encontraram diferenças favoráveis ao grupo com indicação escolar de comportamento socialmente habilidoso (ICSH) no que tange a características da comunicação conjugal, no entanto, as diferenças obtidas entre pais e mães de cada grupo foram pequenas indicando homogeneidade dentro de cada grupo. Mesmo que as mães do Grupo ICSH tenham avaliado mais positivamente seus cônjuges que as mães do Grupo com Indicação Escolar para Problemas de Comportamento (IPC), as autoras indicam que ambos os grupos sinalizam igualmente as categorias “expressam carinho” e “recebem carinho” e avaliam igualmente a relação conjugal como “satisfatória”. De forma geral, o estudo não aponta uma associação entre satisfação conjugal e problemas de comportamento, no entanto, salientou-se fato destes resultados terem sido obtidos devido a características do instrumento utilizado no estudo.

Sendo assim, de modo geral, a maior parte dos estudos indica que a forma com que os cônjuges se relacionam afeta o repertório comportamental das crianças, uma vez que casais com relações menos conflituosas tem filhos mais assertivos e habilidosos

socialmente (HOSOKAWA & KATSURA, 2017) e famílias nucleares, mais sólidas e estruturadas, têm filhos mais habilidosos e com menos problemas comportamentais (LEME, MARTURANO & FONTAINE, 2014). Nessa linha, sabe-se que pais de crianças com problemas de comportamento têm maior dificuldade de interagir com os cônjuges e com os próprios filhos (FANTINATO, 2016) e, conforme se adquire repertório em habilidades sociais educativas parentais, aumenta-se o repertório comportamental infantil e melhora-se a avaliação quanto à relação conjugal (FANTINATO & CIA, 2015), estando o relacionamento conjugal harmonioso e de apoio mútuo associado a baixos níveis de problemas de comportamentais (GOLDBERG & CARLSON, 2014). Assim, a qualidade da interação conjugal colabora para o bom repertório comportamental (FANTINATO, 2013) e aumento dos comportamentos pró sociais infantis (MARK & PIKE, 2017). Desse modo, é possível dizer que existe uma relação entre o nível de habilidades sociais educativas parentais, o repertório comportamental infantil e a satisfação conjugal do casal. Nesse sentido, entende-se que as habilidades sociais sejam um fator relevante para a aquisição de bom repertório comportamental e diminuição de problemas de comportamento, estando estas variáveis associadas ao aumento da satisfação conjugal.

Para o desenvolvimento deste Estudo a literatura levantada encontrou textos elucidando temas a respeito: a) da relação conjugal e potencial para maus tratos parentais; c) de habilidades sociais educativas, relacionamento conjugal e problema de comportamento infantil; d) de conflitos conjugais e práticas parentais; e) da composição do ambiente familiar e comportamento infantil; f) de parentalidade e comportamento infantil; g) de habilidades sociais e comportamento infantil; h) conjugalidade e problemas de comportamento; i) coesão familiar e problemas de comportamento; estando, portanto, a investigação da relação entre conjugalidade, problemas de comportamento infantil e habilidades sociais infantis de forma unificada pouco explorada pela literatura, sendo essa uma lacuna de pesquisa.

Segundo a literatura muitas coisas influenciam para o surgimento de problemas de comportamento infantil, dentre elas déficits em habilidades sociais e a conjugalidade dos pais como um dos fatores que podem influenciar no surgimento de problemas, de modo que esse se constitui no foco deste estudo. Desta forma, questiona-se neste estudo quais as relações se podem fazer entre as variáveis “relação conjugal” no que se refere a afeto, comunicação e satisfação conjugal, “problemas de comportamento” e “habilidades sociais” de modo que o objetivo deste estudo consiste em descrever as relações entre

conjugalidade e a ocorrência de problemas de comportamento infantil e entre conjugalidade e habilidades sociais infantis.

Objetivos Específicos

- a) Comparar a frequência e qualidade de comportamento de comunicação e afeto conjugal com problemas de comportamento infantil.
- b) Comparar a satisfação conjugal com problemas de comportamento infantil.
- c) Comparar a frequência e qualidade de comportamento de comunicação e afeto conjugal com habilidades sociais infantis.
- d) Comparar a satisfação conjugal com habilidades sociais infantis.

MÉTODO

Projeto guarda-chuva

Idêntico ao Estudo I

Aspectos éticos

Idêntico ao Estudo I

Participantes

Idêntico ao Estudo I

Percurso Amostral

Idêntico ao Estudo I

Instrumentos

Questionário de Relacionamento Conjugal (QRC) - instrumento apresenta 121 (cento e vinte e um) itens com sete conjuntos de informações: definição do parceiro(a), expressão de carinho entre os parceiros(as), comunicação estabelecida entre o casal, identificação, estabilidade de características positivas e negativas do(a) parceiro(a) e avaliação do relacionamento conjugal. É aplicado em forma de entrevista de maneira que cada tópico é introduzido com uma questão que permite três alternativas de resposta: “frequentemente”, “algumas vezes”, “nunca” ou “quase nunca”. Mediante a resposta, o entrevistador solicita informações adicionais, assinalando as respostas correspondentes em uma *check-list*, no caso da pergunta acerca da definição do parceiro(a) e quanto às características da comunicação. As demais questões são feitas de forma aberta e as

respostas anotadas em um protocolo que inclui algumas categorias possíveis de respostas. Quando a resposta não tem correspondente nas categorias previstas no instrumento é anotada no protocolo na opção *outros*. O instrumento fornece um escore total e escores parciais para cada uma das áreas. A análise fatorial exploratória para as perguntas do tipo *likert* em uma amostra de 48 (quarenta e oito) casais, indicou dois fatores (explicando 61,7% da variância): o primeiro incluiu a definição/percepção do cônjuge, características positivas, sentimentos expressos e sentimentos recebidos; o segundo, características negativas atribuídas ao cônjuge. A fidedignidade teste/re-teste, obtida com dados de 12 (doze) casais e um mês de intervalo entre as aplicações, foi de 0,84 para as mulheres e 0,94 para os homens (ρ de Spearman, $p < 0,05$) (BOLSONI-SILVA & MARTURANO, 2007). Devido ao fato do instrumento ainda estar em fase de validação, para melhor analisar os 121 (cento e vinte e um) itens, foram desenvolvidas categorias de avaliação, nomeadas como “Afeto (positivo ou negativo)” o qual se refere ao relato de frequência de comportamentos (quantidade de vezes em que esse comportamento é emitido) ou qualidade de comportamentos (de que forma esses comportamentos são emitidos) que expressam como o cônjuge se sente na relação conjugal e com relação ao outro que beneficiam a relação (afeto positivo) ou prejudicam a relação (afeto negativo); “Comunicação (positiva ou negativa) refere-se ao relato de frequência de comportamentos (quantidade de vezes em que esse comportamento é emitido) ou qualidade de comportamentos (de que forma esses comportamentos são emitidos) de comunicação que beneficiam a relação (comunicação positiva) ou prejudicam a relação (comunicação negativa); “Avaliação da relação conjugal: tem como objetivo avaliar o relacionamento conjugal em satisfatório, regular ou insatisfatório e às explicações possíveis para tal avaliação realizada pelo cônjuge. Ressalta-se que a frequência de comportamentos continuam as perguntas do questionário que investigam de modo geral a quantidade de vezes em que ocorre afeto e comunicação positiva e negativa na relação e a qualidade do comportamento se refere a soma de todos os itens concernentes a comunicação e afeto positivo e negativo do instrumento de forma que a categorização realizada a fim de executar a análise este trabalho de dissertação a partir do QRC encontra-se anexada em Apêndice.

Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P)

Busca descrever, a partir de relatos dos pais, respostas, antecedentes e consequentes das interações estabelecidas entre pais e filhos a partir de 13 (treze) perguntas gerais. As respostas são codificadas e anotadas em um protocolo (BOLSONI-SILVA; LOUREIRO;

MARTURANO, 2016), nas subcategorias habilidades sociais educativas parentais hse-p (práticas educativas parentais positivas), práticas educativas negativas, habilidades sociais dos filhos, variáveis de contexto e frequência de habilidades sociais educativas parentais, as quais são organizadas conforme três grandes categorias: *Comunicação, Expressão de Sentimentos e Enfrentamento e Estabelecimento de Limites*. O instrumento possui satisfatória validade de constructo, discriminativa e fidedignidade teste-reteste, com um alpha de 0,846.

Importante ressaltar que também aspectos da relação conjugal voltados para a educação dos filhos são previstos pelo instrumento, tais quais consistência parental e agressividade conjugal, de forma que o instrumento também realiza a diferenciação de crianças com e sem problemas de comportamento, oferecendo indicações clínicas e não clínicas tanto para a diversidade (entendida como a variação de respostas emitidas pelo sujeito em determinado contexto que possuem uma mesma função) como para a frequência (quantidade de vezes que o sujeito emite uma resposta) comportamental de práticas positivas, negativas, habilidades sociais infantis e queixas parentais de problemas de comportamento (BOLSONI-SILVA et al., 2016). Quanto as indicações de clínicas e não clínicas obtidas pelo instrumento, temos que o termo “clínico” para práticas positivas parentais refere-se ao participante que possui déficits para práticas positivas parentais, enquanto o termo “não clínico” refere-se a àquele que apresenta práticas positivas parentais em sua interação com a criança; para práticas negativas parentais, o termo “clínico” refere-se ao excesso de práticas negativas e “não clínico” indica uma baixa frequência de práticas negativas; com relação as habilidades sociais infantis, indica-se como “clínica” a criança que apresenta déficits para habilidades sociais e como “não clínica” a criança sem déficits para habilidades sociais; por fim, no que concerne aos problemas de comportamento infantil, são indicadas como “clínicas” as crianças com problemas de comportamento segundo a correção do instrumento e como “não clínicas” as crianças sem problemas de comportamento segundo a correção do instrumento. Deste modo, esse instrumento permite avaliar práticas positivas (habilidades sociais educativas parentais), práticas negativas, habilidades sociais infantis, queixas de problemas de comportamento, diversidade de interações sociais mãe-criança e aspectos do relacionamento conjugal, prevendo classificações tanto para práticas positivas quanto para diversidade, frequência e práticas negativas.

CBCL “Child Behavior Checklist” (Inventário e Comportamentos da Infância e Adolescência, ACHENBACH; RESCORLA, 2001) Utilizado para investigar, a partir do relato dos pais ou cuidadores, a existência de problemas de comportamento infantil. No referido Estudo, utilizou-se tanto a versão para crianças de 1½ (um e meio) a 5 (cinco) anos, composta por 99 (noventa e nove) sentenças avaliadas como “não verdadeira tanto quanto se sabe” (1 ponto), “um pouco verdadeira ou algumas vezes verdadeira” (2 pontos) ou “frequentemente verdadeira” (3 pontos), quanto a versão para crianças e adolescentes de 6 (seis) a 18 (dezoito) anos, composta por 20 (vinte) itens e 138 (cento e trinta e oito) sentenças, sendo 118 (cento e dezoito) referentes a problemas de comportamento e 20 (vinte) referentes à competência social. Deste último avalia-se itens e sentenças como “não verdadeira tanto quanto se sabe” (1 ponto), “um pouco verdadeira ou algumas vezes verdadeira” (2 pontos) ou “frequentemente verdadeira” (3 pontos). O funcionamento global e os perfis internalizantes e externalizantes dos comportamentos das crianças e adolescentes são categorizados como normais, ou não clínicos (entendidos e indicados no estudo como “sem problemas de comportamento”), limítrofes ou clínicos (entendidos e indicados no estudo como “com problemas de comportamento”). Adicionalmente, o instrumento reuni e fornece através de tabulação pelo programa ADM dados a respeito das atividades sociais e escolares das crianças, bem como escore total de competência social, agregando dados referentes à problemas de ansiedade, somáticos, afetivos, sobre comportamento desafiador/opositivo, déficit de atenção/hiperatividade e sobre transtorno da conduta. Sua validação no Brasil ocorreu por meio de uma pesquisa realizada por Bordin, Mari e Caieiro (1995) que utilizou uma amostra de 49 (quarenta e nove) crianças de ambos os sexos com idades entre 4 (quatro) e 12 (doze) anos em que o instrumento foi aplicado aos pais e as crianças foram avaliadas por psiquiatra infantil sem conhecimento prévio do CBCL. Classificou-se como “casos” crianças com no mínimo um dos perfis do CBCL (social e/ou comportamental). Identificou-se que a versão nacional do CBCL alcançou boa sensibilidade (87%), identificando corretamente 75% dos casos leves, 95% dos casos moderados e 100% dos casos graves.

Procedimentos de coleta de dados

Idêntico ao Estudo I

Procedimento de tratamento e análise de dados

O tratamento de dados foi realizado de modo a realizar uma comparação entre as variáveis conjugalidade e habilidades sociais infantis e conjugalidade e problemas de comportamento infantil. Para as comparações, analisou-se: a) as frequências de afeto e comunicação das habilidades sociais conjugais e das habilidades sociais infantis a partir das medidas estabelecidas pelo RE-HSE-P para identificar crianças com e sem déficits para habilidades sociais (QRC, itens de conteúdo de habilidades sociais infantis RE-HSE-P); b) a soma (qualidade do comportamento) dos itens de afeto e comunicação (positivo e negativo) das habilidades sociais conjugais e das habilidades sociais infantis (QRC e itens de conteúdo de habilidades sociais infantis RE-HSE-P); c) os itens de avaliação da relação conjugal e das habilidades sociais infantis (QRC e itens de conteúdo de habilidades sociais infantis RE-HSE-P); c) as frequências de afeto e comunicação das habilidades sociais conjugais e de problema de comportamento, a partir das medidas estabelecidas pelo CBCL para identificar crianças com e sem problemas de comportamento (QRC e CBCL); d) a soma (qualidade do comportamento) dos itens de afeto e comunicação (positivo e negativo) e de problema de comportamento (QRC e CBCL); e) os itens de avaliação da relação conjugal e de problema de comportamento (QRC e CBCL).

As comparações foram realizadas utilizando-se variáveis numéricas (teste t de *Student*) e categóricas (Teste Qui-quadrado) para ter ou não indicações para clínico ou não clínico para problema de comportamento e déficit em habilidades sociais. Admitiu-se significância de 5%, sendo os resultados expressos em forma de tabelas, na sessão a seguir.

RESULTADOS

Essa seção apresenta os resultados quanto às comparações entre afeto e comunicação no relacionamento (frequência e qualidade) com problemas de comportamento infantil e avaliação da relação conjugal (Tabela 1), e comparação entre afeto e comunicação no relacionamento (frequência e qualidade) com habilidades sociais infantis e avaliação da relação conjugal (Tabela 2) de forma que os resultados referentes à conjugalidade e problema de comportamento infantil estão expressos na Tabela a seguir:

Tabela 1. Comparações entre grupos de mães de crianças com problemas de comportamento e sem problemas de comportamentos respeito da frequência e qualidade

de comportamentos de comunicação e afeto no relacionamento e avaliação da satisfação conjugal.

Categoria	Descrição do Comportamento / Relacionamento	Comparações Média (Desvio padrão)				
		Frequência do comportamento				
		Com problemas de comportamento n=60	X	Sem problema de comportamento n=70	t	p
Afeto no Relacionamento	Você expressa carinho ao (a) companheiro (a)	1,45 (0,65)	X	1,72 (0,51)	2,49	0,01
	O (a) companheiro (a) expressa carinho.	1,65 (0,57)	X	1,79 (0,44)	1,45	0,14
Comunicação no Relacionamento	A comunicação entre o casal é adequada.	1,50 (0,70)	X	1,74 (0,50)	2,15	0,03
	O parceiro faz coisas que o cônjuge gosta.	1,55 (0,56)	X	1,78 (0,41)	2,55	0,01
	Há características do parceiro as quais não gosta.*	0,74 (0,66)	X	1,13 (0,57)	3,51	0,00
Qualidade do comportamento						
	Comunicação Positiva	19,91 (5,40)	X	22,01 (5,02)	2,29	0,02
	Comunicação Negativa	19,31 (6,23)	X	22,80 (6,25)	3,16	0,00
	Afeto Positivo	73,58 (16,00)	X	78,32 (15,36)	1,72	0,08
	Afeto Negativo	5,21 (2,10)	X	6,55 (1,21)	4,34	0,00
Classificação das Habilidades Sociais Infantis						
	Sem problema de comportamento	Com problemas de comportamento		X ²	p	
Avaliação da Relação				6,261	0,044	

Satisfatória	55	36
Regular	13	17
Insatisfatória	1	5

*itens negativos que foram invertidos; quanto maior a média, melhor o desempenho.

No que tange as comparações entre os grupos de mães de crianças “com problemas de comportamento” e “sem problemas de comportamento”, obteve-se para a categoria “Afeto no Relacionamento” que o grupo de mães de crianças sem problemas de comportamento apresentou as maiores médias para os itens “você expressa carinho ao companheiro” ($p < 0,05$) e “o companheiro expressa carinho” ($p > 0,05$). No que se refere a “Comunicação no Relacionamento”, os resultados apontaram que o grupo de mães de crianças sem problema de comportamento apresentam as maiores médias, de maneira que os itens “a comunicação entre o casal é adequada”, “o parceiro faz coisas que o cônjuge gosta” e “com pouca frequência há características do parceiro as quais não gosta (item invertido)” apresentam relevância estatística ($p < 0,05$). Quanto aos totais, afirma-se que o grupo de mães de crianças sem problemas de comportamento apresentou as maiores médias para “Comunicação Positiva” ($p > 0,05$), “Comunicação Negativa” ($p < 0,05$), “Afeto Positivo” ($p > 0,05$) e “Afeto Negativo” ($p < 0,05$).

Para Avaliação da Relação, quanto à satisfação no relacionamento, obteve-se que 55 (cinquenta e cinco) pessoas do grupo de mães de crianças sem problemas de comportamento avaliaram que sua relação com o cônjuge é satisfatória, 13 (treze) regular e 1 (um) insatisfatória enquanto que 36 (trinta e seis) pessoas do grupo de mães de crianças com problemas de comportamento avaliaram como satisfatória, 17 (dezessete) como regular e 1 (um) como insatisfatória ($p < 0,05$).

Na Tabela 2 é possível observar e comparar como a mesma amostra separada em grupos de mães de crianças com déficits para habilidades sociais e sem déficits para habilidades sociais avaliou sua comunicação e afeto na relação conjugal e o quão satisfeitas elas afirmam estar no relacionamento.

Tabela 2. Comparações entre grupos de mães de crianças com déficit em habilidades sociais e sem déficits em habilidades sociais a respeito da frequência e qualidade de

comportamentos de comunicação e afeto no relacionamento e avaliação da satisfação na relação conjugal.

Categoria	Descrição do Comportamento / Relacionamento	Comparações Média (Desvio padrão)				
		Com déficit em habilidades sociais n=31	X	Sem déficits em habilidades sociais n=99	t	p
Frequência do comportamento						
Afeto no Relacionamento	Você expressa carinho ao (a) companheiro (a)	1,43 (0,72)	X	1,64 (0,54)	1,50	0,14
Comunicação no Relacionamento	O (a) companheiro (a) expressa carinho.	1,63 (0,61)	X	1,75 (0,47)	1,01	0,31
	A comunicação entre o casal é adequada.	1,46 (0,77)	X	1,68 (0,54)	1,44	0,15
	O parceiro faz coisas que o cônjuge gosta.	1,44 (0,63)	X	1,75 (0,43)	2,40	0,02
	Há características do parceiro as quais não gosta.*	1,10 (0,71)	X	0,90 (0,61)	-1,44	0,15
Qualidade do comportamento						
	Comunicação Positiva	19,48 (6,31)	X	21,53 (4,86)	1,66	0,10
	Comunicação Negativa	18,93 (7,52)	X	21,89 (5,95)	2,00	0,05
	Afeto Positivo	71,25 (18,24)	X	77,66 (14,69)	1,99	0,04
	Afeto Negativo	5,64 (1,99)	X	6,03 (1,74)	1,03	0,30
Classificação das Habilidades Sociais Infantis						
		Com déficit em				
		Sem déficits em habilidades sociais	habilidades sociais	X ²	p	
Avaliação da Relação					1,059	0,589

Satisfatória	71	20
Regular	21	9
Insatisfatória	4	2

*itens negativos que foram invertidos; quanto maior a média, melhor o desempenho.

Acerca das comparações referentes à frequência do comportamento entre os grupos de mães de crianças “com déficit em habilidades sociais” e “sem déficits em habilidades sociais”, obteve-se como resultados para a categoria “Afeto no Relacionamento” que o grupo de mães de crianças sem déficits em habilidades sociais apresentou as maiores médias para os itens “você expressa carinho ao companheiro” e “o companheiro expressa carinho” ($p>0,05$). No que concerne à “Comunicação no Relacionamento”, os resultados apontaram que o grupo de mães de crianças sem déficits em habilidades sociais apresentaram as maiores médias, sendo os itens de descrição do comportamento “a comunicação entre o casal é adequada” sem relevância estatística ($p>0,05$) e o item “o parceiro faz coisas que o cônjuge gosta” com relevância estatística ($p<0,05$). Ressalta-se para esta categoria que o grupo de mães de crianças com déficit em habilidades sociais apresentou as maiores médias para o item “com pouca frequência há características do parceiro as quais não gosta (item invertido)”, sem relevância estatística ($p>0,05$). Quanto à qualidade do comportamento, pode-se afirmar que grupo de mães de crianças sem déficits para habilidades sociais apresentou as maiores médias para “Comunicação Positiva” ($p>0,05$), “Comunicação Negativa” ($p<0,05$), “Afeto Positivo” ($p<0,05$), “Afeto Negativo” ($p>0,05$). No que diz respeito a Avaliação da Relação, quanto à satisfação no relacionamento, obteve-se que 71 (setenta e uma) pessoas do grupo de mães de crianças sem déficits em habilidades sociais avaliaram que sua relação com o cônjuge é satisfatória, 21 (vinte e uma) regular e 4 (quatro) insatisfatória enquanto 20 (vinte) pessoas do grupo de mães de crianças com déficits em habilidades sociais avaliaram sua relação conjugal de forma satisfatória, 9 (nove) regular e 4 (quatro) insatisfatória ($p>0,05$).

DISCUSSÃO

Este estudo realizou uma comparação entre comunicação, afeto, e satisfação conjugal, considerando a ocorrência de problemas de comportamento infantil e

habilidades sociais infantis. Para tanto foram identificados grupos de mães de crianças que possuíam déficits em habilidades sociais e comparados com grupos de mães de crianças sem déficits em habilidades sociais e, da mesma forma, identificado grupos de mães de crianças com problemas de comportamento infantil e comparados com grupos de mães de crianças sem problemas de comportamento.

A fim de realizar uma discussão dos resultados obtidos pretende-se, inicialmente, relacionar os dados referentes à satisfação conjugal do grupo de mães de crianças sem problemas de comportamento e grupo de mães de crianças sem déficits em habilidades sociais estabelecendo como parâmetro de análise os resultados obtidos em frequência e qualidade de afeto e comunicação no relacionamento, posteriormente, pretende-se realizar discussões intra-grupais com base nos mesmos parâmetros.

Deste modo, de acordo com os dados obtidos, entende-se que mães de crianças sem problemas de comportamento parecem ser mais satisfeitas em seu relacionamento enquanto que não há, para o grupo de mães de crianças sem déficits em habilidades sociais, resultados conclusivos para satisfação conjugal.

No que concerne ao repertório socialmente habilidoso, entende-se que as mães de crianças sem déficits para habilidades sociais comunicam-se de forma negativa e com maior frequência com seus cônjuges, no entanto, comportam-se de maneira mais afetuosa na interação com o parceiro. Este fator não parece ser o suficiente para sustentar a satisfação com a relação, uma vez que os dados apontam não ser possível afirmar que o grupo de mães de crianças habilidosas socialmente está satisfeito com o relacionamento.

De maneira mais detalhada, observou-se que para o grupo de mães de crianças habilidosas socialmente a frequência de afeto e qualidade de afeto negativo no relacionamento apresentaram-se como dados sem significância estatística, no entanto, a qualidade de afeto positivo expresso pelo grupo possui significância. Deste modo entende-se que mães de crianças habilidosas são mais afetuosas no momento de interagir com o cônjuge, no entanto, não há como afirmar se estas mães emitem esses comportamentos com alta frequência, tampouco se recebem afeto de seus parceiros com alta frequência. Referente a isto, MARK & PIKE (2017) salientam para aspectos da qualidade da interação conjugal a qual colabora para o aumento de comportamentos pró ativo da criança. Na mesma linha, ao passo que a família se estrutura e adquire

características de família nuclear, mais as crianças tendem a ser habilidosas socialmente e ter menos problemas comportamentais (LEME, MARTURANO & FONTAINE, 2014).

Quanto à comunicação, grande parte dos itens de frequência de comunicação na relação não possui significância estatística, com exceção da frequência de comunicação positiva “O parceiro fazer coisas que o cônjuge gosta”, e no que concerne à qualidade do comportamento, obteve-se que a comunicação positiva não obteve significância enquanto que a comunicação negativa obteve, deste modo, é possível compreender que mães de crianças habilidosas socialmente comunicam-se mais de forma negativa com os parceiros, no entanto, não é possível concluir se esse tipo de comunicação ocorre de forma frequente, uma vez que os dados demonstraram significância estatística apenas para a frequência de comportamentos de comunicação positiva do cônjuge para a parceira. Mesmo que esposa emita os comportamentos de comunicação de forma negativa, há segundo as análises, frequência de dados significativos de comunicação por parte do cônjuge de forma a não haver como identificar com que frequência a parceira se comunica de maneira negativa, de modo que se entende a ocorrência de frequência de comunicação na interação. Apesar deste aspecto, a frequência de comunicação entre um dos cônjuges pode tornar a relação menos conflituosa e, por consequente, contribuir para que as crianças sejam mais habilidosas e assertivas, uma vez que casais com menos conflitos tem crianças com maior nível de habilidades sociais e assertividade. (HOSOKAWA & KATSURA, 2017)

Entende-se que as mães de crianças habilidosas socialmente comunicam-se de forma negativa e com frequência com seus cônjuges, no entanto, comportam-se de maneira afetuosa na interação com o parceiro, não sendo possível estabelecer se este tipo de interação positiva é frequente. Segundo Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006) os comportamentos positivos emitidos durante a interação conjugal relacionam-se a satisfação com o relacionamento enquanto que comportamentos negativos gerariam avaliações mais negativas, desta forma, comportar-se de maneira afetuosa na interação com o parceiro se relaciona a satisfação conjugal, no entanto, comunicar-se de maneira negativa caminha no encontro da insatisfação mesmo que o cônjuge frequentemente se comunique de forma positiva. Entretanto, dado que a frequência de afeto e satisfação no relacionamento são inconclusivos, não é possível realizar análises que inter-relacionem a os parâmetros estabelecidos à satisfação conjugal.

No que concerne à presença de problemas de comportamento das crianças, observou-se que mães de crianças sem problemas de comportamento afirmam haver satisfação conjugal de forma a apresentar alta frequência de comportamentos de comunicação positiva e negativa, bem como de afeto negativo. Os resultados demonstraram que mães de crianças sem problemas de comportamento são mais frequentemente comunicativas com seus parceiros, comunicando-se de forma tanto positiva quanto negativa e descrevendo uma relação permeada por afeto negativo. Nesse aspecto, a literatura embasa os achados em comunicação uma vez que pais de crianças com problemas de comportamento apresentam dificuldades de interação tanto entre os cônjuges quanto com as crianças (FANTINATO, 2016). É interessante notar que o grupo de mães de crianças sem problemas de comportamento expressam carinho ao companheiro com mais frequência, tais achados estão embasados pela literatura uma vez que relacionamentos conjugais bem adaptados, harmoniosos e onde há apoio mútuo entre o casal associam-se a baixos níveis de problemas (GOLDBERG & CARLSON, 2014). Entretanto, não é possível afirmar se o companheiro é responsivo a esse afeto, uma vez que os dados não possuem significância estatística.

O relacionamento com base em comunicação positiva e boas estratégias de resolução de conflitos entre o casal expressa um aumento da qualidade das interações entre pais e filhos (NORGREN et al., 2004). A respeito disso, os dados obtidos demonstraram que a frequência de comunicação positiva entre ~~ambos~~ os cônjuges, parece ser um fator importante para a ocorrência de satisfação na relação, dado que para os dois grupos de mães o afeto era uma variável presente e apenas para o grupo de mães de crianças sem problemas de comportamento ocorreu frequência de comunicação positiva na interação conjugal e satisfação na relação. Para Norgren et al. (2004) a comunicação positiva do casal seguida de boas estratégias ao resolver conflitos relaciona-se ao aumento da qualidade da interação entre pais e filhos e, conforme se adquire repertório em socialmente habilidoso ao interagir com os filhos, tais quais comunicação assertiva, aumenta-se o repertório comportamental infantil e melhora-se a avaliação quanto a relação conjugal (FANTINATO & CIA, 2015).

Para GOTTMAN (1993) as respostas aos comportamentos do outro, sejam positivas ou negativas, afetam o casamento e dado o passar do tempo e histórico desenvolvido pela interação conjugal, o acúmulo de experiências influencia na avaliação e satisfação relatada pelos cônjuges, deste modo, considerando os resultados de afeto e

comunicação para os grupos analisados, entende-se que a frequência de comunicação positiva entre o casal é uma variável que pode corroborar para o aumento da satisfação conjugal, uma vez que a maior quantidade de mães de crianças sem problemas de comportamento ainda descreveu estarem satisfeitas com seu relacionamento, mesmo que a qualidade do afeto entre os cônjuges não seja expresso de forma positiva, entendendo que a frequência de comunicação positiva seria uma variável quantitativa e que depende do tempo de relação, contribuindo para o acúmulo de experiências positivas entre o casal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo avança no sentido de estudar as relações entre a satisfação conjugal, habilidades sociais infantis e problemas de comportamento infantil, encontrando que a) mães de crianças sem déficits para habilidades sociais frequentemente comunicam-se de forma negativa com seus cônjuges, no entanto, são afetuosas com os parceiros; b) Mais mães de crianças sem problemas de comportamento afirmam estar satisfeitas com a relação conjugal que mães de crianças com problemas de comportamento; c) mães de crianças sem problemas de comportamento frequentemente comunicam-se de maneira positiva e negativa com o cônjuge, entretanto, descrevem uma relação permeada por afeto negativo; d) a frequência de comunicação positiva entre os cônjuges, parece ser um fator importante para a ocorrência de satisfação na relação.

Como limitações do Estudo destaca-se que o instrumento Questionário de Relacionamento Conjugal (QRC) está ainda em fase de validação e a ausência de mais de um instrumento para avaliar conjugalidade. A ausência do relato do pai nas entrevistas e de medidas de observação direta dos participantes também pode ser citadas como limitações. Destacam-se como estudos futuros, a importância da realização de trabalhos na área da conjugalidade e comportamento infantil que utilizem múltiplos instrumentos de mensuração, bem como realizem observações diretas dos comportamentos de interação entre cônjuges e entre pai e filho, coletando também o relato do pai.

REFERÊNCIAS

ACHENBACH, T. M.; RESCORLA, L.: *ASEBA School-Age Forms & Profiles*. Burlington: Aseba, [SI] 2001.

ACHENBACH. T. M.; EDELBROCK. C. S.: *The child behavior profile II: Boys aged 12-16 and girls aged 6-11 and 12-16.* [SI]. Journal of Consulting and Clinical Psychology, v.47, p.223-233. 1979.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al.: *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.* Artmed Editora, [SI] 2014.

ASPESI, C. D. C., CHAGAS, J. F., & DESSEN, M. A. (2005). A ciência do desenvolvimento humano: uma perspectiva interdisciplinar. *A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras*, 19-36.

BOLSONI-SILVA, A. T., MARTURANO, E. M.: *Relacionamento conjugal, problemas de comportamento e habilidades sociais de pré-escolares.* [SI]. Psicologia: teoria e pesquisa, v. 26, n. 1, p. 67. 2010.

BRAITHWAITE, S. R., STEELE, E., SPJUT, K., DOWDLE, K. K., HARPER, J.: *Parent-child connectedness mediates the association between marital conflict and children's internalizing/externalizing outcomes.* [SI]. Journal of Child and Family Studies, v. 24, n. 12, p. 3690. 2015.

CABALLO, V.E. *El enfrentamento em habilidades sociales.* Em V. E. Caballo (org). Terapia y modificacion de conducta. Madri. Siglo Vientiuno, [SI] p. 403-433.1991.

CABALLO, V.E. *Manual de avaliação e treinamento em habilidades sociais.* São Paulo: Livraria Santos Editora, [SI] 2003.

COLN, K.L.; JORDAN, S. S.; MERCER, S.H.: *A unified model exploring parenting practices as mediators of marital conflict and children's adjustment.* Child Psychiatry & Human Development, v. 44, n. 3, p. 419-429, 2013.

DEL PRETTE, Z.A.P; DEL PRETTE, A.: *Psicologia das habilidades sociais: terapia, educação e trabalho*. Vozes, 2012 (original publicado em 1999)

DELA C. M. F.: *A medida da satisfação conjugal: adaptação de uma escala*. [SI]. Psico, v.18, p.90-112. 1989.

FANTINATO, A. C. et al. *Sondagem de relações entre variáveis paternas, problemas de comportamento e desempenho acadêmico de pré-escolares*. 2016. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos.

FANTINATO, A. C. et al.: *Habilidades paternas, relacionamento conjugal e problemas de comportamento de crianças com e sem atraso no desenvolvimento*. 2013. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos.

FANTINATO, A. C., CIA, F.: *Habilidades sociais educativas, relacionamento conjugal e comportamento infantil na visão paterna: um estudo correlacional*. [SI]. Psico, v. 46, n. 1, p. 120-128, 2015.

FREITAS, P. M., SIQUARA, G. M., CARDOSO, T. S. G.: *Percepção das mães sobre as relações familiares e o comportamento de suas crianças: um estudo correlacional*. [SI]. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 6, n. 1, p. 20-35. 2013.

GOLDBERG, J. S., CARLSON, M. J.: *Parents' relationship quality and children's behavior in stable married and cohabiting families*. [SI]. Journal of Marriage and Family, v. 76, n. 4, p. 762-777. 2014.

GOTTMAN, J. M.: *A theory of marital dissolution and stability*. Journal of Family Psychology, 7, 57-75. 1993.

HOSOKAWA, R., KATSURA, T.: *Marital relationship, parenting practices, and social skills development in preschool children*. [SI]. Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health, v. 11, n. 1, p. 2, 2017

LEME, V. B. R., MARTURANO, E. M., FONTAINE, A. M. G. V.: *Habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica de crianças de famílias nucleares e recasadas*. [SI]. Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 14, n. 3, p. 854-876. 2014.

MARK, K. M., PIKE, A.: *Links between marital quality, the mother–child relationship and child behavior: A multi-level modeling approach*. [SI]. International Journal of Behavioral Development, v. 41, n. 2, p. 285-294. 2017.

MENEZES, C. C., LOPES, R. C. S.: *Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebê*. [SI]. Psico USF, v.12, p.83-93. 2007

MOSMANN, C., WAGNER, A., FÉRES-CARNEIRO, T.: *Qualidade conjugal: mapeando conceitos*. [SI]. *Paideia*, v.16, p.315-325. 2006.

MOSMANN, C., WAGNER, A., FÉRES-CARNEIRO, T.: *Qualidade conjugal: mapeando conceitos*. **Paideia**, v. 16, n. 35, 2006.

NAJMAN, J. M., KHATUN, M., MAMUN, A., CLAVARINO, A., WILLIAMS, G. M., SCOTT, J., ... & ALATI, R.: *Does depression experienced by mothers leads to a decline in marital quality: a 21-year longitudinal study*. [S.I]Social psychiatry and psychiatric epidemiology, v. 49, n. 1, p. 121-132, 2014.

NORGREN, M. B. P., SOUZA, R. M., KASLOW, F., HAMMERSCHMIDT, H., SHARLIN, S. A.: *Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível*. Natal. Estudos de Psicologia. v.9, p.575-584. 2004.

PATTERSON, G. R., REID, J. B., DISHION, T. J.: *Antisocial boys: A social interactional approach*. 1992.

SHIGETO, A.; MANGELSDORF, S. C., BROWN, G. L.: *Roles of family cohesiveness, marital adjustment, and child temperament in predicting child behavior with mothers and fathers*. [SI]. Journal of Social and Personal Relationships, v. 31, n. 2, p. 200-220. 2014.

TANDON, M., CARDELI, E, LUBY, J.: *Internalizing disorders in early childhood: A review of depressive and anxiety disorders*. Child and adolescent psychiatric clinics of North America, v. 18, n. 3, p. 593-610, 2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo geral realizar uma comparação entre aspectos da relação conjugal com práticas parentais positivas e negativas, depressão materna, ocorrência de problemas de comportamento infantil e habilidades sociais infantis. Dois estudos foram produzidos de forma a se complementar na produção de dados que subsidiassem resultados relevantes para a compreensão da relação entre as variáveis parentalidade, depressão materna, problema de comportamento e habilidades sociais com a relação conjugal, vislumbrando como maior foco a satisfação no relacionamento.

O primeiro Estudo consistiu na relação entre as variáveis relacionadas aos fatores parentais e individuais do casal, buscando descrever as relações entre conjugalidade, parentalidade e conjugalidade e depressão materna. Os resultados do Estudo acerca da parentalidade mostraram que mães que apresentam práticas parentais positivas com as crianças relacionam-se com os cônjuges de forma mais afetuosa e comunicativa que mães com déficits para práticas positivas parentais, ao passo em que mães que apresentam baixa frequência em práticas negativas comunicam-se com seus cônjuges com maior frequência que mães com excesso de práticas negativas. Tais achados se mostram consonantes com a literatura ao apontar que a comunicação afetiva por parte dos pais é fator de proteção ao desenvolvimento saudável da criança à medida que o uso de uma comunicação agressiva na interação familiar associa-se a ansiedade, depressão, e sintomas somatizantes (POLCARI, RABI, BOLGER & TEICHER, 2014), nesse sentido, os resultados do estudo corroboram com a literatura ao indicar que comunicar-se positivamente com os filhos e usar de afetividade relacionam-se a uma maior proteção ao desenvolvimento infantil e a boa interação conjugal e familiar.

A depressão materna é outra variável do Estudo apontada como relevante à boa interação conjugal de forma que sua associação com a conjugalidade no primeiro estudo demonstrou que mães sem indicativo de depressão, comparadas às mães com indicativo de depressão, expressam com maior frequência afeto e comunicação positivos e negativos, de forma que um maior número de mães sem indicativo de depressão afirmam estarem satisfeitas em sua relação conjugal. Estes resultados se encontram de acordo com a literatura no sentido de que a boa saúde mental sinaliza interações mais calorosas e amistosas entre os parceiros (COUTO, VAN HATTUM, VANDENBERGHE & BENFICA, 2005) de modo que, de maneira contrária, se possa relacionar a depressão

conjugal à queda da qualidade do relacionamento (NAJMAN et al, 2014), por conta do indivíduo que adoece fazer uso de estratégias mais destrutivas e conflituosas na hora de se comunicar, diminuindo a satisfação e qualidade do relacionamento (NEVES & DUARTE, 2015).

O segundo Estudo buscou verificar como as variáveis relacionadas à criança se associam a conjugalidade dos pais de modo a observar a existência de satisfação conjugal buscando realizar uma comparação entre comunicação, afeto, e satisfação conjugal, considerando a ocorrência de problemas de comportamento infantil e habilidades sociais infantis. Desta forma, os resultados concernentes às habilidades sociais infantis apontaram que mães de crianças sem déficits para habilidades sociais comportam-se de maneira mais afetuosa na interação com o parceiro que mães de crianças com déficits para habilidades sociais, no entanto, frequentemente comunicam-se de maneira negativa com o parceiro. A afetividade não parece ser o bastante para a ocorrência de satisfação conjugal, dado que não há como afirmar que o grupo de mães de crianças sem déficits para habilidades sociais estão satisfeitas em seu relacionamento. Os resultados concernentes à habilidades sociais infantis não indicam a frequência com que há a emissão de afeto positivo na interação entre os cônjuges nem há dados que indicam satisfação conjugal da amostra, entretanto, há a ocorrência de comunicação negativa frequente de forma a haver dissonância com a literatura, que aponta relação entre habilidades sociais infantis e um bom relacionamento conjugal, de modo que casais que resolvem conflitos de forma mais amistosa e construtiva tendem a ter filhos com maiores escores de autocontrole e assertividade (HOSOKAWA & KATSURA, 2017), estando as habilidades sociais infantis associadas ao uso de práticas parentais positivas (FANTINATO & CIA, 2015; ASSIS, 2017) e a melhora da qualidade do relacionamento conjugal (HOSOKAWA & KATSURA, 2017).

Entende-se que baixos níveis de habilidades sociais infantis associam-se aos problemas de comportamento, sejam internalizantes ou externalizantes (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2017) levando a diminuição da satisfação conjugal (GOLDBERG & CARLSON, 2014; MARK & PIKE, 2017) Nesse sentido, analisar a relação entre a conjugalidade e o problema de comportamento foi relevante, de modo que os resultados mostraram que comparadas às mães de crianças com problemas comportamentais, mães de crianças sem problemas de comportamento comunicam-se de forma frequente, positiva e negativamente com os cônjuges, demonstrando frequência em afeto negativo.

No que concerne à satisfação conjugal, um maior número de mães de crianças sem problemas de comportamento afirma estar satisfeitas com a relação conjugal. Neste ponto, os achados estão em consonância com a literatura no sentido de que a satisfação no relacionamento diminui o nível de problemas comportamentais infantis (BRAITHWAITE e cols., 2015) e, em contrapartida, o aumento de problemas de comportamento da criança pode produzir diminuição da satisfação no relacionamento conjugal (GOLDBERG & CARLSON, 2014; MARK & PIKE, 2017).

Como ponto forte do trabalho de dissertação compreendeu-se, principalmente o fato de que, tanto para o primeiro estudo quanto para o segundo, chegou-se à conclusão final de que a comunicação positiva e a frequência de comunicação entre o casal são variáveis que corroboram para a ocorrência de satisfação conjugal, uma vez que os grupos de mães de crianças sem problemas de comportamento e o grupo de mães sem indicativo para depressão materna descrevem estarem satisfeitas com seu relacionamento obtendo significância, entendendo que a frequência de comunicação positiva seria uma variável quantitativa e que depende do tempo de relação, contribuindo para o acúmulo de experiências positivas entre o casal de forma semelhante à descrita por Gottman (1993) ao definir satisfação conjugal como o acúmulo de consequências experiências pelo casal através da emissão de comportamentos positivos e negativos dos parceiros ao longo do tempo de relação.

O trabalho avança ao se propor a relacionar conjugalidade a outras quatro variáveis, quais sejam parentalidade, depressão materna, habilidades sociais infantis e problemas de comportamento infantil buscando compreender de que forma seria possível relacionar estas variáveis com a satisfação no relacionamento conjugal por meio de afeto e comunicação. Como há limitações do trabalho de dissertação, destaca-se que o instrumento Questionário de Relacionamento Conjugal (QRC) está ainda em fase de validação e a ausência de mais de um instrumento para avaliar conjugalidade, a ausência do relato do pai nas entrevistas, a ausência de medidas de observação direta dos participantes e do uso de um instrumento mais sólido para medir depressão materna de forma a consolidar o diagnóstico. Destacam-se como estudos futuros, a importância da realização de trabalhos na área da conjugalidade e saúde mental, principalmente no que envolve interação conjugal, satisfação conjugal e depressão de um dos cônjuges.

REFERÊNCIAS

- ACHENBACH, T. M.; RESCORLA, L.: *ASEBA School-Age Forms & Profiles*. Burlington: Aseba, [SI] 2001.
- ACHENBACH. T. M.; EDELBROCK. C. S.: *The child behavior profile II: Boys aged 12-16 and girls aged 6-11 and 12-16*. [SI]. Journal of Consulting and Clinical Psychology, v.47, p.223-233. 1979.
- AHMADI, Khodabakhsh; SAADAT, Hassan. *Contribution of marital stability to parenting styles: A cross-sectional study of Iranian mothers in intact marriages*. Journal of Child and Family Studies, v. 24, n. 7, p. 2155-2163, 2015.
- ALVARENGA, P.A.; WEBER, L. N. D.; BOLSONI-SILVA, A. T.: *Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva analítico-comportamental*. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, v. 18, n. 1, 2016.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al.: *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Artmed Editora, 2014
- ASPESI, C. D. C.; CHAGAS, J. F.; DESSEN, M. A.: *A ciência do desenvolvimento humano: uma perspectiva interdisciplinar*. A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras. 19-36.2005
- ASSIS, R.P.: *Práticas educativas, problemas de comportamento e habilidades sociais infantis: um estudo comparativo e correlacional de medidas de relato* (Dissertação de mestrado) 2017

BARHAM, E. J.; CIA, F.: *Repertório de habilidades sociais, problemas de comportamento, autoconceito e desempenho acadêmico de crianças no início da escolarização*, Estudos de Psicologia, 26(1), 45-55. 2009.

BEDFORD, A.; FOULDS, G. A.; SHEFFIELD, B. F. *A new personal disturbance scale (DSSI/sAD)*. British Journal of Clinical Psychology, v. 15, n. 4, p. 387-394, 1976.

BLOCH, L; HAASE, C M.; LEVENSON, R. W.: *Emotion regulation predicts marital satisfaction: More than a wives' tale*. Emotion, v. 14, n. 1, p. 130, 2014.

BOLSONI-SILVA, A. T., MARTURANO, E. M.: *Relacionamento conjugal, problemas de comportamento e habilidades sociais de pré-escolares*. [SI]. Psicologia: teoria e pesquisa, v. 26, n. 1, p. 67. 2010.

BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R.; MARTURANO, E. M.: *RE-HSE-P: Roteiro de entrevista de habilidades sociais educativas parentais*. Manual Técnico. São Paulo: Editora Hogrefe, 2016.

BOLSONI-SILVA, A. T; DEL PRETTE, A.: *Problemas de comportamento: um panorama da área*. Revista Brasileira de terapia comportamental e cognitiva, v. 5, n. 2, p. 91-103, 2003.

BOLSONI-SILVA, A.T.: *Roteiro de Entrevista de habilidades sociais educativas parentais (RE-HSE-P): categorias e testagem preliminares*. In: L.D. Weber (org). Família e desenvolvimento: visões interdisciplinares. Curitiba, Juruá. p. 145-158. 2008.

BOLSONI-SILVA, A. T.; CARRARA, K.: *Habilidades sociais e análise do comportamento: compatibilidades e dissensões conceitual-metodológicas*. Psicologia em revista, v. 16, n. 2, p. 330-350, 2010.

BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M.: *Relacionamento conjugal, problemas de comportamento e habilidades sociais de pré-escolares*. Psicologia: teoria e pesquisa, v. 26, n. 1, p. 67, 2010.

BRAITHWAITE, S. R., STEELE, E., SPJUT, K., DOWDLE, K. K., HARPER, J.: *Parent-child connectedness mediates the association between marital conflict and children's internalizing/externalizing outcomes*. [SI]. Journal of Child and Family Studies, v. 24, n. 12, p. 3690. 2015.

CABALLO, V.E.: *El enfrentamento em habilidades sociales*. Em V. E. Caballo (org). Terapia y modificacion de conducta. (p. 403-433). Madri. Siglo Vientiuno, 1991.

CABALLO, V.E.: *Manual de avaliação e treinamento em habilidades sociais*. São Paulo: Livraria Santos Editora, 2003.

CASALI-ROBALINHO, I. G.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A.: *Habilidades Sociais como Predictoras para Problemas de Comportamento em Escolares*. Psicologia: teoria e pesquisa, v. 31, n. 3, p. 321-330, 2015.

CATANIA, A. C.: *As Consequências do Responder: Reforço*. Em CATANIA, A. C (Org): Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição. Porto Alegre: Artmed. 90. 1999 (Original publicado em 1998)

CAVALCANTE, S.N.: *Notas sobre o fenômeno depressão a partir de uma perspectiva analítico-comportamental*. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 17, n. 2, p. 2-12, 1997.

COUTO, G.; VAN HATTUM. A. C. F. M.; VANDENBERGHE, L. M. A.; BENFICA, E.: *Tradução, análise semântica e adaptação do Check List of Interpersonal Transactions*: revisado. Avaliação Psicológica, 4 (1), 45-57. 2005.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P.: *Sistema Multimídia de Habilidades Sociais para Crianças*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo. [SI] 2005.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z.A.P.: *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*. Editora Vozes Limitada, 2017.

DEL PRETTE, Z.A.P; DEL PRETTE, A.: *Psicologia das habilidades sociais: terapia, educação e trabalho*. Vozes, 2012 (original publicado em 1999)

DELA C. M. F.: *A medida da satisfação conjugal: adaptação de uma escala*. [SI]. Psico. v.18, p.90-112. 1989.

DINIS, M. C. P.: *O impacto da relação conjugal no investimento parental*. 2016. (Tese de Doutorado).

DISHION, T. J.; MCMAHON, R. J.: *Parental monitoring and the prevention of child and adolescent problem behavior: A conceptual and empirical formulation*. Clinical child and family psychology review, 1(1), 61-75. 1998.

FANTINATO, A. C.: *Habilidades paternas, relacionamento conjugal e problemas de comportamento de crianças com e sem atraso no desenvolvimento*. 2013. (Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos.)

FANTINATO, A. C.; CIA, F.: *Habilidades sociais educativas, relacionamento conjugal e comportamento infantil na visão paterna: um estudo correlacional*. [SI]. Psico, v. 46, n. 1, p. 120-128, 2015.

FERREIRA, D. C.; TADAIESKY, L. T.; COÊLHO, N. L.; NENO, S.; TOURINHO, E. Z.: *A interpretação de cognições e emoções com o conceito de eventos privados e a*

abordagem analítico-comportamental da ansiedade e da depressão. Perspectivas em análise do comportamento, v. 1, n. 2, p. 70-85, 2010.

FONSECA, R. C. T.; CARVALHO, A. L. N.: *O papel da empatia e da comunicação assertiva na satisfação conjugal em casamentos de longa duração*. *Polêmica*, v. 16, n. 2, p. 040-058, 2016.

GOLDBERG, D. P.; HILLIER, V. F.: *A scaled version of the General Health Questionnaire*. *Psychological medicine*, v. 9, n. 1, p. 139-145, 1979.

GOLDBERG, J. S., CARLSON, M. J.: *Parents' relationship quality and children's behavior in stable married and cohabiting families*. [SI]. *Journal of Marriage and Family*, v. 76, n. 4, p. 762-777. 2014.

GOLDIAMOND, I.: *Toward a constructional approach to social problems: Ethical and constitutional issues raised by Applied Behavior Analysis*. *Behavior and Social Issues*, 11, 108-197. 2002.

GOMIDE, P. I. C.: *Estilos parentais e comportamento anti-social*. In: A. Del Prette e Z. Del Prette (orgs). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: Questões conceituais, avaliação e intervenção*. Campinas: Alínea. 2003.

GOMIDE, P. I. C.: *Inventário de Estilos Parentais, Modelo Teórico: Manual de Aplicação, Apuração e Interpretação*. Petrópolis, Vozes. 2006.

GOMIDE, P. I. C.: *Parenting Style Inventory PSI-. Inventário de estilos parentais (IEP)– Gomide (2006) percurso de padronização e normatização*. *Psicologia Argumento*. v 25, n. 48, p. 15-26, 2007.

GONÇALVES, B.; FAGULHA, T.: *The Portuguese version of the center for epidemiologic studies depression scale (CES-D)*. European Journal of Psychological Assessment, v. 20, n. 4, p. 339-348, 2004.

GONÇALVES, E. S. ; MURTA, G, S.: *Avaliação dos Efeitos de uma Modalidade de Treinamento de Habilidades Sociais para Crianças*. Psicologia: Reflexão e Crítica, 21(3), 430-436. 2008.

GOTTMAN, J. M.: *A theory of marital dissolution and stability*. Journal of Family Psychology, 7, 57-75. 1993.

GRESHAM, F. M.; ELLIOTT, S. N. *Social skills rating system*. Circle Pines, MN: American Guidance Service. [SI] 1990.

HOSOKAWA, R., KATSURA, T.: *Marital relationship, parenting practices, and social skills development in preschool children*. [SI]. Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health, v. 11, n. 1, p. 2, 2017

HSIAO, Y.: *Longitudinal changes in marital satisfaction during middle age in Taiwan*. [S.I] Asian Journal of Social Psychology, v.20, n.1, p.22-32, 2017.

LAVNER, J. A.; KARNEY, B. R.; BRADBURY, T. N.: *Does Couples' Communication Predict Marital Satisfaction, or Does Marital Satisfaction Predict Communication?*Journal of Marriage and Family, v. 78, n. 3, p. 680-694, 2016.

LEME, V. B.; BOLSONI-SILVA, A. T. : *Habilidades Sociais Educativas Parentais e comportamentos de pré-escolares*. Estudos de Psicologia, 15(2), 161-173. 2010.

MARK, K. M.; PIKE, A.: *Links between marital quality, the mother–child relationship and child behavior: A multi-level modeling approach*. [SI] . International Journal of Behavioral Development, v. 41, n. 2, p. 285-294. 2017.

MARSH, H. W.; SMITH, I. D.: *Multitrait-multimethod analyses of two self-concept instruments*. Journal of Educational Psychology, 74, 430-440.1982.

MATOS, M.M.: *A medida do ambiente de desenvolvimento infantil*. [SI] Psicologia, 9 (1), 5-18. 1983.

MATOS, M. A.: *Comportamento governado por regras*. [SI] Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva, v. 3, n. 2, 2001.

MCCULLOUGH, C; SHAFFER, A.: *Maternal depressive symptoms and child externalizing problems: Moderating effects of emotionally maltreating parenting behaviors*. Journal of Child and Family Studies, v. 23, n. 2, p. 389-398, 2014.

MOORE, J.: *On behaviorism, knowledge and causal explanation*. The psychological Record, 34, 73-97. 1984.

MOREIRA, M. B.; DE MEDEIROS, C. A.: *Princípios básicos de análise do comportamento*. Artmed Editora, 2008.

MOSMANN, C.; WAGNER, A.; FÉRES-CARNEIRO, T.: *Qualidade conjugal: mapeando conceitos*. [SI]. *Paideia*, v.16, p.315-325. 2006.

NAJMAN, J. M.; KHATUN, M.; MAMUN, A.; CLAVARINO, A.; WILLIAMS, G. M., SCOTT, J., ... & ALATI, R.: *Does depression experienced by mothers leads to a decline in marital quality: a 21-year longitudinal study*. [S.I]Social psychiatry and psychiatric epidemiology, v. 49, n. 1, p. 121-132, 2014.

NEVES, A.; DUARTE, C. *Sintomas depressivos, resolução de conflitos e satisfação conjugal em indivíduos num relacionamento*. [S.I]Psicologia, Saúde & Doenças, v. 16, n. 3, p. 331-344, 2015.

NORGREN, M. B. P.; SOUZA, R. M.; KASLOW, F.; HAMMERSCHMIDT, H., SHARLIN, S. A.: *Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível*. Natal. Estudos de Psicologia. v.9, p.575-584. 2004.

PACE, G. T.; SHAFER, K.; JENSEN, T. M.; LARSON, J. H: *Stepparenting issues and relationship quality: The role of clear communication*. [S.I]Journal of Social Work, v.15, n.1, p.24-44, 2015.

PATTERSON, G. R.; REID, J. B.; DISHION, T. J.: *Antisocial boys: A social interactional approach*. Santo André: ESEtec Editores Associados. 2002. (Original publicado em 1992)

PEREIRA FALCÃO, A.; BOLSONI-SILVA, A. T.; MAGRI, N.; MORETTO, L. A.: *PROMOVE-Crianças: efeitos de um treino em habilidades sociais para crianças com problemas de comportamento*. Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 16, n. 2, 2016.

POLCARI, A.; RABI, K.; BOLGER, E.; TEICHER, M. H: *Parental verbal affection and verbal aggression in childhood differentially influence psychiatric symptoms and wellbeing in young adulthood*. Child abuse & neglect, v. 38, n. 1, p. 91-102, 2014

REESE-WEBER, M.; BARTLE-HARING, S.: *Conflict resolution styles in family subsystems and adolescent romantic relationships*. Journal of Youth and Adolescence, 27, 735-752. 1998.

RIGGIO R.: *The Social Skills Inventory (SSI): measuring nonverbal and social skills*. In: Manusov V, editor. *The sourcebook of nonverbal measures: going beyond words*. Mahwah: Erlbaum; 2005. Disponível em <<https://books.google.com.br/>> acessado em 10/05/2018

ROBINSON, M.; NEECE, C. L.: *Marital satisfaction, parental stress, and child behavior problems among parents of young children with developmental delays*. *Journal of Mental Health Research in Intellectual Disabilities*, v. 8, n. 1, p. 23-46, 2015.

SANTOS, G. C.; VANDENBERGHE, L.; TAVARES, W. M.: *Interpersonal interactions in the marital pair and mental health: a comparative and correlational study*. Ribeirão Preto. *Paidéia.*, 25(62), 373-381. 2015.

SARDINHA, A.; FALCONE, E. M. O.; FERREIRA, M. C.: *As relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais percebidas no cônjuge*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 25, n. 3, p. 395-402, 2009.

SEGRIN C.: *Specifying the nature of social skill deficits associated with depression* *Human Communication Research*. 1992;19:89-123. 1992.

SIDMAN, M.; ANDERY, M. A.; SÉRIO, T. M.: *Coerção e suas implicações*. *Editorial Psy*, [SI]. 85-91. 1995.

SKINNER, B. F.: *An operant analysis of problem solving*. Em B. Kleinmuntz (Org.), *Problem solving: Research, method, and theory*. New York: John Wiley, 225-257 1966.

SKINNER, B. F.: *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Edart. 1974

SKINNER, B.F.: *The operational analysis of psychological terms*. *Psychological Review*, 52, 270-277/291-294. 1945

SKINNER, B.F.: *Verbal Behavior*. Action, MA: Copley. 1992. (Trabalho original publicado em 1957)

SKINNER, B.F.: *O mito da liberdade*. Summus Editorial, [SI] p50.1983

SPANIER G.B.: *Measuring dyadic adjustment: new scales for assessing the quality of marriage and similar dyads*. J Marriage Fam. 38(1):15–28. 1976

STATTIN, H.; KERR, M.: *Parental Monitoring: A reinterpretation*. Child Development, 71, 1072-1085. 2000.

STEIN, L. M. : *Teste de desempenho escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (1994)

TANDON, M., CARDELI, E, LUBY, J.: *Internalizing disorders in early childhood: A review of depressive and anxiety disorders*. Child and adolescent psychiatric clinics of North America, v. 18, n. 3, p. 593-610, 2009.

VILLA, M. B.; DEL PRETTE, Z. A. P.: *Marital Satisfaction: The Role of Social Skills of Husbands and Wives*. Ribeirão Preto. Paidéia.v. 23, n. 56, p. 379-388, 2013.

WANG, Y.; DIX, T.: *Mothers' early depressive symptoms predict children's low social competence in first grade: Mediation by children's social cognition*. Journal of Child Psychology and Psychiatry, v. 56, n. 2, p. 183-192, 2015.

YOO, H.; BARTLE-HARING, S.; DAY; R. D.; GANGAMMA, R.: *Couple communication, emotional and sexual intimacy, and relationship satisfaction*. Journal of Sex & Marital Therapy, v. 40, n. 4, p. 275-293, 2014.

APÊNDICE

CATEGORIAS DO QUESTIONÁRIO DE RELACIONAMENTO CONJUGAL (QRC)

1) Comunicação (positiva ou negativa) refere-se ao relato de frequência de comportamentos (quantidade de vezes em que esse comportamento é emitido) ou qualidade de comportamentos (de que forma esses comportamentos são emitidos) de comunicação que beneficiam a relação (comunicação positiva) ou prejudicam a relação (comunicação negativa);

2) Afeto (positivo ou negativo)”: refere ao relato de frequência de comportamentos (quantidade de vezes em que esse comportamento é emitido) ou qualidade de comportamentos (de que forma esses comportamentos são emitidos) que expressam como o cônjuge se sente na relação conjugal e com relação ao outro que beneficiam a relação (afeto positivo) ou prejudicam a relação (afeto negativo);

3) Avaliação da relação conjugal: tem como objetivo avaliar o relacionamento conjugal em satisfatório, regular ou insatisfatório e às explicações possíveis para tal avaliação realizada pelo cônjuge.

Tabela 1: Descrição da categorização dos itens do QRC a partir de Comunicação positiva e negativa, afeto positivo e negativo e avaliação da relação conjugal.

COMUNICAÇÃO		AFETO		AVALIAÇÃO DA RELAÇÃO CONJUGAL
Positiva	Negativa	Positivo	Negativo	
11 Compreensivo (definir parceiro)	4 Insensível (definir parceiro)	22 Toca (você expressa carinho)	7 Ingrato (definir parceiro)	109 O relacionamento é normal, tem brigas e carinhos
13 Sincero (definir parceiro)	12 Crítico (definir parceiro)	36 Toca (ele expressa carinho)	8 Rebelde (definir parceiro)	110 O casal se dá bem
18 Tem boa conversa/mantém diálogo (definir parceiro)	59 Você fala demais	24 Beija (você expressa carinho)	101 Ciumento	111 O casal busca um ao outro

50 Porque o casal conversa	60 Ele fala demais	38 Beija (ele expressa carinho)	2 Egoísta (definir parceiro)	112 O casal tem conflitos
51 Porque o casal se entende	61 Você deixa de falar algo que gostaria	23 Abraça (você expressa carinho)		113 O casal conversa
52 Porque um busca ouvir a opinião do outro	66 Ele te faz calar falando alto	37 Abraça (ele expressa carinho)		114 O cônjuge é bom
53 Porque o cônjuge procura dizer o que pensa	67 Você tem medo de pedir algo a ele	9 Companheiro (definir parceiro)		115 Nunca aconteceu nada grave
55 Você o (a) escuta	70 Você considera que o que você acha é sempre certo	10 Carinhoso/amável (definir parceiro)		116 Gosta do cônjuge
56 Ele(a) a(o) escuta	71 Você procura impor o seu ponto de vista	19 Amigo (definir parceiro)		117 O cônjuge é companheiro
57 Você pode falar	72 Ele procura impor o que pensa a você	25 Diz que ama/que quer bem (você expressa carinho)		118 O cônjuge é carinhoso
58 Você permite que ele fala	93 É agressivo	39 Diz que ama/que quer bem (ele expressa carinho)		119 O relacionamento sexual é satisfatório
63 Discutem assuntos delicados	94 É autoritário	26 Ajudando as tarefas domésticas (você expressa carinho)		120 Há equilíbrio / harmonia / respeito entre o casal
64 Você consegue pedir algo a ele	95 Teimoso	40 Ajudando nas tarefas domésticas (ele expressa carinho/ faz coisas que gosta)		121 Não há autoritarismo do cônjuge
65 Ele considera o que você pensa e acha das coisas	96 É crítico (características)	28 Fazendo brincadeiras		

	do parceiro que não gosta)	(você expressa carinho)
68 Você se sente à vontade para falar de seus verdadeiros sentimentos	97 É calado	42 Fazendo brincadeiras (ele expressa carinho)
73 Você pede a opinião ao seu cônjuge	98 Deixa de expressar sentimentos	29 Conversando (você expressa carinho)
	99 Faz planos com colegas sem conversar / negociar	43 Conversando (ele expressa carinho)
	1 Controlador (definir parceiro)	27 Cuidando dos filhos (você expressa carinho)
		41 Cuidando dos filhos (ele expressa carinho)
		31 Cuidando dos pertences (você expressa carinho)
		45 Cuidando dos pertences (ele expressa carinho)
		32 Dando presentes (você expressa carinho)
		46 Dando presentes (ele expressa carinho)
		33 Elogiando (você expressa carinho)
		47 Elogiando (ele expressa carinho)
		34 Agradando (você expressa carinho)

48 Agradando
(ele expressa
carinho)

35 Telefonando
(Expressar
carinho)

49 Telefonando
(ele expressa
carinho)

75 Dar boa
educação ao
filho

77 É prestativo

81 Ajuda em
momentos
difíceis

79 É amoroso
(parceiro faz
coisas que você
gosta)

83 Ouve (faz
coisas que
gosta)

87 Convida para
namorar

76 Muda a
aparência (faz
coisas que
gosta)

80 É
companheiro
(faz coisas que
gosta)

82 Passeia

84 Elogia (Faz
coisas que
gosta)

86 Cuida muito
bem da
organização da
casa (faz coisas
que você gosta)

16 Bom pai/Mãe
(definir
parceiro)

17 Bom esposo
(a) (definir
parceiro)

21 É caseiro
(definir
parceiro)

5 Confiável
(definir
parceiro)

6 Confidente
(definir
parceiro)

15 Simpático
(definir
parceiro)

3 Sensato
(definir
parceiro)

20 É calmo
(definir
parceiro)

14 Inteligente
(definir
parceiro)

78 É caseiro (faz
coisas que
gosta)

*A numeração à frente da frase é uma indicadora da posição onde se encontra o ítem no questionário.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO DE RELACIONAMENTO CONJUGAL

Bolsoni-Silva e Marturano (prelo)

I) INFORMAÇÕES

data da aplicação do questionário: ____/____/____
 horário de início: ____ horário de término: ____
 endereço e telefone: _____
 respondente: () esposo () esposa
 nome dos cônjuges: _____
 nome e idade das crianças: _____
 idade dos cônjuges: _____
 profissão dos cônjuges: _____

II) INSTRUÇÕES

O questionário possui questões acerca do seu relacionamento com seu/sua companheiro/companheira.

Cada questão está dividida em duas ou mais partes: a) frequência com que aparece o comportamento mencionado e b) características deste comportamento.

Quanto à frequência o respondente deverá escolher apenas uma das alternativas: Freqüentemente (F) se o comportamento acontecer muitas vezes durante a semana, Algumas vezes (A) se o comportamento acontecer poucas vezes durante a semana (apenas uma ou duas vezes) ou Quase nunca ou nunca (N) se o comportamento aparecer a cada quinze dias ou um mês ou menos.

1) Como você define seu companheiro/companheira.

1. Controlador	F	A	N
2. Egoísta	F	A	N
3. Sensato	F	A	N
4. Insensível	F	A	N
5. Confiável	F	A	N
6. Confidente	F	A	N
7. Ingrato	F	A	N
8. Rebelde	F	A	N
9. Companheiro	F	A	N
10. Carinhoso/ amável	F	A	N
11. Compreensivo	F	A	N
12. Crítico	F	A	N
13. Sincero	F	A	N
14. Inteligente	F	A	N
15. Simpático	F	A	N
16. Bom pai/mãe	F	A	N
17. Bom esposo/esposa	F	A	N
18. Tem boa conversa/mantém diálogo	F	A	N
19. Amigo	F	A	N
20. É calmo	F	A	N
21. É caseiro	F	A	N

Outros: _____

2) você expressa carinho ao companheiro/companheiro?

F	A	N
---	---	---

2. a) de que forma?

22. Toca	F	A	N
23. Abraça	F	A	N
24. Beija	F	A	N
25. Diz que ama/ que quer bem	F	A	N
26. Ajudando nas tarefas domésticas	F	A	N
27. Cuidando dos filhos	F	A	N
28. Fazendo brincadeiras	F	A	N
29. Conversando	F	A	N
30. Falando de forma carinhosa	F	A	N
31. Cuidando dos pertences do cônjuge	F	A	N
32. Dando presentes	F	A	N
33. Elogiando	F	A	N
34. Agradando	F	A	N
35. Telefonando	F	A	N

Outros: _____

3) seu companheiro/companheira expressa carinho a você?

F	A	N
---	---	---

3. a) de que forma?

36. Toca	F	A	N
37. Abraça	F	A	N
38. Beija	F	A	N
39. Diz que ama/ que quer bem	F	A	N
40. Ajudando nas tarefas domésticas	F	A	N
41. Cuidando dos filhos	F	A	N
42. Fazendo brincadeiras	F	A	N
43. Conversando	F	A	N
44. Falando de forma carinhosa	F	A	N
45. Cuidando dos pertences do cônjuge	F	A	N
46. Dando presentes	F	A	N
47. Elogiando	F	A	N
48. Agradando	F	A	N
49. Telefonando	F	A	N

Outros: _____

4) a comunicação/diálogo entre você e seu companheiro/a é adequada?

F	A	N
---	---	---

Porque?

50. Porque o casal conversa	SIM	NÃO
51. Porque o casal se entende	SIM	NÃO
52. Porque um busca ouvir a opinião do outro	SIM	NÃO
53. Porque cada cônjuge procura dizer o que pensa	SIM	NÃO
54. Porque o casal respeita as qualidades e defeitos um do outro	SIM	NÃO

Outros: _____

4. a) características da comunicação

55. Você o(a) escuta	F	A	N
56. Ele(ela) o(a) escuta	F	A	N
57. Você pode falar	F	A	N
58. Você permite que ele(ela) fale	F	A	N
59. Você fala demais	F	A	N
60. Ele(ela) fala demais	F	A	N
61. Você deixa de falar algo que gostaria	F	A	N
62. Você consegue dizer ao seu cônjuge comportamentos que você gostaria que ele(ela) mudasse	F	A	N
63. Discutem assuntos delicados	F	A	N
64. Você consegue pedir algo a ele(ela)	F	A	N
65. Ele(ela) considera o que você pensa/ o que acha das coisas	F	A	N
66. Ele(ela) te faz calar falando alto	F	A	N
67. Você tem medo de pedir algo a ele(ela)	F	A	N
68. Você se sente a vontade para falar de seus verdadeiros sentimentos	F	A	N
69. Vocês conversam para tomar decisões/resolver problemas	F	A	N
70. Você considera que o que você acha é sempre certo	F	A	N
71. Você procura impor seu ponto de vista ao seu cônjuge	F	A	N
72. Ele(ela) procura impor o que pensa a você	F	A	N
73. Você pede a opinião de seu(sua) cônjuge	F	A	N
74. Vocês dividem tarefas em casa (tais como pagamento de contas, compras, atividades domésticas etc)	F	A	N

Outros: _____

5. a.) Seu parceiro(a) faz coisas que você gosta?

F	A	N
---	---	---

b.) quais são elas e frequência?

75. Dá boa educação ao filho	F	A	N
77. É prestativo	F	A	N
79. É amoroso	F	A	N
81. Ajuda em momentos difíceis	F	A	N
83. Ouve	F	A	N
85. Ajuda nas tarefas domésticas	F	A	N
87. Convida para namorar	F	A	N

76. Muda a aparência (roupa etc)	F	A	N
78. É caseiro	F	A	N
80. É companheiro	F	A	N
82. Passeia	F	A	N
84. Elogia	F	A	N
86. Cuida muito bem da organização da casa	F	A	N

Outros: _____

5. c.) Na sua opinião, estas características positivas:

() são situacionais, podem mudar

() são permanentes

5. d.) Porque?

88. Porque a vida ensina	SIM	NÃO
89. Algumas características podem ser mudadas, mas outras não	SIM	NÃO
90. Nasceu com a pessoa e não vai mudar	SIM	NÃO
91. Porque sempre foi desde que conhece o cônjuge	SIM	NÃO
92. Não sei	SIM	NÃO

Outros: _____

6. a.) Há características em seu parceiro(a) que você não gosta?

F	A	N
---	---	---

b.) Quais são elas e frequência?

93. É agressivo(a)	F	A	N
94. É autoritário(a)	F	A	N
95. É teimoso(a)	F	A	N
96. É crítico(a)	F	A	N
97. É calado(a)	F	A	N
98. Deixa de expressar sentimentos	F	A	N
99. Faz planos com colegas sem conversar/negociar	F	A	N
100. Anda com más companhias	F	A	N
101. É ciumento(a)	F	A	N
102. Bebe	F	A	N
103. Fuma	F	A	N

Outros: _____

Estas características:

- () podem mudar com o tempo
 () são permanentes, nascem com a pessoa e não podem ser alteradas
 () podem mudar apenas em parte

6. c.) Porque?

104. Porque a vida ensina	SIM	NÃO
105. A religião prega que as pessoas podem mudar	SIM	NÃO
106. Nasceu com a pessoa e não vai mudar	SIM	NÃO
107. Porque o cônjuge esforça-se para mudar	SIM	NÃO
108. Não sei	SIM	NÃO

Outros: _____

7) Como você avalia sua relação conjugal?

Satisfatória	Regular	Insatisfatória
--------------	---------	----------------

7. a.) Porque?

109. O relacionamento é normal, tem brigas e carinhos	F	A	N
110. O casal se dá bem	F	A	N
111. O casal busca um ao outro	F	A	N
112. O casal tem conflitos	F	A	N
113. O casal conversa	F	A	N
114. O cônjuge é bom	F	A	N
115. Nunca aconteceu nada grave	F	A	N
116. Gosta do cônjuge	F	A	N
117. O cônjuge é companheiro	F	A	N
118. O cônjuge é carinhoso	F	A	N
119. Relacionamento sexual satisfatório	F	A	N
120. Há equilíbrio/harmonia/respeito entre o casal	F	A	N
121. Não há autoritarismo do cônjuge	F	A	N

Outros: _____

QUESTIONÁRIO SOBRE A SAÚDE DO/A PACIENTE - 9 72883 (Portuguese for Brazil version of the PHQ-9)				
Durante as últimas 2 semanas, com que frequência você foi incomodado/a por qualquer um dos problemas abaixo?				
	Nenhuma vez	Vários dias	Mais da metade dos dias	Quase todos os dias
1. Pouco interesse ou pouco prazer em fazer as coisas	0	1	2	3
2. Se sentir "para baixo", deprimido/a ou sem perspectiva	0	1	2	3
3. Dificuldade para pegar no sono ou permanecer dormindo, ou dormir mais do que de costume	0	1	2	3
4. Se sentir cansado/a ou com pouca energia	0	1	2	3
5. Falta de apetite ou comendo demais	0	1	2	3
6. Se sentir mal consigo mesmo/a — ou achar que você é um fracasso ou que decepcionou sua família ou você mesmo/a	0	1	2	3
7. Dificuldade para se concentrar nas coisas, como ler o jornal ou ver televisão	0	1	2	3
8. Lentidão para se movimentar ou falar, a ponto das outras pessoas perceberem? Ou o oposto – estar tão agitado/a ou irrequieto/a que você fica andando de um lado para o outro muito mais do que de costume	0	1	2	3
9. Pensar em se ferir de alguma maneira ou que seria melhor estar morto/a	0	1	2	3
SCORING FOR USE BY STUDY PERSONNEL ONLY 0 + _____ + _____ + _____ =Total Score: _____				
Se você assinalou qualquer um dos problemas, indique o grau de dificuldade que os mesmos lhe causaram para realizar seu trabalho, tomar conta das coisas em casa ou para se relacionar com as pessoas?				

Nenhuma dificulda de ☐	Alguma dificuldade ☐	Muita dificuldade ☐	Extrema dificuldade ☐
Copyright © 2005 Pfizer Inc. Todos os direitos reservados. Reproduzido sob permissão. EPI0905.PHQ9P			
<i>Declaro que as informações contidas neste questionário são verdadeiras.</i>	Iniciais do/a paciente:	Data:	